

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

5



José Umberto Dias

DADÁ



FUNDAÇÃO CULTURAL
DO ESTADO
DA BAHIA

EMPRESA
GRÁFICA
DA BAHIA

Pela voz de Dadá, mulher de Corisco, o cineasta José Umberto nos conduz ao mundo das volantes, cabras e cangaceiros que até os anos 40 agitaram a vida do Sertão.

Um romance evocativo do cangaço. A narrativa dos combates e enfrentamentos feita pelos perseguidos. O dia-a-dia dos jagunços até o assalto final.

A FALA DO CANGAÇO

Locais de venda:

Academia de Letras da Bahia
Av. Joana Angélica, 198 — Nazaré
Universidade Federal da Bahia
Campus da UFB — Ondina
Casa do Benin
Ladeira do Pelourinho
Fundação Casa de Jorge Amado
Ladeira do Pelourinho
Livraria Freitas Kanitz
Rua Afonso Celso, 46 — Barra
Livraria Civilização Brasileira
Shopping Center da Barra
Livraria do Aeroporto
Aeroporto 2 de Julho
Livraria Notícias, Jornais e Revistas
Terminal Rodoviário
Livraria Universitária
Praça da Sé
Livraria Grandes Autores
Av. ACM, 260 — Pituba

Cz\$ 2.000,00
válido até 31/01

FUNDAÇÃO CULTURAL
DO ESTADO
DA BAHIA

EMPRESA
GRÁFICA
DA BAHIA

Governo Democrático

Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tanguado pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca comê, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos - guia de ruas e mistérios")

EXU: Escultura de Tati Moreno

Capa: EXU, de Manu

- 3 PIERRE VERGER
- entrevista
- 8 SEVERO SARDUY
- 10 VICENTE CECIM
- 12 PEDRO MOACIR MAIA
- 20 JORGE AMADO
- 22 ANTONIO BRASILEIRO
- 23 BRENO DE CASTRO
- 24 MOACYR SCLiar
- 26 MARÇOS RIBEIRO
- 27 FÁTIMA MACHADO NETO
- 28 ANINHA FRANCO
- 38 CASA DO BENIN
- 40 Registro

Poster
Escultura de Mario Cravo Filho
Texto: Claudius Portugal
Foto: Mário Cravo Neto

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (presidente)
Antonio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florisvaldo Matos, James Amado,
João Jorge Amado, José Carlos Capinan,
Paulo Tavares,
Wilson Lins;
Criação Original: D & E;
Fotografia: Waldir Pinheiro;
Diagramação: Humberto Vellame;
Composição, Fotolito e Impressão:
Empresa Gráfica da Bahia



Exu é uma publicação bimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho s/n, Salvador,
Bahia, CEP 40025, Tel.: 242-0075.

Os conceitos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores.
Os originais não serão devolvidos.

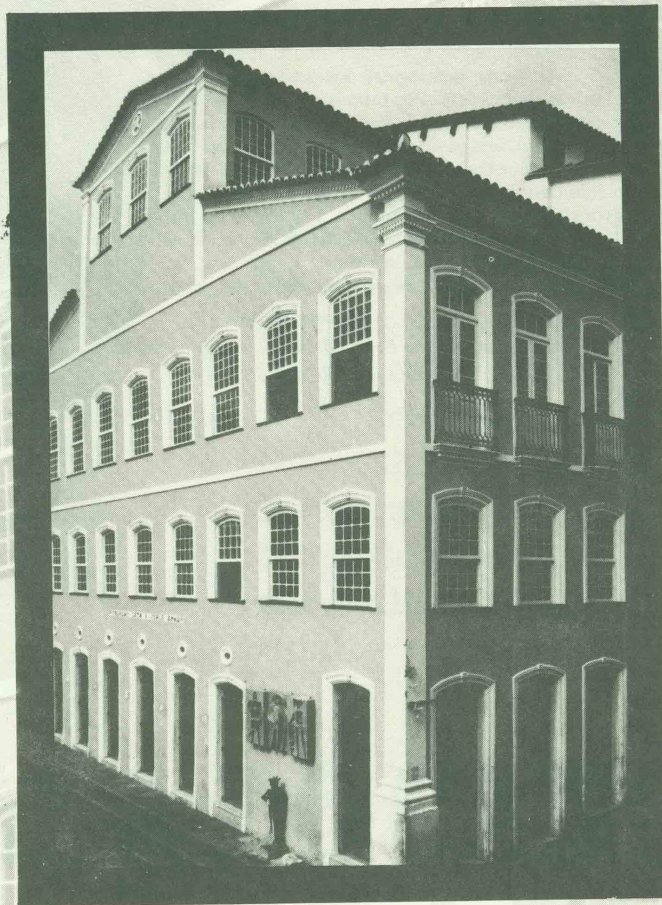
Publicação de acordo com a Lei Federal
n. 7505/86 (Lei Sarney).

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda,
José Paulo Paes, Ricardo Ramos (São Paulo)
Afrânio Coutinho, Antonio Torres, Eduardo
Portella, Fernando Sabino, Mário da Silva Brito, Rubem
Braga, Bella Jozef (Rio de Janeiro), Paloma Amado
Costa (Brasília), Nadia Gottlieb, Oswaldo França
Júnior (Minas Gerais), João de Jesus Paes Loureiro
(Pará), Marcus Aeyolli (Pernambuco), Sérgio de
Castro Pinto (Paraíba), Janaina Amado (Goiás),
Antonio Holthefeldt, Armindo Trevisan, Danilo Ucha
(Rio Grande do Sul), Haydée Jofre Barroso, José
Maria Paolantino (Argentina), Isabel Allende
(Venezuela), Gustavo Bustamante (Colômbia),
Miguel Bustos Cerecedo (México), Gregory Rabassa,
John Dwyer, Nancy Baden, Richard O'Connell, Tomas
Colchie (Estados Unidos), Alice Rayard, Francis
Combes, Jean Orecchioni, René Depestre (França),
Dario Puccini, Luciana Stegano Pirchia (Itália), Alvaro
Salema, Fernando de Assis Pacheco, José Carlos de
Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros, Nuno Lima de
Carvalho, Francisco Lyon de Castro (Portugal),
Xela Arias (Espanha), Antônio Olinto (Inglaterra), Theodor Popoff (Bulgária), Pavla Lidmilová
(Tchecoslováquia), Kostas Assimacopoulos (Grécia), Jorge Kaluguim, Vera Kuteichicova (URSS),
Jorge Alfama (Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola), Rui Nogar (Moçambique), Osamu Kumasiro (Japão).



setembro/outubro/1988





Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente: Germano Tabacof / **Diretor Executivo:** Myriam Fraga

Conselho Curador: Alfredo Machado / Antonio Celestino / Calasans Neto

Carlos Fraga / Carybé / Germano Tabacof / James Amado

João Jorge Amado / Joelson Amado / Mirabeau Sampaio / Paloma Amado Costa
Paulo Tavares / Zélia Gattai Amado / Zitelman de Oliva.

Conselho Fiscal: Ernesto Widmer / Floriano Teixeira / Jorge Lins Freire
Lafayette Pondé Filho / Renato Antonio Martins.

Mantenedores: Construtora Norberto Odebrecht S.A. / Banco Econômico S/A
Companhia Brasileira de Alumínio — Grupo Votorantim

Consórcio Andrade Mendonça Suarez / Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda.

Editora Record / Fundação Cultural Nestlé / Nacional Iguatemi Empreendimentos S/A
Transguarda / Nitrocarbono / Construtora Mendes Júnior

Sindicato da Indústria Petroquímica e Resinas Sintéticas no Estado da Bahia-SINPER
Jean Luc Lagardère / Construtora Andrade Gutierrez S.A. / Fundação Banco do Brasil

Entidades Conveniadas: Secretaria da Educação do Estado da Bahia
Secretaria da Cultura / Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Chega-se lá por uma rua empinada. Transversal da Vasco da Gama. Ruazinha humilde, de gente pobre. Escondida no meio das árvores, a casa não se diferencia em nada das outras: uma cerca na frente, portão de madeira, quintal de terra batida com algumas plantas nativas. Um cachorro amarelo dá o sinal. *Ó de casa, Pierre Verger?*

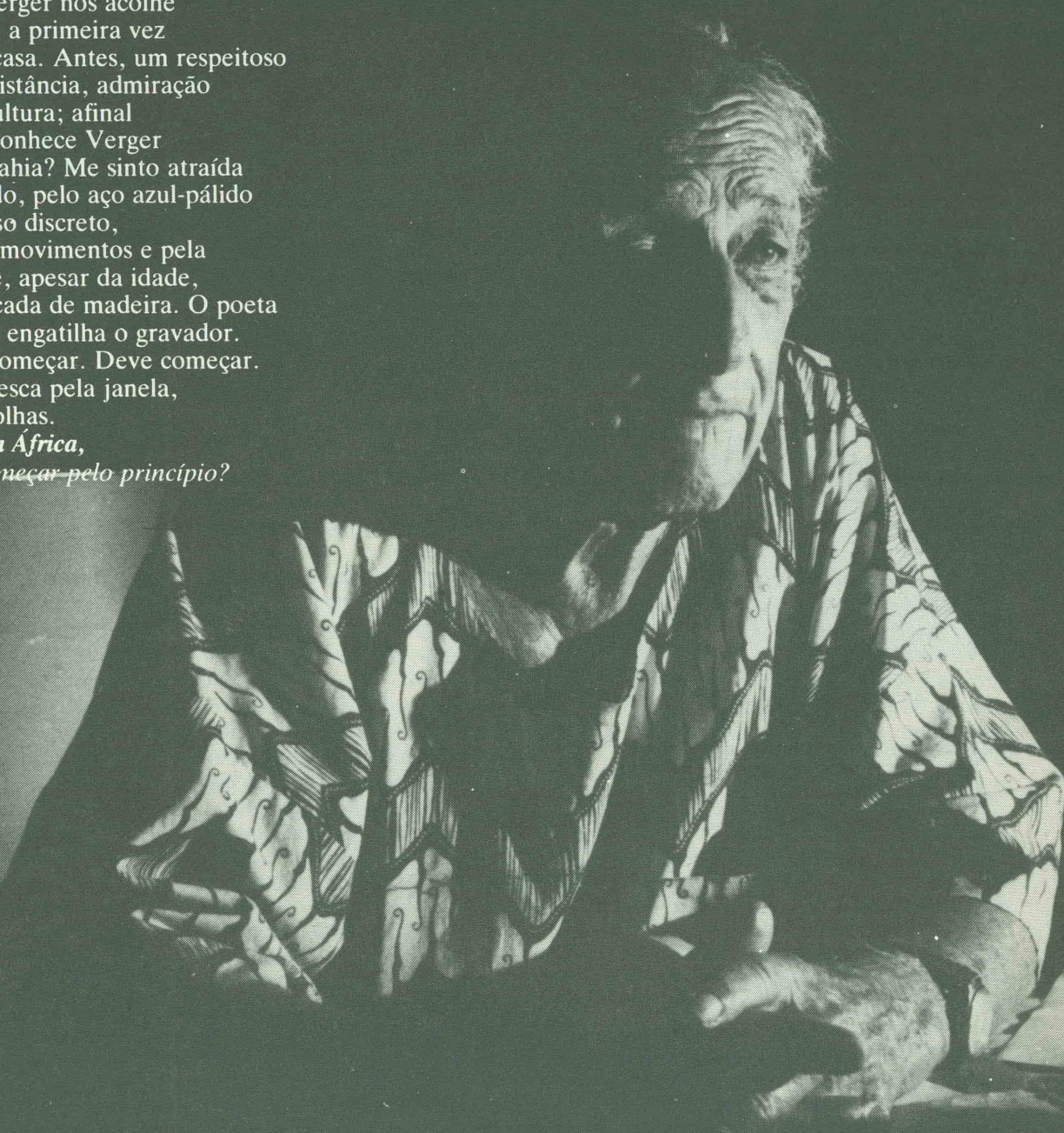
Uma voz responde, cantante, de dentro: *É do lado, pode entrar que ele tá em casa.* Quando nos abrem a porta a penumbra fresca da sala de telha-vã é como um bálsamo depois da ofuscante claridade da avenida, os engarrafamentos, as frenéticas buzinas. No canto da soleira um Exu de ferro vigia a entrada. Aos pés moedas espalhadas e pequenas oferendas. *Nós viemos em paz, meu rei. Com a alegria no coração e a dádiva da amizade.* Um discípulo atencioso nos leva até o mestre em seu quarto-escritório no andar de cima.

Algumas pessoas, na maioria pesquisadores, silenciosamente estudam e escrevem pelos cantos da casa. Alguns vieram de longe em busca de orientação e ensinamentos.

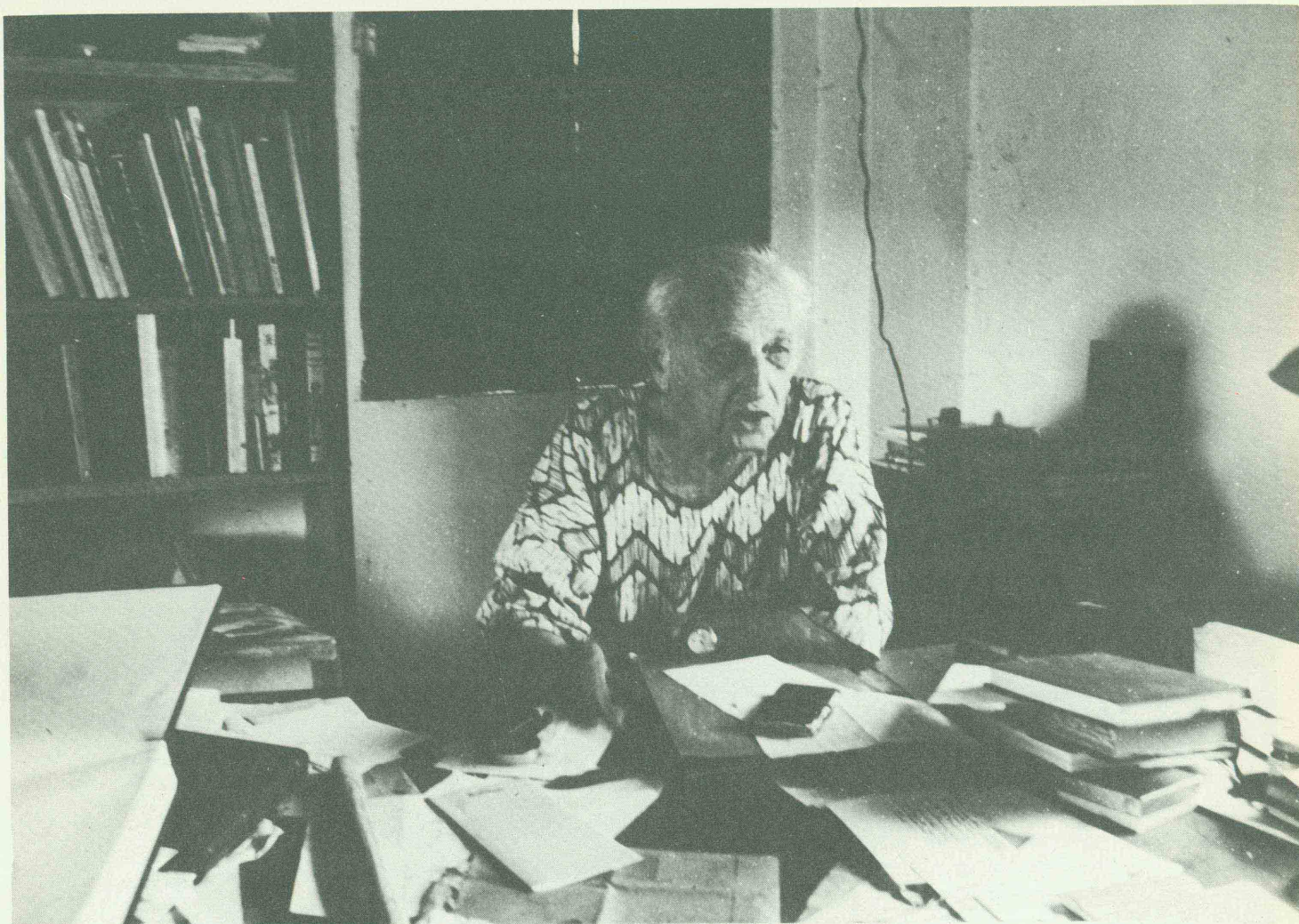
Pierre Fatumbi Verger nos acolhe fraternalmente. É a primeira vez que vamos à sua casa. Antes, um respeitoso conhecimento à distância, admiração por sua notável cultura; afinal quem assim não conhece Verger nesta cidade da Bahia? Me sinto atraída pelo rosto marcado, pelo aço azul-pálido dos olhos, pelo riso discreto, pela lentidão dos movimentos e pela agilidade com que, apesar da idade, sobe e desce a escada de madeira. O poeta Claudius Portugal engatilha o gravador.

A entrevista vai começar. Deve começar. Vem uma brisa fresca pela janela, um farfalhar de folhas.

Esta árvore veio da África, ele diz. Vamos começar pelo princípio?



PIERRE VERGER



Gostaríamos de conhecer a sua chegada. Como foi essa sua vinda para a Bahia?

Eu cheguei no dia 5 de agosto de 1946. Me lembro bem, a bordo de um velho navio brasileiro que se chamava "Comandante Capela". Era a última viagem desse navio. Levamos mais de uma semana ou uns dez dias para vir do Rio até aqui. A bordo do navio, o primeiro brasileiro baiano que conheci era um certo Cid Teixeira, que era muito magro nesse tempo, bastante jovem, e que voltava de uma delegação de estudantes. Já tinha essa voz estereofônica com a qual ele ficou famoso. Chegamos de noite. Na chegada tinha uma alegria muito grande a bordo. Uma alegria que não entendia muito bem nesse tempo, porque ainda não era acostumado ao caráter brasileiro, bastante expansivo, e essa alegria era tão grande que ninguém pensava em dormir a bordo do navio, já que só podíamos desembarcar de manhã cedo. Depois, agora, como faz mais de quarenta anos que aconteceu essa coisa, estou na mesma situação: fico com uma alegria muito grande cada vez que estou voltando à Bahia. Quer seja por avião, ou como foi antigamente, que era muito mais agradável, quando se voltava de navio. Essa mesma afeição, eu não tenho mais quando volto para minha terra natal. Tenho saudades da Bahia. Ando às vezes pelas ruas de Paris gritando: Bahia!

Bahia! Bahia! Nunca me aconteceu a mesma coisa aqui passando nas ruas da Bahia, e minha terra natal é Paris. Isso tem algo um pouco misterioso, que eu não posso explicar. Porém, que age sobre mim e eu não posso explicar. Até eu não gosto muito de explicar porque o que é importante na vida é não explicar, é sentir as coisas. Eu acho que é muito importante saber o como e não o porquê. Porque a observação parece que não é muito capaz de explicar o porquê. O importante na vida da gente é detectar o como das coisas sem querer explicar demais porque ao se explicar demais não são mais as coisas como são, e é a personalidade da pessoa que se expressa e que está presente nas palavras. É interessante em certo ponto de vista, porque se sabe quem é a pessoa, mas não se sabe muito o que é coisa que está descrevendo. Isso vem, talvez, do meu temperamento, que é um temperamento de fotógrafo. Uma pessoa que registra as coisas e que não explica. Tem, talvez, até emoção, por certas coisas que se traduz num pequeno gesto do dedo, e recolhe a coisa que vê neste momento. Pessoalmente, do ponto de vista fotográfico, sou incapaz de fazer uma foto de composição. Eu sou incapaz de exigir: olhe para aqui. Sou incapaz de fazer isso. Há um momento onde se faz a foto, e aí parte um pouquinho do inconsciente da gente, e não se sabe por quê finalmente

num momento preciso se fez essa foto. O que faz que, para o fotógrafo, é uma coisa bastante interessante, ele venha a poder até falar de sua própria foto sem estar com sentimento, já que ele descobre esse momento na foto que fez e não percebe o momento que fez. Bom, estamos um pouquinho longe do assunto da Bahia, por um momento. Mas, vou declarar que uma das razões da minha chegada aqui, é em grande parte do fato de ter lido, antes da guerra, Jubiabá, de Jorge Amado. Fiquei encantado com o livro.



E a Bahia real manteve este encantamento na chegada?

Confesso que a reação que tive foi até mais forte. Cheguei aqui vindo de uns cinco anos no Peru, que é muito interessante, porém nunca cheguei a estabelecer um contato de amizade. Aqui encontrei essa acolhida tão gentil, tão quente, da gente. Os abraços... Uma facilidade de se comunicar que não tinha encontrado em outras partes do mundo.



E sua paixão pela cultura afro baiana. Há uma explicação?

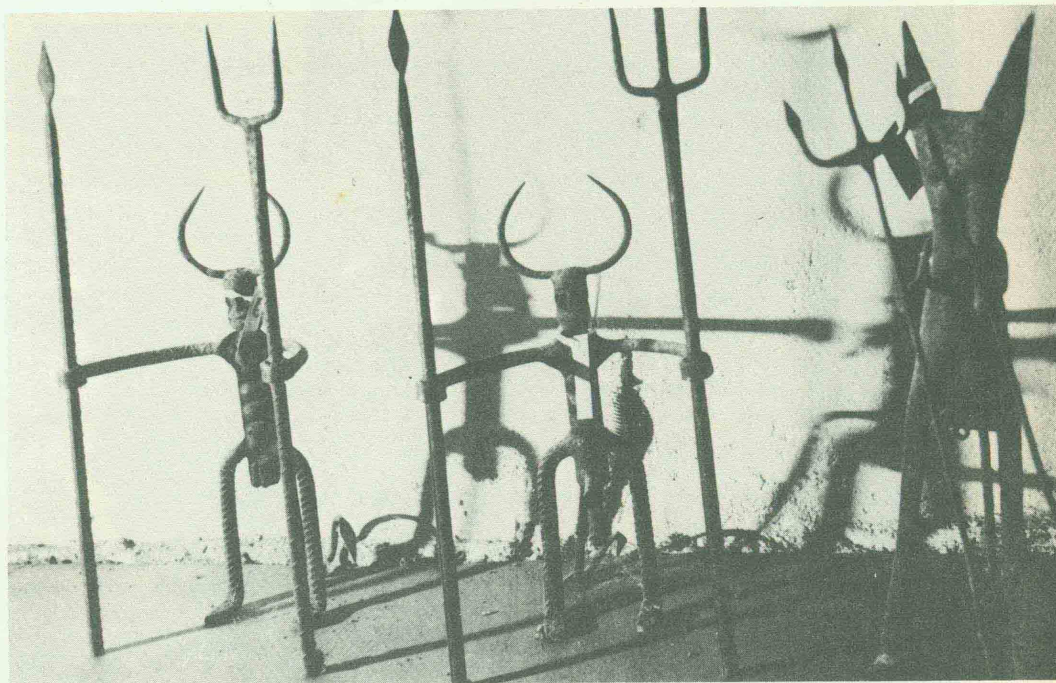
Até um certo ponto, posso dizer que na Bahia eu descobri a África. Eu tinha ido a África no ano 36 e passei uns seis meses muito interessante, onde fiz muitas fotos das coisas que tinha visto. Era só interessante porque tinha

visto sem entender, e uma das razões era porque não falava a língua. Quando cheguei aqui, cheguei a entender um pouco da África, porque pude me comunicar com a gente. E vou dizer uma coisa: o que me interessou muito nessas origens africanas não foi tanto as religiões, mas o papel que essa religião teve para dar dignidade aos descendentes de africanos. Quero proclamar até que essa religião faz com que a gente daqui, os descendentes de africanos não se sintam descendentes de escravos, não se sintam humilhados. Já faz tempo que tinha sentido essa coisa, ainda no tempo que na África todos os países eram ainda colônias francesas ou inglesas. Me lembro que já nesse tempo o pessoal daqui tinha orgulho de ser descendente de africanos. Coisa que não existia nos Estados Unidos, por exemplo, onde a pessoa não tem razão nenhuma de ser, de ter este orgulho, porque foram cortados completamente dos valores religiosos e culturais deles. E só são gente, para eles, se chegam a ser advogado, capitão, deputado, qualquer coisa que esteja dentro da religião da classe dominante branca. Aqui é o contrário. Os descendentes de africanos não se sentem gente porque chegam a ser advogados ou qualquer outra coisa. Se sentem bem através da religião que seguem. Esse orgulho permite falar de igual para igual com qualquer pessoa, e não têm necessidade de provar que são gente.



Mas o preconceito racial não seria, talvez, a forma mais direta de situar esse problema, de verificá-lo no dia-a-dia?

Acontece que às vezes a gente pensa que tem preconceitos raciais. Pode ser que tenha, mas não tanto como a gente pensa. Acontece que gente em contato com outra, não é sempre assim de uma grande gentileza para o outro, mas se acontece entre branco, o branco diz logo: esse sujeito tem mau caráter. Porém, se o sujeito, esse mau caráter, tiver relação com o preto, a interpretação do preto é dizer: bom, o sujeito é racista. Pode ser que não seja. Mas a primeira interpretação é de dizer que é racista. Então, isso pode dar a falsa impressão de racismo, lá onde muitas vezes não há racismo. Porém tem países, ao norte daqui, onde esse racismo é bem conhecido. E assistimos a um fenômeno curioso que é a quantidade enorme de obras que estão publicando os universitários dos Estados Unidos, livros e livros para explicar que a situação do Brasil é uma situação de racismo. Porque para qualquer pessoa que seja professor universitário ou não, é muito difícil para uma pessoa entender



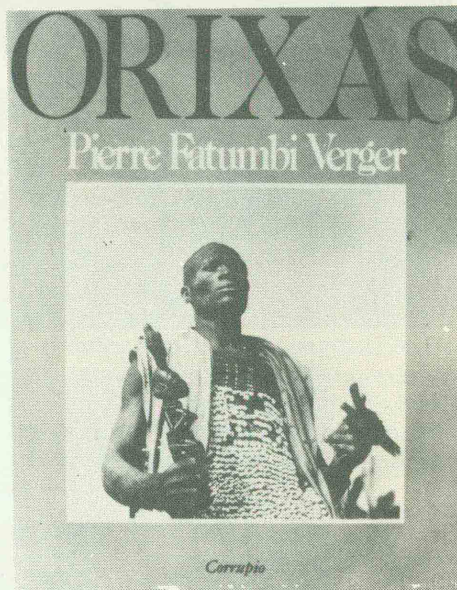
o ponto de vista do outro. Só entende o dele e interpreta a reação da outra pessoa. Como as reações dele e como ele é racista, pensa que todo mundo é racista, e não entra na cabeça dele que a gente não possa ser racista. Há uma espécie de ação que vem do norte, que é muito pernóstica, porque a coisa não é tão grave como se pretende.



Mas essa maneira de pressão, essa influência, ela também pode estar sendo responsável por uma reação, inclusive contra a miscigenação, procurando que exista um isolamento e procurando criar um tipo de racismo?. Bom, acontece que digo que tem um pouco, que tem racismo às vezes aqui. Tinha grupos carnavalescos que recusavam a entrada de pretos no grupo. Por reação a esse racismo, teve grupos de pretos que fizeram grupos recusando a presença de brancos. Isso é uma reação normal de parte de gente agredida em sua dignidade.



Existe uma tendência, digamos, para que haja uma união entre pretos e brancos aqui na Bahia? Uma aceitação. Por exemplo, se vou num restaurante que tem pessoa que me serve que é preta, ela me chama de meu nego, por gentileza, e já se sabe que diz uma coisa carinhosa. Esta expressão é uma coisa carinhosa. No sul não é assim. Só essa diferença já mostra que é uma diferenciação fundamental de relação entre as pessoas. Eu não pretendo dizer que a situação seja um paraíso para gente de cor, porém é o único país do mundo onde cheguei e entrei em relações amistosas e de igualdade com gente de origem africana. Eu vivi muito tempo na África. Sobre os qua-

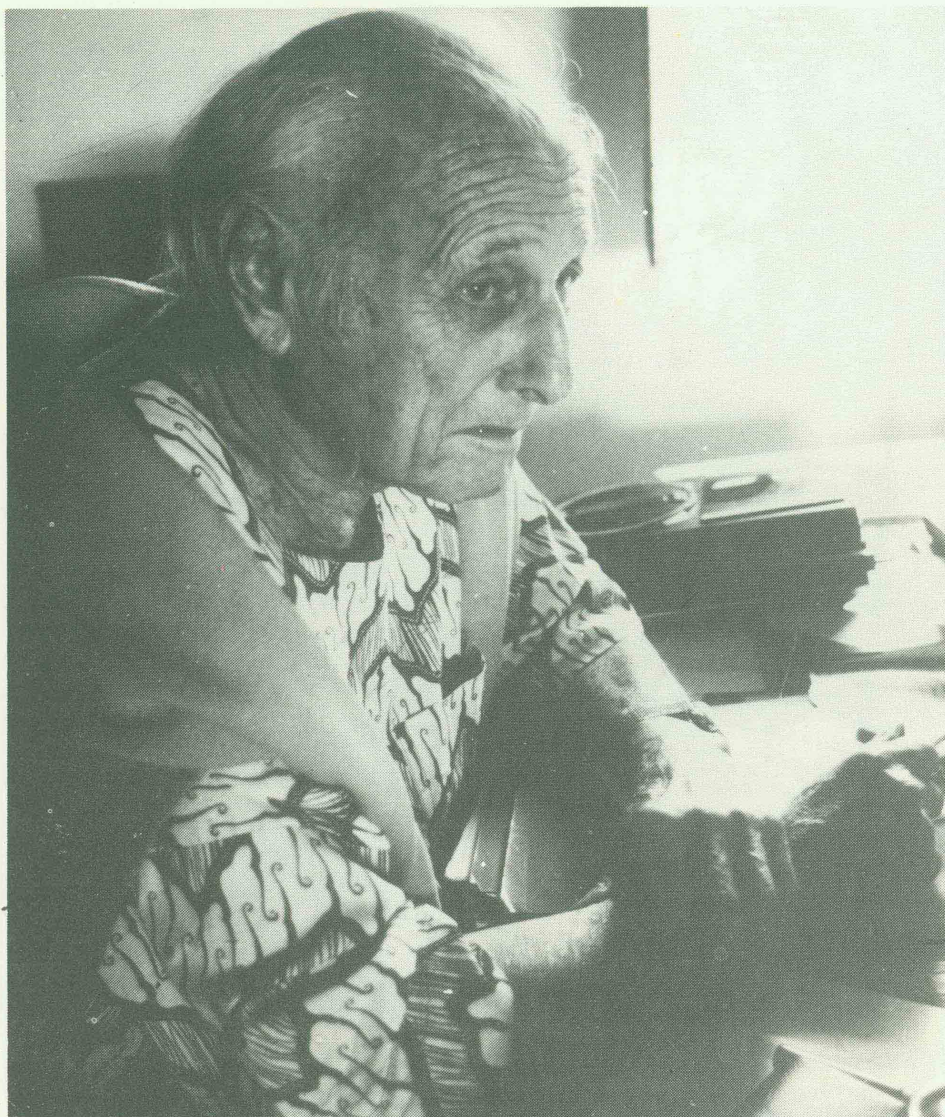


renta anos que estou aqui, aqui tem certos sentidos de fraternidade.



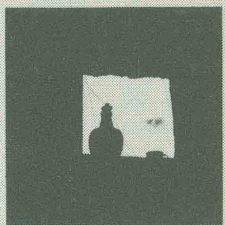
E quando o senhor chegou. Essa situação era melhor ou pior?

A situação era melhor porque a situação geral era melhor. A situação geral era melhor porque a gente não tinha uma espécie de obrigação de fazer parte da sociedade de consumo como agora. Nesse tempo não tinha televisão, tudo era muito mais simples. Tinha muito pouco carro aqui na Bahia, todo mundo andava de bonde, se podia andar com tranquilidade, a gente não era apressado, tinha tempo de fazer qualquer coisa. A gente vivia de maneira muito mais simples. A gente fazia a cozinha sobre carvão e ninguém estava morrendo de fome por isso, tinha liberdade de não ser prisioneiro de costumes que obrigam agora a viver com uma televisão em sua frente, vendo coisas que não têm nome. As poucas vezes



Retratos da Bahia

1946 a 1952



Pierre Verger

que olhei a televisão fiquei atterrado com as coisas que era obrigado a ver.

 **E as reações entre pretos e brancos naquela época eram mais ou menos como hoje?**

Tinham o mesmo caráter. Foi nesse tempo que encontrei essa possibilidade de me comunicar com esse pessoal.

 **Mas não era uma situação em que o negro era menos valorizado como cidadão?**

Isso é uma coisa. Tenho uma opinião

um pouco rara, talvez furiosa para o que se chama alta classe. Não tem senso. Classe é uma palavra que me faz mal pronunciar, porque eu não acho que tem classe de gente.

Pessoalmente tenho uma opinião um pouco pejorativa sobre os intelectuais. Fiz uma exposição aqui, recentemente, onde eu coloco a questão do transe. Como estava um pouquinho mal

humorado, eu falei que nós fazemos parte de uma civilização que é uma civilização de papagaios. Somos papagaios.

Escutamos uma coisa e repetimos sem realmente saber o que quer dizer e de um jeito muito doutoral. Os outros escutam com muito respeito e depois repetem. Devo dizer que a coisa foi muito mais bonita do que digo agora, porque ninguém se sentiu atingido pela crítica, e todo mundo conversava comigo a mesma coisa, porque ninguém pensava que era uma crítica. Fui aplaudido, foi uma coisa maravilhosa, e foi considerado o ponto mais interessante que havia falado. Mas o que acontece é que a gente não é formado pela educação. A gente, talvez, é deformado pela educação.

Então, se a gente vem contra, isso fica no inconsciente, e esse inconsciente só pode dar a possibilidade de se afirmar quando o consciente é abolido.

Então, quando se diz que as religiões são religiões de possessões, a palavra é completamente falsa. Não são crises de possessão. São crises de expressão do ser profundo que pode se expressar.



O senhor chegou aqui através da leitura de Jubiabá. E aqui veio como fotógrafo. Como foi esta caminhada, a sobrevivência aqui?

Eu fiquei como fotógrafo do O Cruzeiro, fazia reportagens com textos de Odorico Tavares, até o momento que consegui uma bolsa de estudo para ir à África estudar cultos africanos.



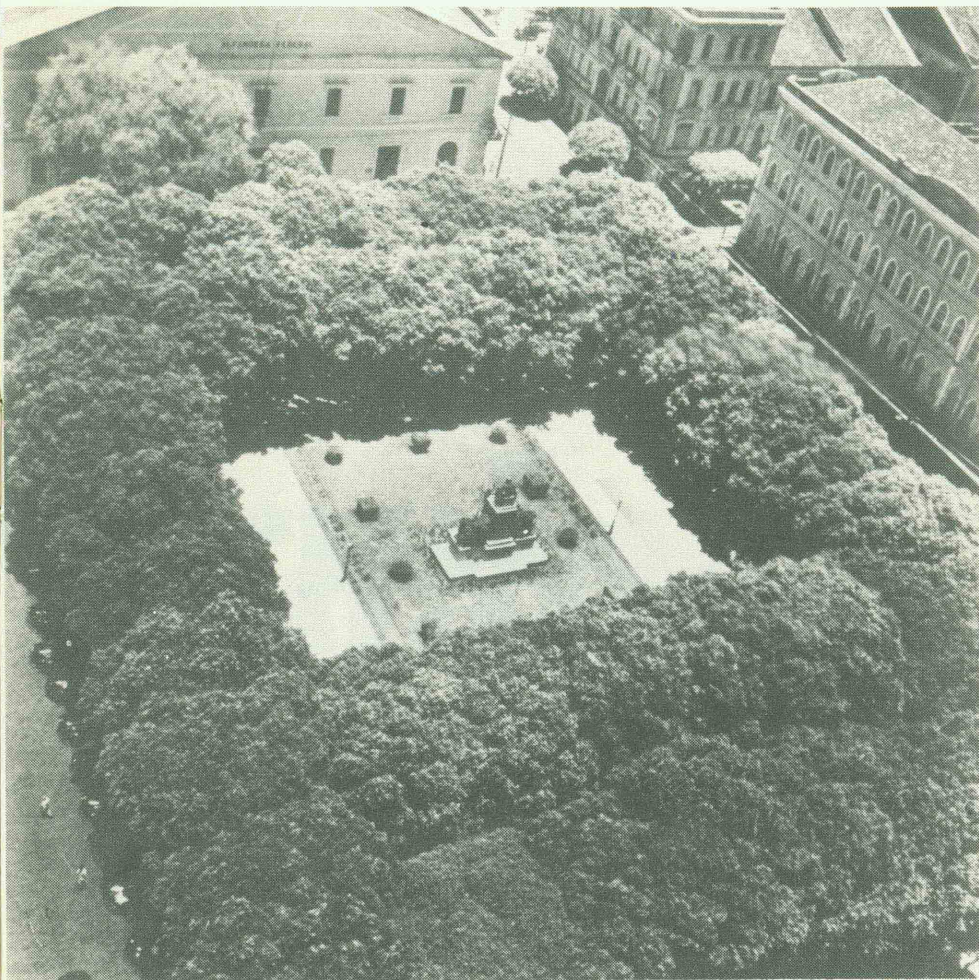
Suas fotos hoje estão como documentos de uma época baiana.

Sim. Porque tinha lugares encantadores, como a Praça Cairu, que era uma espécie de floresta. Muita gente pergunta: onde é esse lugar?



E o escritor sobre as coisas da Bahia. A partir de quando pode marcar o seu começo?

Bom, isso foi porque tive um ultimato da parte da direção que me tinha dado a bolsa. Eles me obrigaram a escrever,



Praça Cairu, Foto Pierre Verger

me dizendo: não lhe oferecemos essa bolsa para você se converter ao paganism, você tem que escrever. Então, escrevi, e até faz pouco não dava muita importância a esse livro.



Ele tem como data de publicação, 1957.

Sim, mas foi escrito mais ou menos em 54. Eu não dava importância a esse livro porque era só descrição de coisas que tinha visto, sem teoria pré-estabelecida. E só faz pouco que percebi a importância que tem, como eu já falei, tenho de me repetir um pouquinho, a importância do como e não do por quê. Porque o como tem uma chance de ter certa parte de verdade. Escrevi coisas que tinha visto, coisas que tinha recolhido. Dava mais importância a outros livros, onde já tinha uma teoria, que é, por exemplo, uma expressão da personalidade da gente. É uma espécie de arquétipo de comportamento. Nele eu não explicava porque a razão de gente de origem não africana poder cair em transe. Essa coisa que era normal em descendente de africano, ou de qualquer outra origem, poder entrar em possessão de uma entidade que era profundamente africana. Aí, afinal, pensei que era mais um arquétipo de

comportamento, comportamento que é possível para gente branca como para gente africana. Toda gente que é de Xangô, por exemplo, todos que são de Ogum, de Oxum, se vê que toda a gente que pertence a um certo orixá tem certas características em comum. E isso eu descobri depois. Depois de ter feito esta constatação que finalmente o Orixa é parte inconsciente reprimida da pessoa que pode se expressar no momento em que a parte consciente está abafada, está apagada. É uma possibilidade de se expressar, de expressar sua natureza reprimida pela vida. É uma coisa excelente!



E o candomblé hoje. Como o senhor o vê nesses quarenta anos, já que a Bahia foi modificada, principalmente pelo turismo?

O turismo é muito perigoso. Mas o que é perigosíssimo são as teorias dos intelectuais. Coisas que não têm nome, que não se justificam, mas que são apresentadas com muita inteligência. São coisas muito inteligentes! Mas, inteligente, podem se dizer coisas que são estupidézias tremendas. Muito bem explicadas, mas que são completamente falsas. Infelizmente, há recentemente coisas

publicadas, que dizem exatamente o contrário do que são. Tem uma pessoa que escreveu que é proibido a gente comer as comidas que fazem parte das oferendas que se faz a um certo santo. Fez um trabalho minucioso e conseguiu a confirmação do ponto de vista que queria mostrar, mas que é completamente o reverso. Quando uma pessoa faz um trabalho com uma hipótese de trabalho consegue provar qualquer coisa. E isso, porque baseou a teoria sobre a teoria de outra pessoa, da qual não quero dar nome, que escreve de maneira inteligente, mas que escreve coisas completamente estúpidas. É muito grave! O raciocínio é perfeito, mas a base é falsa. Tem muita gente inteligente que é completamente falsa. É isso que é perigoso para o candomblé. Porque o conhecimento do candomblé não é conseguido pela gente do candomblé de maneira didática. Nunca um pai de santo, digno de seu nome, ensina as coisas. Eles demonstram como se faz, sem explicar. Se a gente é inteligente, entende o que é.



E a utilização do candomblé, os mitos africanos, religiosos ou não, numa recriação literária.

Como vê isto?

Eu acho que é um meio de usar os mitos africanos para a gente conhecer. Eles são de uma poesia e de uma beleza muito grande. Não acho inconveniente algum, se não fizer uma deformação de caráter. Digo que há livros muito bonitos. Vasconcelos Maia, por exemplo. Se não deformar o caráter do santo, por que não?

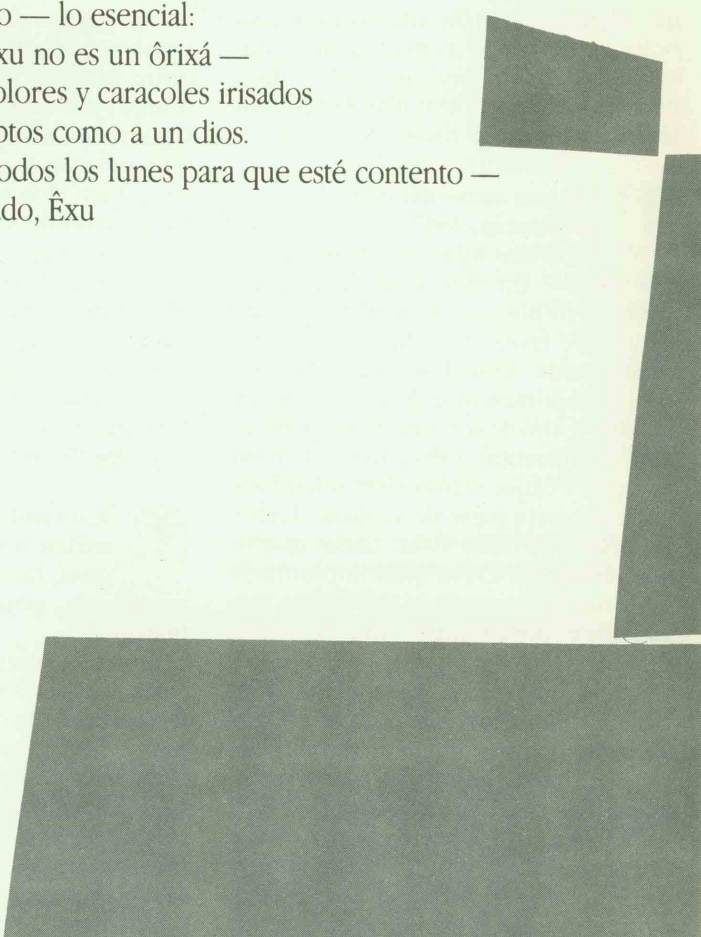
Pierre Verger prossegue falando, tem fita à vontade. A gente na escuta. Nem se lembra mais de perguntar, a entrevista se espalhando em conversa, tomando conta da manhã, no adiantado da hora. Temos a sensação do poder ficar ali o tempo todo, só ouvindo. Verger nos leva até a porta, desce a rampa de terra, vai até o carro. De longe ainda acena, uma figura bonita em seu bu-bú africano. Primeira vez que vim. Mas não será a última. Prometo.

Myriam Fraga

SEVERO SARDUY

AB Jorge

A ti también habría que dedicarte un ABC.
Bien que te lo mereces, por recordarme y por los dos libros.
Castro Alves, nuestro Rimbaud, escucha y responde a los ôrixás,
De un modo incomprensible para los ajenos,
En un diálogo que sólo tu puedes descifrar.
Feliz encuentro ese: el del liberador por la palabra y los dioses silenciados
Gemelos astrales, ibêjes del cosmos negro y la luz fósil.
He aprendido mucho en estos libros;
Ignoraba — debo confesarlo — lo esencial:
Jamás pude imaginar que Êxu no es un ôrixá —
Kilos prietos, trompos de colores y caracoles irisados
Le ofrecen en Cuba los adeptos como a un dios.
Llenamos un vaso de agua todos los lunes para que esté contento —
Mensajero, criado, despachado, Êxu



C para Amado

No pertence — dice Carneiro — ni a este mundo ni al
Otro: es el que los comunica a los dos.
Puede ser que esa sea tu misión en la Regla y en la vida —
Que son igualmente feroces en su rigor —:
Relacionar, unir, religar a los hombres
Separados, hundidos en sus espesas siestas,
Tomando compulsivos tragos de cachaça y daiquirí.
Una noche de lluvia, cantando en Bahía,
Vimos, entre dos relámpagos —
Waly Salomão y yo — como bajaba
Xangô, blanco y bermejo, en su caballo de nácar.
Y lo saludamos en tu nombre. Entonces apareció en el
Zénit un hacha de oro en forma de T.

Severo Sarduy é escritor cubano.
Reside em Paris.

Enquanto Andara envolvia a nossa casa, à noite, a floresta lá fora, eu ali pensava em como a carne é luz e se apaga.

E foi a noite em que ele veio.

Na noite em que ele veio não havia um céu por cima de nós. Nem lua nem as estrelas. Só um passar das nuvens de sal por sobre a casa, lentamente elas sempre passam e nunca passa o sal em nós.

Não? Eu ali pensava.

Sobre a nossa casa, o céu negro e aquelas nuvens lentas elas, o negro de uma noite em que ele veio com aquela estrela no ombro a estrela como se fosse um animal que houvesse caçado e agora o trazia para dentro da nossa casa, mas não a punha no chão, não, a estrela ficava em seu ombro e então a casa, por dentro, ficava toda iluminada por aquela estrela no ombro. Daquele ombro vinha aquela luz que ia deixando toda a casa como se fosse dia, e nós então naquela luz amarela que aquele homem trouxera.

Não disse nada, o homem.

Apenas sentou conosco em nossa mesa, porque nosso pai o convidou.

Coma, disse nosso pai.

— Coma, dizia nossa mãe com voz mais alta porque o homem com a estrela no ombro pareceu não ter ouvido a primeira voz do nosso pai oferecendo a nossa mesa.

Fiquei olhando para aquela estrela no ombro dele até que a noite passando lá fora veio vindo mais para dentro de mim e acho que adormeci

Ouvi então longe as vozes. Aquelas vozes vinham de bem longe e diziam

— Coma mais, e troque este pedaço de carne por um pouco dessa luz que tem nos ombros porque a nossa fome é outra, em nós a fome ela

— Quanta fome de tudo, ouvi que dizia outra voz e reconhecia a voz da mãe, que de repente estava se curvando, se curvava e depois já estava debaixo da mesa. Olhei aquela mulher encolhida e vi que ela também parece que havia adormecido debaixo da nossa mesa, em nossa casa aquela mãe adormecendo assim embaixo da mesa e lá fora sempre a noite passando, o escuro, dentro dele nós estávamos em nossa casa, e passando por nós também aquele homem com uma estrela no ombro.



Gilberto Salvador

Aquela estrela nos dava a todos muito sono, e mais tarde já eram os irmãos que estavam dormindo, todos, as caras dentro dos pratos, uns, outros resvalando na cadeira e indo também para o chão, onde encontravam um corpo e era o corpo daquela mãe, o calor do corpo de nossa mãe e se abraçavam a ele. E todos chorando no sono, como choravam, suas vozes, esses choros. Vinham aqui para fora onde em nossa casa aquele homem com a estrela no ombro. Ainda estava. Permanecia, não ia embora. E não se apagaria aquela estrela que ele trouxera?

Aquilo frio vinha, viera então para dentro da nossa casa todo aquele frio naquela noite da estrela.

Porque sua luz gelava tudo, e dentro de nós também.

Por isso os irmãos procurando o corpo da mãe adormecida sob a mesa para achar um pouco de calor nesta vida, antes que a estrela esfriasse tudo e a vida se tornasse, ali dentro de nós, o gelo, a vida e ainda mais do que se dizia que era naturalmente fria. A vida.

— É mais fria, dizia o nosso pai, quando não há o humano por perto.

Ele dizia isso e nos puxava um a um, todos, filhos, para dentro do seu peito.

E eu ali pensava: como a carne é luz. E se apaga?

Agora o homem com a estrela no ombro estava indo embora?

Estava?

Não, não estava, permanecia: era um sonho que eu tinha e aquele frio em mim, no sono adormecido me fazia sonhar que ia embora. Para que a vida voltasse quente à nossa casa, enquanto lá fora, a floresta, toda escura, e por cima de nós, da casa, sempre passavam as nuvens de sal.

Passariam um dia? E por que aquele sal não caía logo do céu, ardente, sobre nós, para nos aquecer?

Continuava sentado, ali, na nossa mesa. O homem com a estrela.

E afundávamos todos num sono ainda mais fundo.

Nosso Pai reavivava então o fogo.

Mas que fogo, se na nossa casa já não havia fogo algum aceso desde que o homem com a estrela no ombro viera?

No meu sono, tremendo de frio.

Sob a luz daquela estrela que viera para nos gelar, todos nós, e uns gelados debaixo da mesa adormecidos e outros com as caras dentro das sopas e só o nosso pai e o homem ainda acordados, um diante do outro fossem nossos pais eles, nós, os adormecidos.

Não iria mesmo vir daquele homem que viera com a estrela uma palavra, não?

Nosso pai olhava para nós de uma distância tão grande, querendo nos alcançar no fundo, poço gelado onde estávamos adormecidos.

Não iria mais embora aquele homem, não?

Leve os nossos olhos e deixe, troque por essa luz que traz consigo. Dizia o nosso pai ao homem, ele, mudo, e a estrela.

Depois, vi do meu sono que nosso pai agora estendia, enquanto um sonho também o tomava por inteiro, a mão para a estrela no ombro do outro.

Aquela mão queria tocar um céu cheio de

Aquela mão queria o ombro de um outro.

Mas vencida pelo sono do nosso pai ia caindo também, aquela mão até o chão, onde ambos adormecendo juntos, a nossa mãe e o nosso pai.

Viera da noite lá fora, escura, aquilo: homem com uma estrela no ombro.

Calado, silencioso. Só ele acordado na sala e a nossa casa à noite.

O homem com a estrela.

E já então levantava-se, olhava em volta.

Procurava. E o que procurava?

Nada.

Ou nada achou.

Pois logo estava outra vez sentado no lugar em nossa mesa onde sentara pela primeira vez, ao chegar.

E aquilo de sentar justamente onde estivera sentado, exatamente, depois de ter olhado em volta.

Aquilo era como se nunca ele houvesse se levantado.

Como se nunca tivesse procurado nada em nossa casa.

E, dentro da noite lá fora, o que era a vida?

Viera da noite lá fora, escura, aquilo: Homem com estrela no ombro.

E eu, ali, pensando, em como a carne é luz e se apaga.

Vicente Cecim é escritor. Nasceu em Belém do Pará, na Amazônia, atualmente vive na Bahia. Escreveu A asa e a serpente, Os animais da terra, Os jardins e a noite, Terra da sombra e do não, Diante de ti só verás o Atlântico, O sereno e As armas submersas, livros reunidos no volume Viagem a Andara, o livro invisível.

Gilberto Salvador é paulista. Artista plástico, tem vários prêmios no Brasil e no exterior.



Dos grandes temas marianos o de mais difícil representação artística foi o da Imaculada Conceição. Não havia unanimidade entre os Padres da Igreja e os teólogos quanto ao privilégio de Maria ter sido concebida sem pecado; por outro lado, como expressar isto visualmente, e deixando claro tão abstrato conceito como o de que ela, no pensamento de Deus e na ordem da Criação, existia antes do começo do mundo?

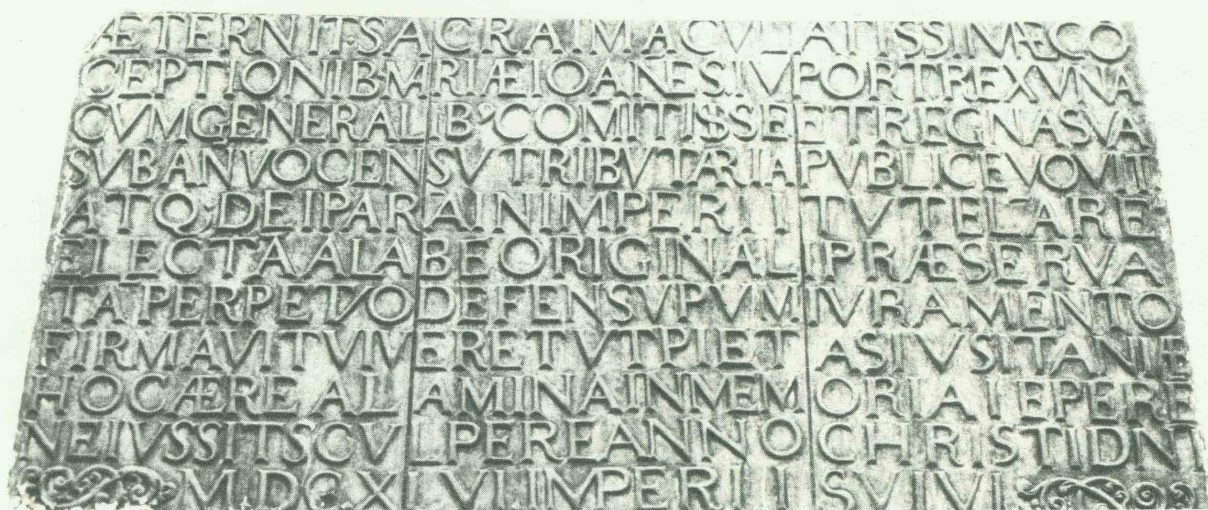


Santo Agostinho, São Bernardo, São Tomás de Aquino, de pareceres tão ponderáveis, argumentavam que, desde a culpa de Adão e Eva, a união sexual não se faz sem concupiscência (*sine libidine*), transmitindo-se portanto ao filho o pecado original. Assim, admitiam que Maria tivesse sido santificada depois de já concebida, *in utero Annae*; ou ao nascer; ou que se tornara completamente pura apenas no momento da Anunciação. Ademais, que o tivesse sido *antes*, mesmo somente ela, dentre os descendentes de Adão e Eva, estaria em contradição com dois dos dogmas fundamentais da doutrina

cristã: a universalidade do pecado e a redenção por Cristo. Os imaculistas, franciscanos à frente, fizeram valer que justamente o papel de Maria como co-redentora implicava a sua isenção do pecado original. Como imaginar, argumentavam, que, devendo ela um dia esmagar a cabeça da serpente, tivesse podido ser, de qualquer forma, filha do demônio? Portanto, a concepção original de Cristo pressupunha a concepção imaculada de Sua mãe. A preservação de Maria do pecado original não foi um dom natural, mas sim outorga divina a ela em razão dos méritos de Cristo, e porque ela ia tornar-se a Sua mãe¹.

A DOCTRINA E O DOGMA

Apesar das controvérsias, estendeu-se a popularidade da Imaculada Conceição, cuja doutrina foi aprovada pelo Papa Sixto IV, em 1477. Aos franciscanos tinham-se juntado os carmelitas na devoção e na pregação imaculistas, e vão juntar-se os jesuítas. O Concílio de Trento, reunido com intermitências entre 1545 e 1564, defendeu a Virgem dos ataques de Lutero e principalmente de Calvino e fez expandir o seu culto.² A Espanha foi o primeiro país em que a celebração da Imaculada Conceição elevou-se à categoria de grande festa, de preceito. Mas houve novos recuos: sem atender a cinco solenes pedidos de reis espanhóis para definir como dogma a doutrina, o Papa Inocêncio X chegou a proibir, em 1644, aquela expressão, mandando substituí-la por *Concepção da Virgem Imaculada*. Em Portugal a



devoção imaculista remonta ao século XII e é de 1320 o mais antigo documento conhecido sobre a festa de 8 de dezembro naquele país. Ampliou-se durante o reinado dos Felipes, entre 1580 e 1640. Em 1618 tinha Felipe II respondido às autoridades de Lisboa autorizando, e louvando-o, a colocação sobre as portas da cidade de lápidas e letreiros que afixassem o mistério da Conceição Imaculada. Quando da Restauração, em 1640, e bem de acordo com os sentimentos dos portugueses, a primeira cerimônia religiosa a que D. João IV esteve presente foi a festa de Nossa Senhora da Conceição. Escolheu-a como padroeira do Reino e de seus domínios, o que confirmou o Papa Clemente X, em 1671. Um compromisso de toda a nação, inclusive as universidades, exortava a *jurar e defender que Maria fora isenta da mancha original, gravando-se sobre as portas das vilas e cidades*

*letreiros que lembrassem o juramento e o preito de vassalagem feitos pelo povo português*¹, determinação em 30 de junho de 1654.

Ao menos três letreiros antigos atestam que os baianos acompanharam os portugueses. Ainda pode (ou podia) ler-se na fachada da graciosa ermida de Monte Serrate: **A Virgem foi concebida sem pecado original**. A pedra encravada em muro da Ladeira do Pau da Bandeira traz (ou trazia) data, 1658. E o Padre Manoel Barbosa conseguiu fazer repor, em 1946, na fachada do antigo Palácio do Governo, no centro de Salvador, uma placa de bronze com longa inscrição em latim, datada de 1646.⁴

Crença obrigatória para toda a Igreja, em 1708, a Imaculada Conceição foi tornada dogma por Pio IX, por sua encíclica **Ineffabilis Deus**, de 8 de dezembro de 1854.

NOTAS

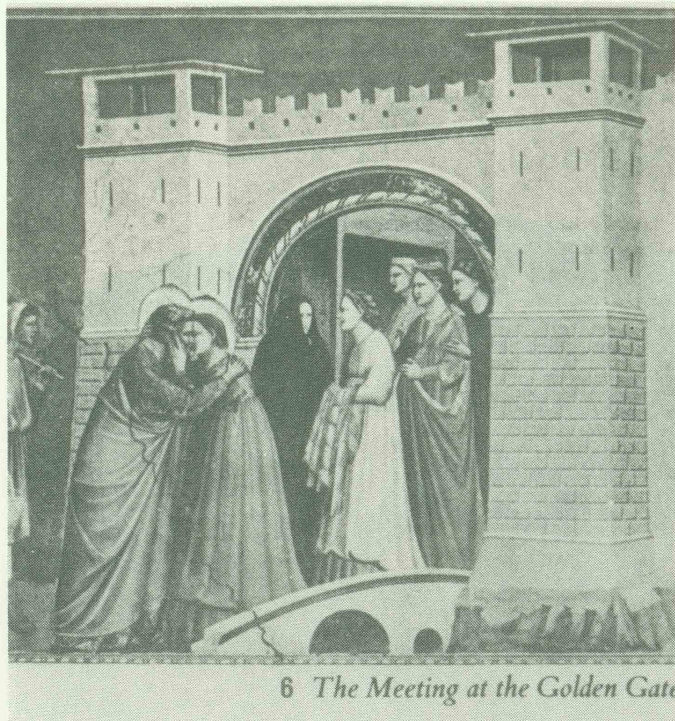
- 1 Sobre o tema, uma visão geral encontra-se em Louis Réau, **Iconographie de l'Art Chrétien**, Paris, Presses Universitaires de France, 1957, II, 2, p. 75-83. Mais pormenorizados são Jean Fournée, **Iconographie de l'Immaculée Conception au Moyen Âge et à la Renaissance**, Paris, Société Parisienne d'Histoire et d'Archéologie Normandes, 1953, e Mirella Levi D'Ancona, **The Iconography of the Immaculate Conception in the Middle Ages and Early Renaissance**, s. l. [New York?], The College art association of America/The art Bulletin, 1957. Não tiram o valor deste segundo livro as críticas severas ou irônicas de Guy de Tervarent (**The Burlington Magazine**, Apr. 1958, p. 138) e de Michael Levey (**The Art Quarterly**, Summer 1958, p. 231), respondidas aliás pela autora (**The Burlington Magazine**, Apr. 1959, p. 149 e June 1959, p. 245).
- 2 Na verdade, mais os seguidores de um e outro, na esteira do repúdio ao culto dos santos e da centralização do culto cristão em Jesus, só, afirmada pelos dois reformadores.
- 3 Por Decreto de 24 de março de 1646. *A decisão mais importante de D. João VI, no que respeita a vida religiosa, consistiu na escolha de Nossa Senhora da Conceição para Padroeira do Reino*. Assim o declarou no Desembargo do Paço, invocando a obediência dos antigos reis e com a esperança de a Padroeira *amparar e defender a coroa dos nossos inimigos* (Joaquim Veríssimo Serrão, **História de Portugal**, s. l. [Lisboa?], Editorial Verbo, 1980, vol. V (1640-1750), p. 159).
- 4 Ainda em 6 de junho de 1759, ao instalar-se na antiga Igreja de Santa Teresa — hoje sede do Museu de Arte Sacra da UFBA. — a Academia Brasileira dos Renascidos, *às três horas da tarde [...] os acadêmicos [...] prestaram juramento à Conceição Puríssima de Nossa Senhora*. Ver Valentín Calderón, **Biografia de um Monumento. O antigo Convento de Santa Teresa da Bahia**, Salvador, UFBA., 1970, p. 88.

A IMACULADA NA ARTE

Na arte a concepção de Maria foi representada de maneira realista pelo reencontro de Sant'Ana e São Joaquim, após a separação de quarenta dias, na Porta Dourada, em Jerusalém, onde se abraçam ou se beijam. Ensinavam alguns teólogos que assim tinha sido concebida a Virgem, de um beijo, sem semente de homem (*ex osculo concepta, sine semine viri*). Foi a cena mais comum durante a Idade Média, e dela conhecemos todos a versão de Giotto. O episódio é acrescido, em algumas pinturas, de um anjo que aproxima a cabeça dos esposos.

Mas nos últimos anos do século XV esta representação realista quase desaparece e a Imaculada é mostrada pelos artistas descendo do céu, juvenzinha, de pé no crescente lunar, coroada de estrelas, os braços estendidos ou as mãos no peito. Mais tarde, fixou-a assim, insuperavelmente, Murillo (1617-1682), em umas vinte e tantas telas, e é como aparece na maioria das esculturas e pinturas nas igrejas portuguesas e brasileiras. Em algumas versões, a serpente sob os seus pés indica claramente a fonte bíblica, a Mulher do Apocalipse⁵.

Outra forma de representar a Imaculada foi ladeá-la de Padres da Igreja em discussão teológica acerca desse mistério. Representaram-na ainda cercada pelos conhecidos símbolos de sua ladainha — **rosa mística, torre de marfim, arca da aliança, estrela da manhã**, etc. — que constituem o seu brasão, **arma Virginis** (como os instrumentos da Paixão constituem o brasão de Cristo, **arma Christi**). Embora em manuscritos tal figuração já apareça no século XI, justamente para ilustrar argumentos e disputas de teólogos, e em Livros de Horas desde 1503, em local público o mais antigo exemplo conhecido está em uma capela, de 1484, da Catedral de Cahors, na



6 The Meeting at the Golden Gate

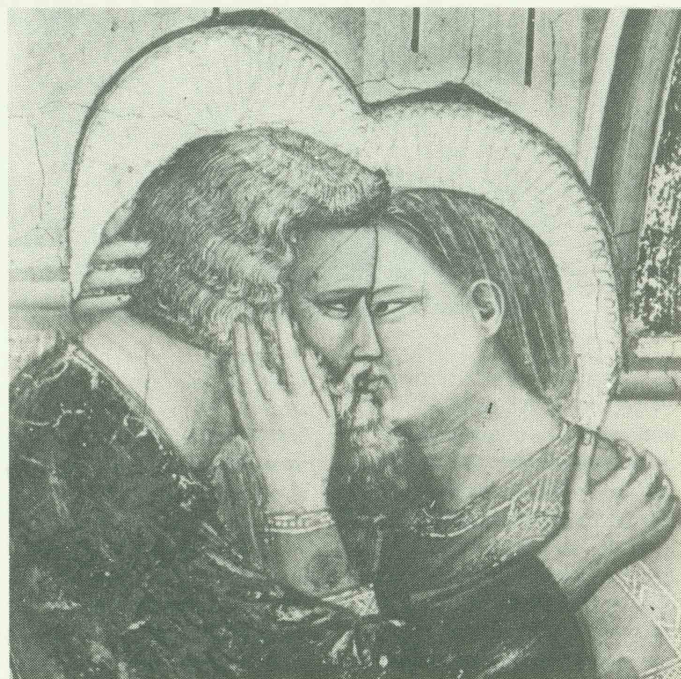
França. Um exemplo em pintura popular brasileira foi fotografado por Oscar Campiglia⁶.

Em alguns casos, ainda que a representação da Imaculada não esteja inteiramente de acordo com nenhum desses quatro modelos descritos nos parágrafos anteriores, inscrições significativas permitem identificar como tal a pintura ou a imagem. Em um quadro de Carlo Crivelli, de 1492, na National Gallery, Londres, o filactério sustentado por Deus Pai e por anjos proclama, em latim: **Desde o princípio dos tempos fui concebida, e na mente de Deus...** Um grande retábulo holandês, no Museu Histórico, em Frankfurt, tem uma faixa por cima de Deus Pai abençoando, onde se lê: **Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te**. A tradução mais recente destes versículos, na **Bíblia de Jerusalém**⁷, não é das mais felizes: **És toda bela, minha amada, e não tens um só defeito**. Mais adequado seria traduzir *macula* por *mancha*, que conserva em português os dois sentidos, espiritual e material: a Virgem é sem mancha, portanto, Imaculada...

O **Cântico dos Cânticos** foi a fonte primeira e

cedro elevado, estrela da manhã, cinamomo, bálsamo aromático, oliveira formosa, jardim de rosas; no **Êxodo**, sarça ardente, vara de Arão, terra da promessa onde manam leite e mel. Outros epítetos foram ainda extraídos de alguns dos livros dos Profetas, dos **Salmos**, das epístolas de São Paulo, de hinos litúrgicos⁸. ... Alguns aludem à virgindade de Maria, ou ao fato de ter ela trazido Cristo no seio; muitos outros, porém, aludem mesmo é à Imaculada Concepção.

Pode-se imaginar que nesses elementos de botânica, nesses astros e fenômenos naturais, nesses tipos de construção arquitetônica, os artistas logo perceberam virtualidades



principal das comparações laudatórias de Nossa Senhora, desde o século XII: cipreste do Monte Sião, lírio ou açucena entre espinhos, macieira entre as demais árvores, flor do campo, torre de Davi, fonte selada, horto ou jardim fechado, poço de águas vivas, sol, lua... Não eram bastante estas **perfeições da Virgem** e teólogos buscaram em outros livros da Bíblia novos termos ou expressões para compará-las ou para servirem como símbolos. Encontraram, no **Gênesis**: árvore da vida, casa de Deus, porta do céu; no **Eclesiástico**,

decorativas. E em vez de mostrá-los em repetição sem fim ao lado ou em torno da Imaculada, já estabelecida a associação querida, passaram a isolá-los, apresentando alguns em seqüências, não só para adornar graciosamente dependências de edifícios religiosos ou civis, mas também como alusões àquele privilégio único de Nossa Senhora.

EM PAINÉIS DE AZULEJOS...

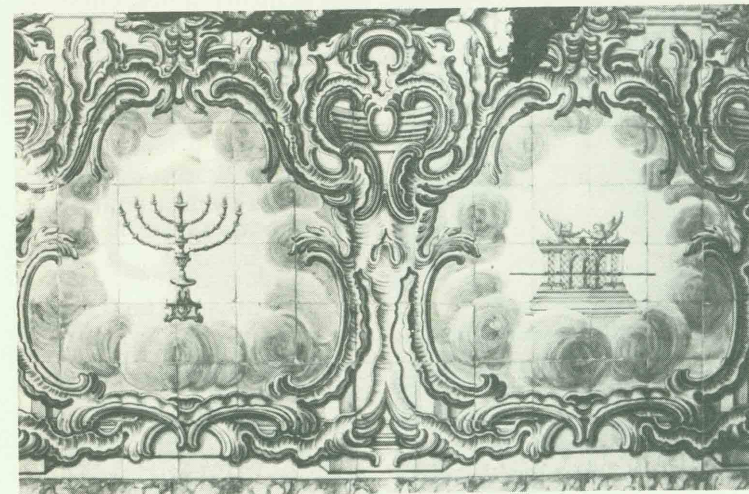
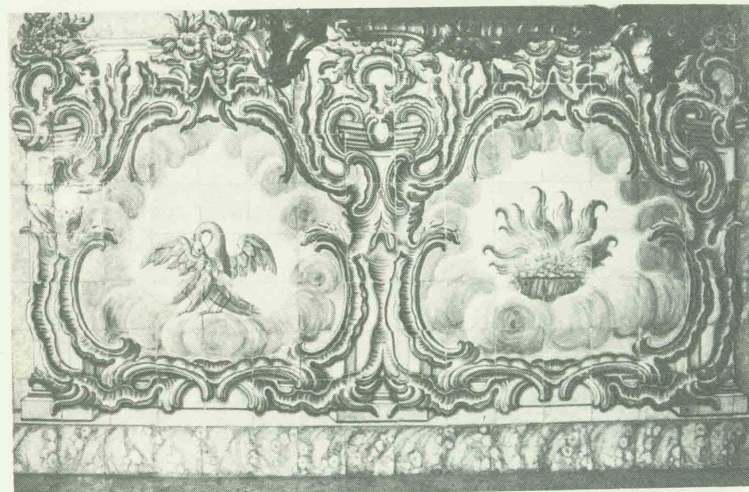
...que os portugueses usaram com uma profusão e uma variedade de motivos e de aplicações extraordinárias — também celebra-se a Imaculada. E assim irradiaram-se de Portugal, passaram por Madeira e Açores, e chegaram ao Brasil. Algumas séries de painéis com momentos da vida de Maria trazem como pormenores alguns dos símbolos mencionados, geralmente nas cartelas,

como na nave das igrejas de Nossa Senhora da Purificação, em Santo Amaro, BA (cartelas superiores) e de Nossa Senhora da Corrente, em Penedo, AL (inferiores). Entretanto, os mesmos emblemas marianos, em sequência, constituem o motivo principal ou exclusivo de outros painéis de azulejos. Deste último tipo, a série mais extensa talvez seja a da Igreja de Nossa Senhora, em Atocha (perto de Coimbra): são vinte painéis, que datam de 1763; e a série porventura

mais bonita é a dos sete que adornam um corredor do primeiro andar do Colégio de Santa Rita, em Coimbra, em estilo rococó, com amplas molduras concheadas, da segunda metade do século XVIII.

Em Salvador há pelo menos três séries de painéis de azulejos semelhantes: nas igrejas de Nossa Senhora do Pilar

Azulejos da Igreja de N.ª Sr.ª do Pilar

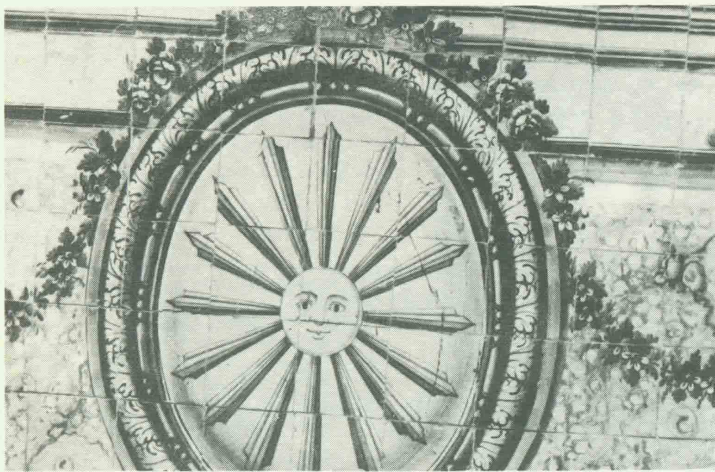


5 **Apocalipse** de São João, 12, 1: *Um sinal grandioso apareceu no céu: uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas...* (A **Bíblia de Jerusalém**, São Paulo, Edições Paulinas, 1981). *Apareceu no céu um grande sinal: uma mulher revestida do sol, com a lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas...* (**Bíblia Sagrada**, Petrópolis, Editora Vozes, 1983) São Bernardo (1090-1153) interpreta as doze estrelas como as quatro *prerrogativas celestiais* da Virgem: a sua geração, a Anunciação, a vinda a ela do Espírito Santo e a concepção do Filho de Deus; as quatro *prerrogativas de sua carne*: a virgindade, a fecundidade virginal, a gravidez sem fadiga e o parto sem dor; e as quatro *prerrogativas de seu coração*: a doçura pudica, a humilde devoção, a fé generosa e o martírio do coração. Deve notar-se que, apesar de todo o seu fervor mariano, São Bernardo não era imaculista.

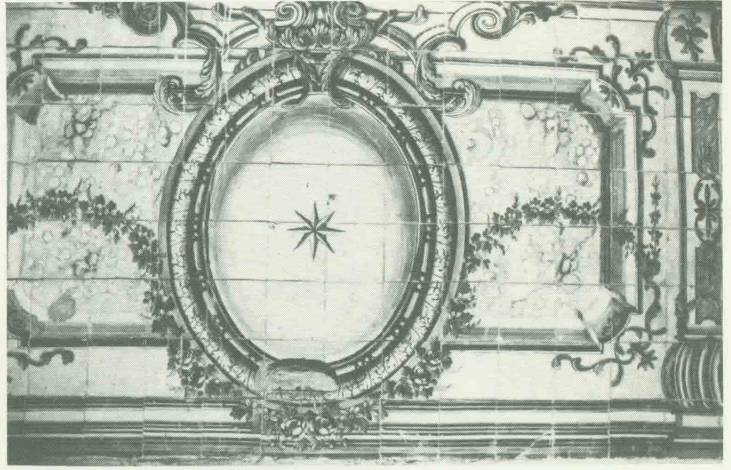
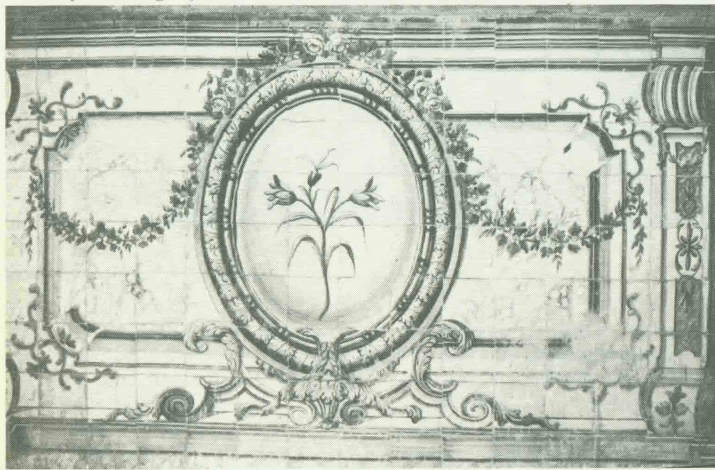
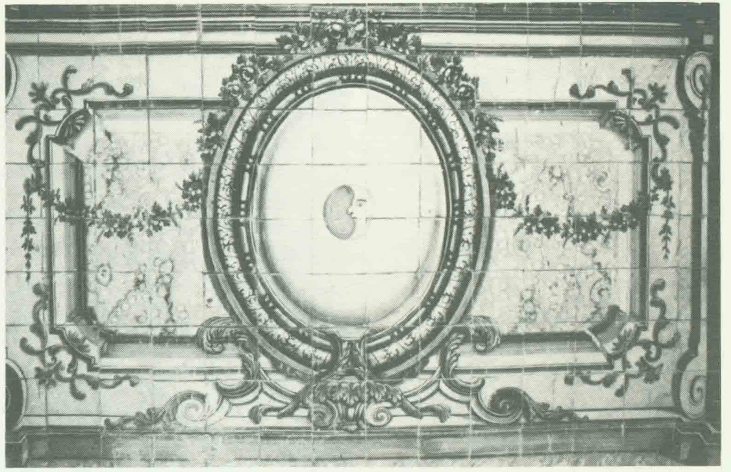
6 Reproduzida, sem indicação de local ou origem, em **Igrejas do Brasil**, São Paulo, Edições Melhoramentos, s.d., foto-438. Mas o pintor ingênuo introduziu uma escada, instrumento da Paixão, portanto inaceitável aí...

7 Igualmente inadequada parece-nos a tradução do mesmo versículo na **Bíblia Sagrada**, da Vozes: *És toda formosa, minha amada, e em ti não se encontra defeito algum*. No entanto, a primeira tradução no Brasil dos textos estabelecidos pela Escola de Jerusalém, feita por Dom Estêvão Bettencourt, OSB, mantém-se mais próxima da versão latina: *Toda bela és, ó minha bem-amada, e não há em ti mancha alguma!* (**O Cântico dos Cânticos**, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1957) Note-se que no século XII a esposa neste belo poema bíblico — interpretado alegoricamente — foi identificada com a Virgem e tornaram-se atributos seus os elogios feitos pelo esposo — um exemplo sendo **Tota pulchra es...** Papel notabilíssimo nesta identificação desempenhou São Bernardo, com a sua extensa série de sermões sobre o **Cântico...**

8 A maior parte dos epítetos e das metáforas para invocar Nossa Senhora constituiu a Ladainha Lauretana, em 1576, contendo quarenta e sete a forma atual em português. O título deve-se a que era cantada a princípio no Santuário de Loreto, perto de Ancona, Itália, onde se conserva a suposta casa dela, levada por anjos de Jerusalém para lá. Outra longa série de metáforas para designar a Virgem, bem anterior, é o chamado **Hino Acatisto**, atribuído hoje a São Germano, patriarca de Constantinopla de 715 a 729 (ver Pie Regamey, OP, **Les Plus Beaux Textes sur la Vierge Marie**, Paris, Editions du Vieux Colombier, 1946, p. 70-77). E o quase nosso Antônio Nobre (1867-1903) — tão querido é no Brasil como em Portugal! —, em sua poesia **A Nossa Senhora**, criou mais uma centena de metáforas para designá-la...



Azulejos da Igreja de N.ª Sr.ª do Rosário dos Pretos



e do Rosário dos Pretos e no Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo (dos carmelitas calçados). Na portaria deste, que mede cerca de 10,45m por 6,25m, há um altar com imagem de Nossa Senhora das Portas do Céu⁹. Aí estão os painéis de azulejos, policromos, onze atualmente; vê-se, porém, a metade de mais um, danificado pela abertura da porta que dá para a igreja contígua.

Cada painel tem nove azulejos na altura (excluindo o do rodapé) e doze ou treze na largura (excluindo as mísulas fingidas que separam um painel dos vizinhos) e mede aproximadamente, 1,26m por 1,82m. O fundo é azul-cinza, contra o qual se destacam medalhões ovóides, em moldura amarela e verde, cada um com o seu emblema mariano em azul.

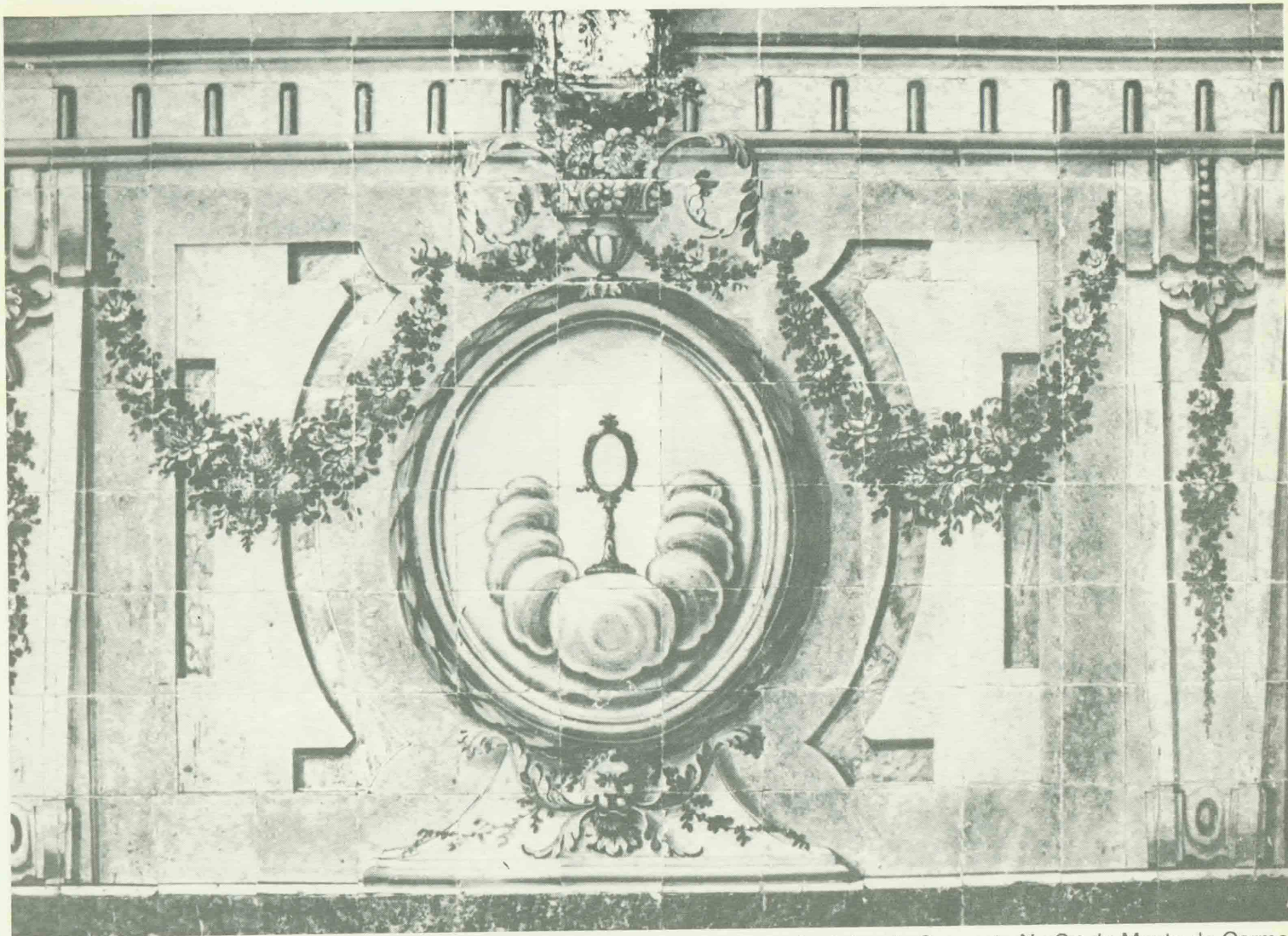
Dando-se uma volta pelo salão da portaria, da esquerda para a direita,



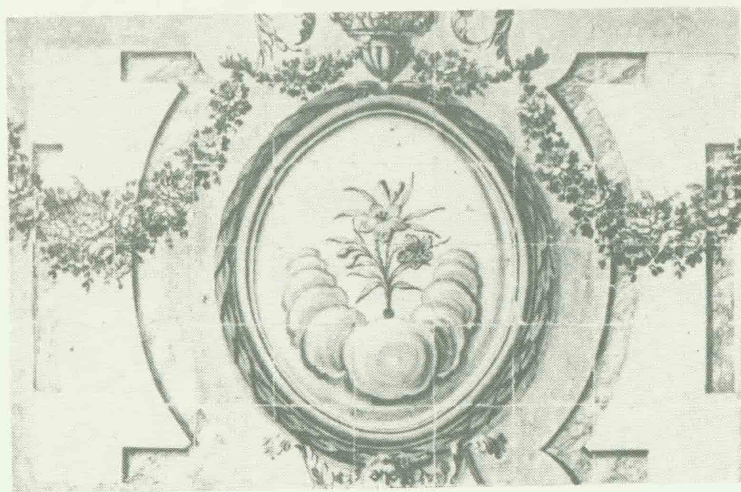
deparamos com o poço de águas vivas, a arca da Aliança, o sol (*electa ut sol*, brilhante ou formosa como o sol), o espelho sem mácula, uma sempre-viva (?), a torre de marfim (ou de Davi), o íris (ou lírio, ou açucena?) a rosa entre espinhos, a estrela do mar, o ramo de oliveira (?) e a palmeira.

Conjunto agradável de se ver, especialmente bem desenhados são os símbolos arquitetônicos, como o poço e a torre; o espelho parece pequeno demais e a estrela não tem feitiço satisfatório; mas as quatro flores, em seus galhos, mostram-se garridas... Todos os emblemas estão sobre nuvens, como ocorre com a figura mesma de Nossa Senhora, a descer, quando Imaculada Conceição, a subir, na Assunção.

Cada medalhão tem 0,53m por 0,44m (ou 0,65m por 0,58m, se incluirmos a moldura), apóia-se em cabeça de leão e é coroado por uma ânfora de corpo amplo, boca estreita e base diminuta, de grandes e finas



Azulejos do Convento N.ª Sr. do Monte do Carmo.

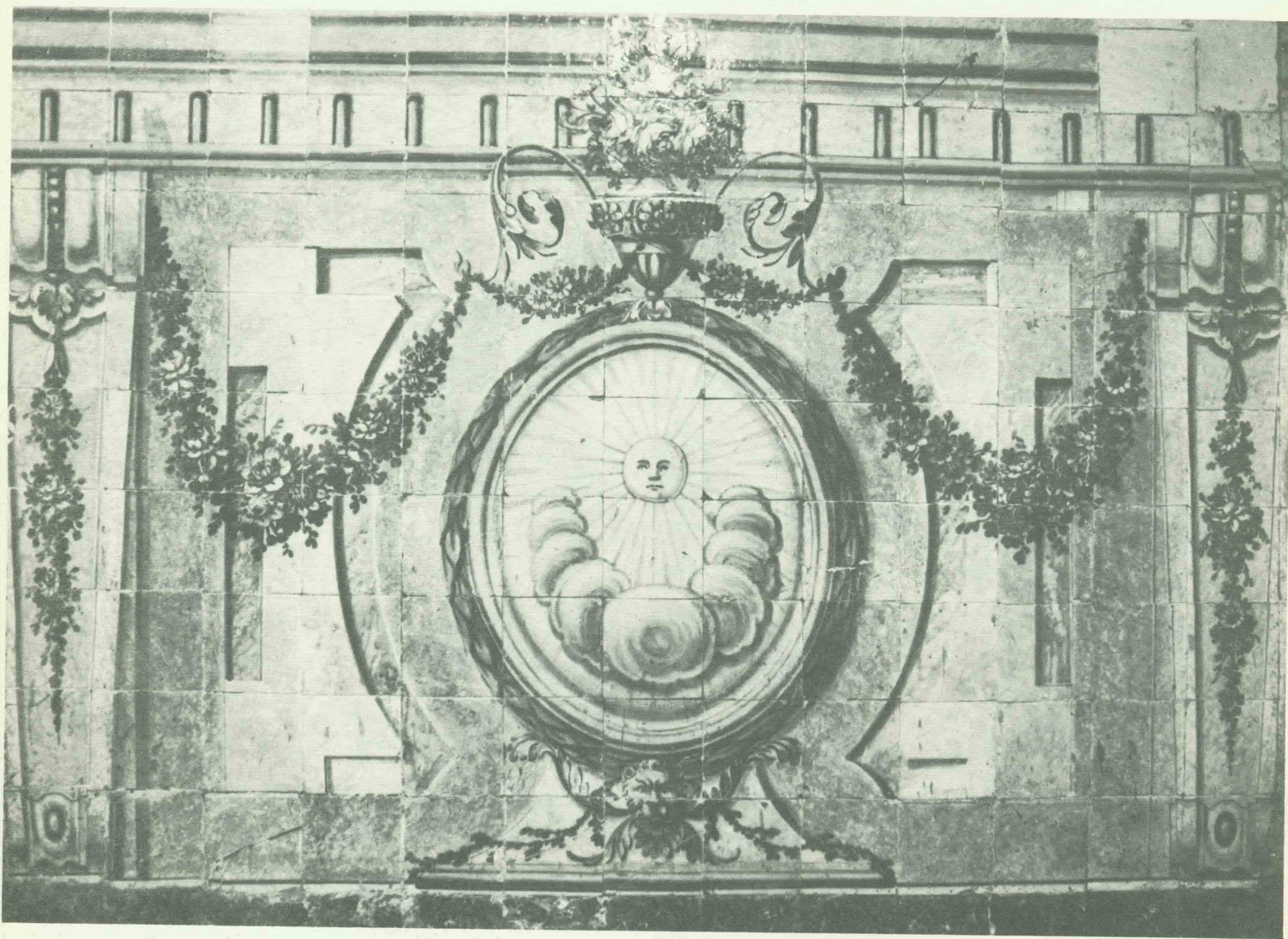


asas (parecendo mais uma cratera, por tais pormenores). Ostentam ramalhetes cheios e variegados. Da parte anterior de cada ânfora (ou cratera) saem guirlandas de flores que caem até o meio do painel e vão fixar-se no alto da extremidade deste. Pedestais (ou mísulas) amarelos, por cima dos quais pendem festões, separam os painéis um do outro. Entre os

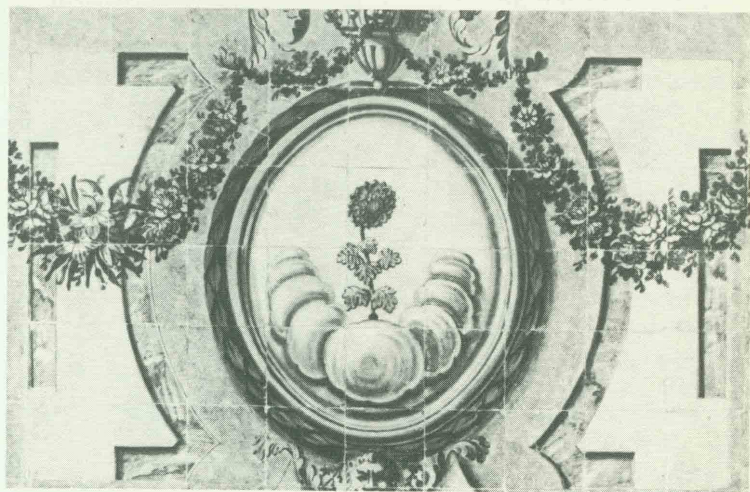
medalhões e os pedestais há um grande elemento decorativo recortado em amarelo contra fundo manganês. São estas também as cores das flores dos ramalhetes, como as das guirlandas e dos festões; e verdes os ramos e as folhas. De estilo neoclássico, estes painéis foram datados por Santos Simões de cerca de 1800, procedendo de *alguma boa oficina lisboeta*¹⁰

9 Sobre a devoção e a representação de Nossa Senhora das Portas do Céu, ver Nilza Botelho Megale, **112 Invocações da Virgem Maria no Brasil**, Petrópolis, Editora Vozes 1986; as notas interpretativas de Isaías Alves, na conferência-tertúlia pronunciada na Academia de Letras da Bahia a 30 de julho de 1953, in **Revista da mesma**, vol. XIV, 1953, p. 83-89. Acrescente-se a explicação de tal invocação por Honório d'Autun, em seu **Speculum Ecclesiae: Santa Maria é a porta do céu que, antes do parto, durante o parto e após o parto, permaneceu intacta**. O título foi retirado de uma das profecias de Ezequiel, 44, 1-4. O **Speculum...**, obra famosa do século XII, mostra, por comparações, que tudo no mundo se explica ao clarão da fé. Trata-se, ainda, de importante fonte da iconografia da Idade Média. Ver Emile Mâle, **L'Art Religieux du XIII e siècle en France**, Paris, Librairie Armand Colin, 3. ed., 1910, p. 180.

10 J.M. dos Santos Simões, **Azulejaria Portuguesa no Brasil 1500-1820**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965, p. 105-107, ocupou-se deste conjunto azulejar com a sua reconhecida competência. Este livro, e outros, do notável historiador português, são base indispensável para o estudo do azulejo entre nós. O mesmo pode dizer-se de Mário Barata, **Azulejos no Brasil**, Rio de Janeiro, s. ed. [ed. do autor?], 1955.



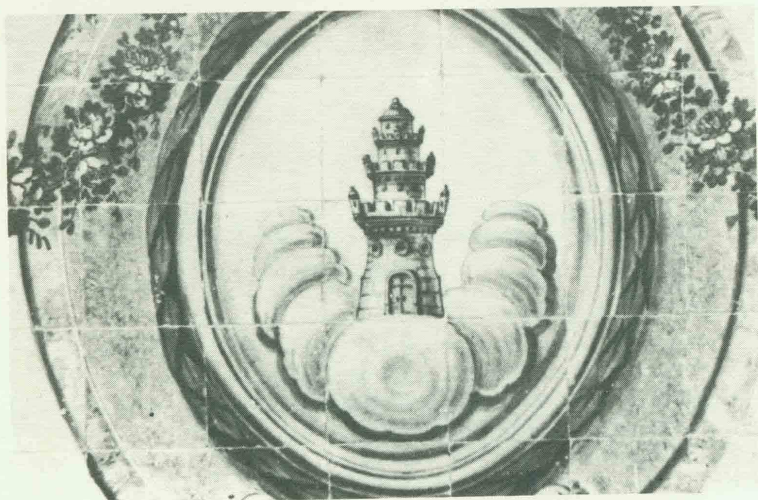
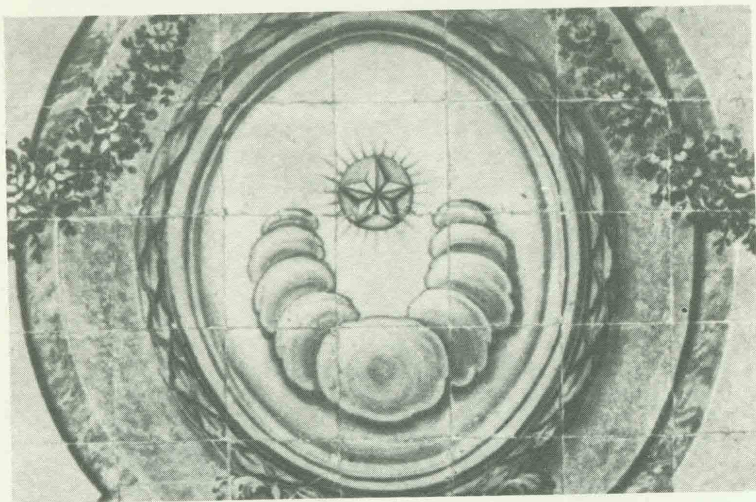
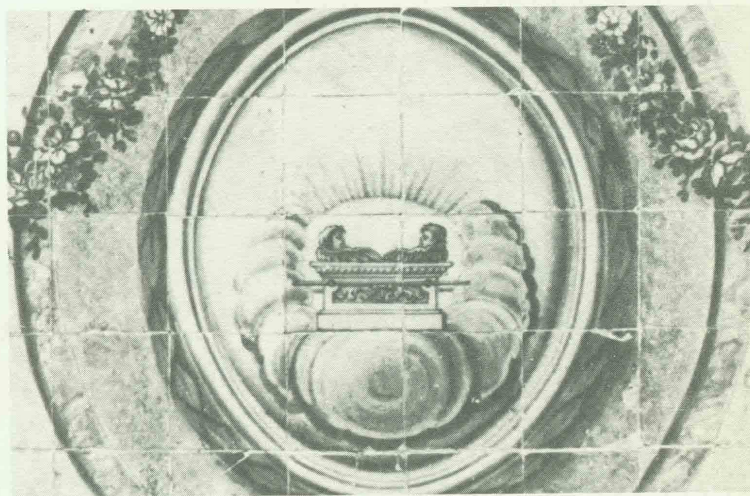
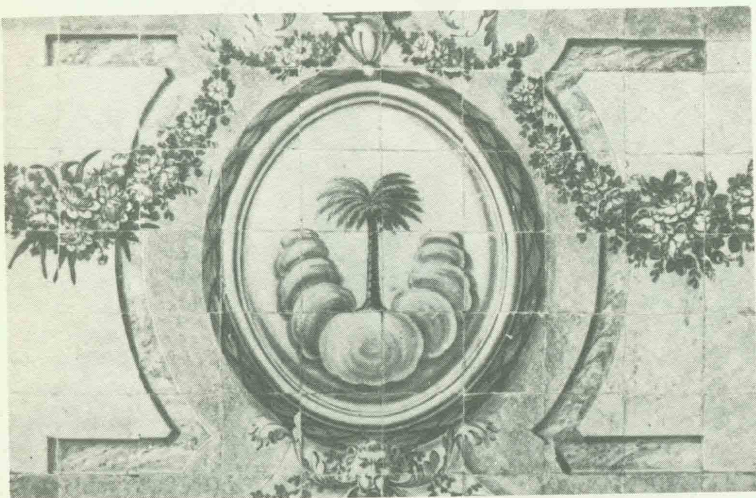
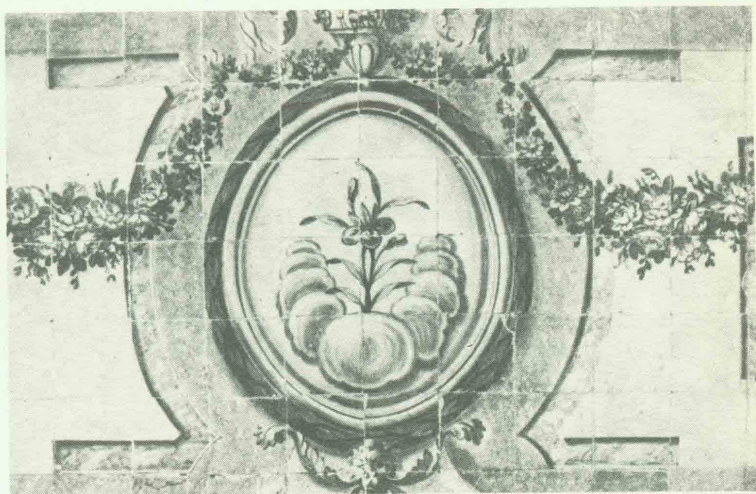
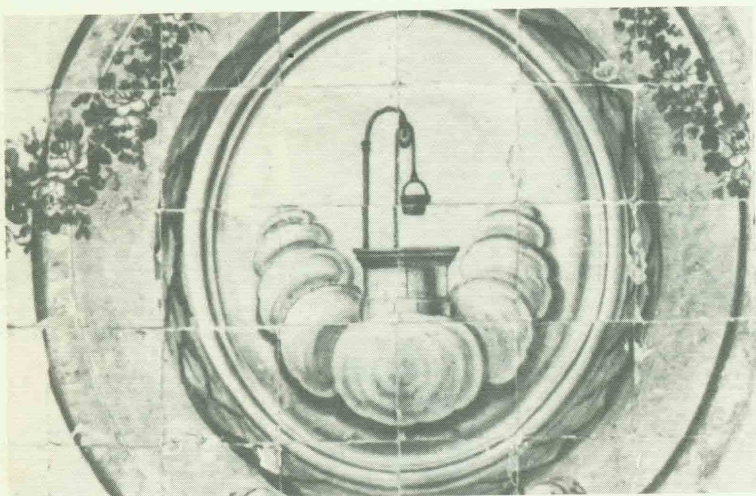
Se os franciscanos se mostraram os primeiros paladinos da Imaculada Conceção, tendo sido um deles, Duns Scotus (c. 1265-1308), quem formulou os argumentos mais sutis sobre este mistério, não esqueçamos que os carmelitas aderiram à causa já em 1306, em seu capítulo em Toulouse¹¹. Um grande teólogo desta ordem, Jean Baconthorp (falecido em 1348) secundou Scotus no mesmo sentido. Desde 1486 a igreja dos carmelitas em Rouen criou aulas de retórica, e, em concursos anuais, as melhores poesias em louvor de Nossa Senhora, chamadas **chants royaux**, eram premiadas com símbolos marianos dentre os referidos em ouro e prata... Não é de admirar, pois, que logo à entrada de um convento do Carmo, como o



nosso, haja alusões à Imaculada Conceção.

A presença destes símbolos (ou emblemas), seja apenas pormenor nas cartelas de painéis de azulejos historiados da vida da Virgem, como em Santo Amaro e em Penedo, seja motivo principal ou exclusivo

em outros painéis, a exemplo dos do Carmo, teria a mesma função que os letreiros e as lápides mandados afixar pela Câmara de Lisboa e pelo próprio Rei de Portugal, função ampliada por seu valor decorativo, de obras de arte: celebrar Nossa Senhora, recordar e defender o privilégio de sua Conceção Imaculada¹².



11 Em momentos da história da Igreja ordens religiosas polemizaram sobre a precedência no reconhecimento ou na defesa da Imaculada Conceição. Carlos Ott informa-nos da discussão entre franciscanos e carmelitas justamente, em Recife, em 1765, objeto de artigo de Manuel Rautenberg, citado por ele. Ver *A Escola Baiana de Pintura 1764-1850*, São Paulo, Editor Emanuel Araújo/MWM Diesel, 1982, p. 44, onde remete para a nota 42 a. Na verdade, a nota é 41 a, sendo este um dos numerosos erros de editoração e de revisão em livro tão importante! Outro, relacionado com o nosso tema: na p. 108 um quadro na Igreja da Piedade traz a legenda *Assunção de N. Senhora*, quando se trata de uma Imaculada Conceição...

12 O fervoroso mariano que foi Monsenhor Manoel A. Barbosa editou, em 1971, um volume no qual tinha reunido dezesseis trabalhos de vários autores sobre aspectos da devoção a Nossa Senhora da Conceição e de sua igreja, em Salvador: *O Bicentenário de um Monumento Baiano*. Na última página de sua conferência, que encerra o volume, e depois de mostrar como a Imaculada aparece nas diversas artes, termina: *Há muito ainda a pesquisar, a reunir e a acrescentar a estas notas, de referência à escultura, à pintura, à música, ao folclore, à epigrafia e à poesia*. Não mencionou a azulejaria, mas aqui fica uma contribuição quanto a esta arte em que tanto se distinguiram os portugueses e que tão bem marca monumentos em Portugal e no mundo que o português criou.

Pedro Moacir Maia nasceu em 1929. Professor de literatura brasileira e portuguesa, crítico de arte, é o atual diretor do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

Nada mais perigoso do que confundir o destino irremediável de cada um de nós com sem-vergonhice, safadeza, falta de caráter. Não é por querer, por falta de princípios e de firmeza, que o homem repete uma, duas, três, dez, mil e tantas vezes quantas necessárias a mesma irreparável besteira. Sem que seja um sem-vergonha, um fraco de espírito. Muita injustiça é cometida contra estimáveis cidadãos pela ligeireza com que classificamos os atos dos outros, sem aprofundar-lhes as causas, as razões.

Disso discutíamos naquela noite, na venda de Alonso, provando uma cachacinha nova recebida na véspera, de Santo Amaro, pelo espanhol. Boa cachaça, escorria pela garganta sem deixar rastro e animava a discussão. Tudo se tornou claro, porém, quando Massú contou o caso de Clímaco para defender Pedro Porró, tão acusado por Lídio.

Do jogo de dados e dos rigidos

Lídio emborcara o copo de cachaça, após ouvir o relato dos recentes dissabores de Pedro Porró, cuspira grosso, e falara com uma voz definitiva de quem encerra o assunto:

— Um descarado, é o que ele é!

E, como se não quisesse deixar margem de dúvida, concluiu:

— Um sem-vergonha.

Massú, no entanto, não concordou. Esse Massú era um tipo muito calmo, mulato puxado para o alourado, e gozava de certo respeito e consideração pois tinha fama de instruído e experiente, andara por muitos lugares, vivera aqui e ali, inclusive uns tempos na Penitenciária, cumprindo pena.

— Não diga isso... — Massú bebia a cachaça devagarinho, saboreando cada gole.

— Ora, e como se explica...

Sim, como explicar então as atitudes de Pedro Porró? Porró era um amigo nosso com tenda de remendão de sapato no Cabeça, aliás mestre no seu ofício. Mestre da meia-sola e da sola inteira, capaz de botar como novo o sapato mais velho e acabado. Quando saía de suas mãos, parecia recém-chegado da fábrica. Era, como se percebe, homem de evidentes qualidades e, no entanto, suas últimas atitudes levavam o negro Lídio a qualificá-lo com tão duras palavras, como se Porró houvesse perdido toda a honorabilidade, já não merecesse a estima e a confiança de seus velhos amigos.

Tudo isso porque o sapateiro se metera mais uma vez a jogar ronda com o cabo Martim, e lá se fora a fêria do dia e uns saldos anteriores. Que outra coisa lhe competia fazer, perguntava Lídio, senão ir para casa, bem caladinho, sem reclamar? Fora isso que Pedro Porró fizera? Tomara o caminho de casa, silencioso, a cabeça baixa? Em vez, engolira uns tragos para se confortar, não se confortara, abria a boca no mundo, acusando o cabo de ser o maior batoteiro já surgido na Bahia e de ser ele próprio, Porró, a besta mais completa do sistema solar. Assim mesmo ele dizia: do sistema solar. O sapateiro era homem de leituras, colecionador de almanaques, sabia de memória poemas de Guerra Junqueiro, gostava de falar de astronomia. Enquanto batia sola, explicava para ouvintes atentos — e nunca faltavam visitas em sua tenda pois ele era de boa prosa — os mistérios das estrelas e dos planetas. Muitas das histórias que ele contava eram certamente inventadas, quem ia lá acreditar em certos absurdos que ele jogava em cima da ignorância da gente? Muita coisa, porém, era tirada dos livros que Porró lia nas horas de folga, ele as aprendera nos almanaques e, quando duvidávamos, abria na página e apontava com o dedo:

— Leia aí, seu analfabeto.

Pois bem: Pedro Porró fora visto, altas horas da noite, mais ou menos bêbado, a bater com a cabeça num poste de luz elétrica e a gritar para quem quisesse ouvir:

— Pedro Porró, tu és a maior besta do sistema solar e aquele miserável do cabo é o maior ladrão que já pôs a mão num baralho nesta cidade da Bahia.

A tese de Lídio, ao examinar o acontecido, parecia indiscutivelmente justa. Afirmava ele ser Pedro Porró duas vezes culpado, o que provava a sem-vergonhice e a safadeza do sapateiro. Culpado primeiro de ir mais uma vez, botar dinheiro em ronda bancada pelo cabo. Quantas vezes não sucedera antes a mesma coisa? Era por acaso Pedro Porró um inocente, um forasteiro recém-desembarcado no cais sem nunca ter ouvido falar nas virtudes do cabo Martim? Não era Porró velho amigo do cabo, não conhecia toda sua crônica? Primeira sem-vergonhice: jogar com o cabo. Porque só um sujeito safado persistiria, como Pedro Porró, a jogar ronda com o cabo Martim, conhecendo-o como ele o conhecia de há tanto tempo. Safadeza ainda mais indesculpável por não ser o sapateiro um idiota qualquer, muito menos o maior do sistema solar, como proclamava para conhecimento de toda a vizinhança.

os princípios

Texto publicado originalmente na Revista Alterosa, Rio de Janeiro, s.d., nas páginas 24/27

A sem-vergonhice agravava-se, no caso, pelo fato de ter sido Porró quem fora buscar o cabo para o jogo. Estava Martim naquela tarde muito bem do seu, trocando idéias com Inocêncio, um santeiro vizinho de Porró. Falavam disso e daquilo, o cabo gostava de ouvir o velho Inocêncio, sujeito de conversa alegre e instrutiva: ninguém entendia mais de jogo do bicho do que ele. Estavam os dois naquele fim de tarde a recordar um acontecido de há sete anos passados, quando o leão de um circo fugiu e atravessou as ruas da cidade, infundindo o pânico, até ser novamente encafuado em sua jaula. Fora acontecimento glosado nos jornais e naquele dia todo mundo jogara no leão. Os banqueiros tratavam de descarregar o jogo em mãos de colegas mais fortes, de certa hora em diante resolveram pagar menos no leão, mas nada punha freio à ânsia do povo, todo mundo a jogar. Podia por acaso haver palpite melhor? Não havia e de tarde, como se esperava, deu leão e foi um fim-de-mundo. Só se via banqueiro falindo, bancas arrombadas, gente puxando arma para receber seu dinheiro honradamente ganho no palpite do leão. Dia de grande confusão. Inocêncio recordava uma data de detalhes pitorescos, narrava o desespero de um banqueiro de nome Adroaldo que se estabelecera com banca de bicho dois dias antes, estava por assim dizer estreando no ofício, imaginem! Nunca mais se levantou depois daquele golpe do leão.

Recordando essas coisas passadas, com seus alegres e seus tristes, estava o cabo em companhia de Inocêncio quando Pedro Porró, tendo dado por findo o dia de trabalho, apareceu e foi convidado a participar da conversa. Havia mais duas ou três pessoas presentes e a conversa ainda floresceu até a hora de Inocêncio fechar a porta de seu negócio e acender a luz. Foi quando o jogo começou e quem o propôs senão Pedro Porró? O cabo ao que contam, ainda relutou, pretextando um compromisso anterior mas, ante a insistência dos amigos, cedeu e puxou do baralho. O resultado já se sabe: Pedro Porró a bater a cabeça contra os postes, a proclamar-se idiota e a acusar o cabo, arrastando na lama da calúnia a honra de um cidadão conhecido como o era Martim. E essa era a segunda e ainda mais condenável sem-vergonhice. Jogara Porró porque quisera. Jogara e perdera como era natural pois quem bancava era o cabo, cuja sorte na ronda era lendária e cuja agilidade de mãos era objeto de profunda admiração geral. Devia Porró ir para casa e não ficar na rua a proclamar sua fraqueza de caráter e a caluniar o parceiro. Lídio sustentava sua tese com o brilho e com a veemência dos sucessivos tragos de cachaça.

Não concordava porém com ele o mulato Massú e sua opinião era ouvida em silêncio. Até mesmo Alonso, o espanhol, ficava a escutá-lo abandonando seus afazeres.

Quem nasce com um destino tem de cumprir sua sina queira ou não queira. Quem nasce para jogar, tem de jogar até o fim, seja como for, mesmo sabendo que vai perder, que não tem jeito. É assim com Pedro Porró, assim foi com o compadre Clímaco. Vosmicês não sabem do acontecido com o compadre Clímaco, um da Ladeira do Taboão, um artista de verdade. Trabalhava com madeira, com chifre, com marfim, fabricava uma quantidade de coisas, inclusive dados para jogo...

A curiosidade encheu o armazém de Alonso, uma nova rodada Massú aclarou a garganta virando um trago, contou a história de seu compadre Clímaco.

Homem de tamanha habilidade, Clímaco fabricara inclusive uns dados viciados, trabalho digno de ver-se. Na mão de um banqueiro aqueles dados representavam a ruína de muito cidadão sabido. Não se conclua daí ter sido Clímaco um tipo desonesto, fabricante de dados viciados, um batoteiro. Nada disso: gostava de jogar é bem verdade, ia atrás de um joguinho de grande e pequeno mesmo que tivesse de andar léguas e léguas, mas não falsificava dados nem marcava cartas. Os tais dados viciados, ele os fabricara uma única vez e um único par, para atender a uma encomenda de Antônio Bispo, um parceiro seu amigo que bancava em Água dos Meninos. Esse Antônio Bispo, de posse dos dados trabalhados por Clímaco, começou a prosperar com rapidez. Sua freguezia aumentava constantemente e ele não queira outra vida, dando por bem empregado o dinheiro com que pagara o trabalho de Clímaco.

Clímaco gostava de arriscar no jogo de dados, acompanhava o pequeno. Jogava aqui e acolá, só não jogava mesmo na banca de Antônio Bispo. Conhecia demais aqueles dados e, por vezes ficava rindo dos otários que neles apostavam. Ria-se entre dentes e ia-se embora, perder seu dinheiro em dados não viciados, perder ou ganhar na sorte verdadeira.

Ora, acontece que certa ocasião a polícia desencadeou uma campanha violenta contra a jogatina. É claro que queria apenas abafar uns escândalos governamentais, mais isso não vem ao caso. Quem estava pagando o pato eram os jogadores, muitos deles metidos na cadeia, alguns surrados na polícia, mesas de roleta rebentadas, baralhos rasgados, dados atirados ao mar. Foi uma perseguição terrível e, dia a dia, foram rareando os lugares onde um cidadão honrado podia jogar seu dinheirinho. Entre os poucos banqueiros que ainda se mantinham, encontrava-se Antônio Bispo. Sorte, quem sabe, ou algum conhecido influente na polícia, a verdade é que ele continuava a bancar com seus dados viciados, fabricados por Clímaco. Caíam banqueiros diariamente, presos e processados, Antônio Bispo continuava. Cada vez mais difícil a Clímaco e a outros viciados no grande e no pequeno conseguir arriscar o seu dinheiro, o número de bancas diminuía e um dia chegou quando apenas Antônio Bispo, sozinho, ele e mais ninguém, botava os dados na Bahia. Clímaco buscava por todos os lados onde jogar, não havia. O único jeito era esperar que aquela onda de perseguição cessasse e os banqueiros voltassem ao seu trabalho.

— Agora, imaginem vosmicês a surpresa de Antônio Bispo quando uma tarde, viu Clímaco puxar do seu rico dinheiro e apostar no pequeno contra ele, Antônio Bispo, dono dos dados viciados que o próprio Clímaco fabricara. Rangendo os dentes, cheio de raiva, Clímaco, sabendo que jamais teria oportunidade de ganhar contra Antônio Bispo a manejar os dados mais bem viciados jamais fabricados, ainda assim apostava no pequeno porque um homem não pode fugir a seu destino. Não é sem-vergonhice nem safadeza, o homem pode ser muito escrupuloso mas ninguém pode deixar de cumprir a sua sina...

Houve uma concordância geral. Aliás, já estávamos pouco interessados em Pedro Porró e em suas aventuras, queríamos agora era saber mais a propósito de Antônio Bispo, seus dados viciados e o fim desse tal Clímaco que trabalhava em madeira, em chifre e até em marfim da Ladeira do Taboão. E que, segundo Massú, pintava ex-votos para pagar promessa na Igreja do Bonfim, cada pintura de dar gosto, uma beleza.

Glei Cabral de Melo nasceu no Rio de Janeiro em 1944. Pintor, gravador e desenhista.

As chamas Passionais

Eu sou o que sonhava as mil estrelas.
As mil estrelas no peito, uma paixão de fogo
a irromper do peito. Eu sou os sonhos
dos homens, sou as galáxias dos homens
que uma noite se reconheceram.
Não me tragam essas vidas sem assombros:
porque não há sossego.
As chamas passionais — como são fortes!
Ai, como são fortes!
Não, não esperem por mim — que vou morrer,
bebendo a luz da estrela Aldebarã
entre uma taça e outra
de agonias.

As Três Lobinhas

Para Gerta, Carol e Cristina

BRENO DE CASTRO

S
oava a nona hora deste dia
em que eu vivo minha vida percorria
perdido sem João e sem Maria
sem pai, avô, irmão e moradia
Perdido fui então nesta floresta
escura, onde a luz por uma fresta
entrava, entrava, entrava e não saía
Ai de mim, que meus olhos se feriam
e as trilhas se fechavam, não se abriam
Perdido fui então nesta floresta
à quase meia-noite, sons ouvia
(era uma flauta de Edgar Varèse)
Por mais que a morte ainda não me pese
lancei meus passos, de botas bem calçado
no peito a cruz antiga do soldado
que fora libertar Jerusalém
mas antes se perdera no caminho
envenenado pela cor de vinho
do nascente
Maldisse os dias de meu ser vivente
tão diferente
lancei meus passos, de botas bem calçado
pois ia a libertar Jerusalém,
levando o escudo e a espada de um soldado
nos lábios nem de Deus nem de ninguém
o nome
E quase à meia-noite, não sem fome.
do raio de luar que me entretinha
dei co'os olhos nuns olhos de lobinha
Por três lados contei número seis
de duas vezes três e de uma vez
a cada volta dois, a meia três
metade de uma dúzia se somados
os brilhos por inteiro por três lados
Ficou toda a floresta então desnuda
E tendo assim seis sóis a me guiar
perdido vou, a noite cega e muda
fundar três Romas, reinar em três reinados
que luzem dois a dois por meus seis lados

Breno de Castro tem 27 anos. É psiquiatra e tem publicado A Lenda da Loura Obscena (poesia).



Eu tinha dezoito anos, estava sem trabalho e queria viajar, de modo que aceitei bem contente a proposta de um amigo meu, que era de ajudar a montagem de uma grande exposição de arte. Apresentei-me ao museu. O encarregado olhou-me de cima a baixo, desconfiado. Você sabe ler e escrever? — perguntou. — Sabe tratar as pessoas direito?

Nada pareciam ter a ver com arte, tais indagações, mas a ambas respondi afirmativamente. Ele então disse que me designaria para ajudar os artistas, o que era uma honra e uma responsabilidade: veja lá o que você vai fazer, advertiu-me. Pode deixar, eu disse, é tudo comigo, se há coisa que conheço é arte. Uma afirmativa que tinha algum fundamento, pois sempre gostei de desenhar, de modelar, essas coisas.

Fiquei por ali, à espera. No meio da tarde apareceu o primeiro artista. Um homem magrinho, de vasta cabeleira e olhar meio desvairado. É você que vai me ajudar? — perguntou, examinando-me de cima a baixo. Eu disse que sim. Ele suspirou (com sobejas razões, como mais tarde se veria) e mandou que eu o acompanhasse a uma velha Kombi estacionada à frente do museu. Abriu a porta. O compartimento de carga estava cheio de objetos os mais estranhos: um manequim, caixa de madeira pintadas em cores berrantes, pedras de vários tamanhos. O que é que você está esperando, perguntou, irritado. Comece a carregar.

Peguei uma das caixas. Cuidado, ele disse, isso é delicado, pode quebrar. Peguei outra caixa, esta muito pesada. O que é que tem aqui dentro, eu quis saber. Não é de sua conta, respondeu, desabrido, o que me deixou duplamente chocado: eu achava que um artista deveria ser gentil com as pessoas e que não deveria esconder nada acerca de seu trabalho.

Levei duas horas transportando as coisas, o homem me advertindo a todo instante: cuidado, cuidado. Agora, disse ele quando terminei, vem a parte mais importante. Temos de montar a obra no chão do museu. E aí foi me orientando: esta caixa aqui... O manequim ali... Esta pedra mais adiante... Dos detalhes finais foi ele mesmo quem cuidou: andou uma boa meia hora de um lado a outro, ajeitando uma caixa, uma pedra. Eu, ali, olhando. Lá pelas tantas arrisquei: o senhor me desculpe, mas o que significa isto tudo, estas caixas, estas pedras? Ele me olhou; olhou para o chão, fixo; tornou a me olhar. Por fim, falou. Disse que era difícil explicar. Que aquilo representava a vida, mas que era difícil explicar. Falou com bons modos, e despediu-se de mim com efusão. Fiquei tão comovido que levei uma das pedras de lembrança. Não era das pedras maiores, mas ele nem deu por falta dela, o que me pôs em dúvida quanto a algo que ele tinha dito, ou resmungado, enquanto procedia à arrumação final: que na arte, como na vida, cada coisa tinha seu lugar.

Guardei esta pedra comigo durante muito tempo. Uma vez tentei vendê-la; estava mal de vida, desesperado até. Fui a um comerciante de arte, mostrei a pedra, falei do artista, que a esta altura já era muito famoso — na própria galeria havia uma obra dele (pedras, caixas, uma boneca) que valia uma fortuna. Mas o homem não quis me comprar a pedra. Acho que não acreditou na história que lhe contei. Mas não o culpo, mesmo porque — e de certa forma — a pedra me deu sorte: na mesma época fui trabalhar com um primo que era empreiteiro e ganhamos muito dinheiro construindo e vendendo. Hoje levo uma vida confortável e posso dar-me ao luxo de satisfazer a verdadeira paixão que tenho por arte. Compro muita coisa, quadros, esculturas. Mas não objetos feitos com pedras.

A gente nunca sabe como colocá-las. A arte, como a vida, é uma coisa muito difícil.

A Calma Aparente

Os lábios procuram Deus
E estás lúcido, lúcido diante de mim.
Viajante acenando para as coisas que passam.
Silêncio, silêncio nas esquinas
E o fogo circula nos jazigos.
Não pretendo compreender ou conquistar:
Sou um outro que já te habita.

Primeira Percepção da Essência da Torta de Maçã

24 de julho, tarde de concuspcência
mofada, restos de limo
nas calçadas.
Mar cinza-balofo; asa de gaivota kitsch
imóvel sobre a geladeira.
Comprei três pães e me recolhi.
Pretendo descobrir
o sabor da torta de maçã.

A Amante Honorária

Minha amante honorária nasceu hoje
E sua fome já devora
Os pés da galinha.
Influências exógenas me ocorrem à noite.
Mas — estranho presente, não o temo:
Sobre tua garganta piso
Com meus pés primitivos.

PRINCESA

Minha loucura é expert em decifrar signos
e tua voz soa tão irrecorrível que
às 8 letras que dizes sucumbo
enamorada.

Podia ser qualquer hora do dia
e teu aceno teria o dom de assaltar-me
como agora, sempre à mercê que estou
dessa rima inexplicável...

D. MARIA I, A LOUCA, EM RITMO DE AVENTURA.

1.º E ÚNICO ATO

Palco inteiramente desprovido de cenário. Luz branca de ensaio. Após a entrada e acomodação do público entram os três carregadores assoviando a Marselhesa. Um deles carrega um lampião, e os outros dois uma mesa de audiências.

1.º CARREGADOR — Como pesa essa merda. *(volta a assoviar a Marselhesa)*

2.º CARREGADOR — Pesa menos que a consciência de Pombal...

3.º CARREGADOR — *(em tom declamatório)* “*Patrícios meus, clamai sobre o tirano, saiba o mundo que foi o tal Marquês, ladrão, traidor, cruel e desumano...*”

1.º CARREGADOR — Mas a hora dele está chegando. Dentro de alguns minutos D. José vai estar morto.

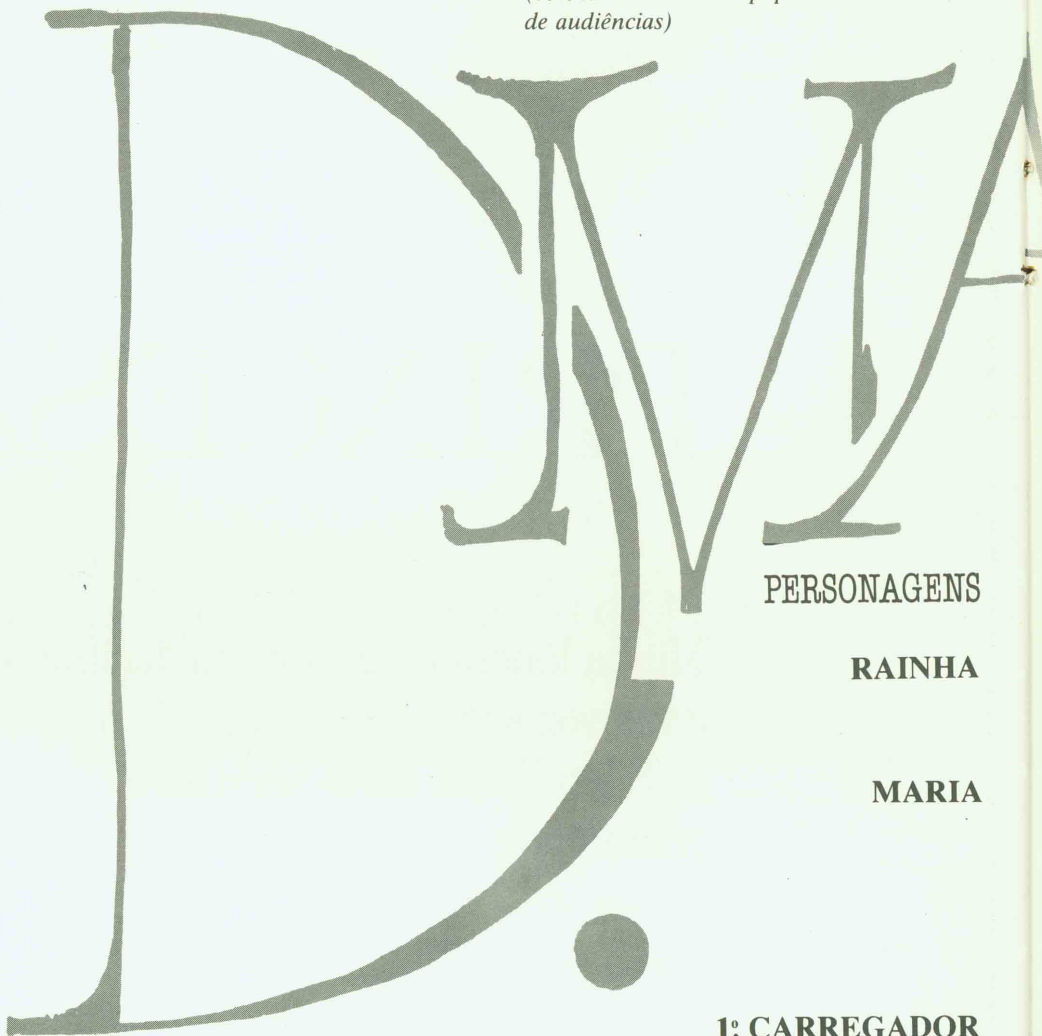
2.º CARREGADOR — Será que a autora o matará logo?

3.º CARREGADOR — E de que outro jeito ela vai poder começar a peça? *(os três sentados sobre a mesa de audiências, pilheriando)*

1.º CARREGADOR — Ora, assim!

Entram o Gentil Homem e o Burocrata. Os três Carregadores saem rápidos de sobre a mesa, e se encostam em um de seus lados, assoviando a Marselhesa.

GENTIL HOMEM — Vamos, vamos com isso... o Rei deve morrer daqui a alguns minutos e vocês ainda não fizeram nada... *(coloca um monte de papéis sobre a mesa de audiências)*



PERSONAGENS

RAINHA

MARIA

1.º CARREGADOR

2.º CARREGADOR

3.º CARREGADOR

GENTIL HOMEM

BUROCRATA

1.º DAMA DA CORTE

2.º DAMA DA CORTE

MULHER MODERNA

BUROCRATA — Tratem de pegar o trono imediatamente! (*coloca outro monte de papéis sobre a mesa de audiências*)

1º CARREGADOR — (*dirigindo-se ao burocrata com respeito enquanto os outros dois Carregadores continuam no mesmo lugar assoviando a Marselhesa*) V. Excelência sabe que não se pode pegar um trono assim, temos que esperar o homem morrer!

BUROCRATA — (*ríspido*) O homem está morrendo meu prezado. Façam-nos o favor de ir logo buscar o trono. Nós temos horário...

2º CARREGADOR — (*saindo de sua posição e unindo forças com o 1º Carregador*) Mas V. Excelência deve ter mais piedade do moribundo.

GENTIL HOMEM — (*às gargalhadas, falando com o Burocrata*) Há dois segundos atrás estavam esfolando o afilhado do moribundo... o povo não tem mesmo jeito!

Os três Carregadores saem assoviando a Marselhesa em busca do trono. Entram as duas Damas da Corte e a Mulher Moderna.

O Gentil Homem e o Burocrata cumprimentam-nas.

BUROCRATA — (*beijando as mãos das duas Damas da Corte que articulam bastante nesse momento e em outros, mas sem que emitam qualquer som*) Ah, como as mulheres eram bonitas no passado! Que classe! Que distinção!

GENTIL HOMEM — (*apertando a mão da Mulher Moderna*) Uns trastes é que eram. Ignorantes, porcas, repletas de piolhos, e nós sempre a desembolsar fortunas para alugar macacos para catá-las.

Entram dois Carregadores trazendo o trono da Rainha, e um Carregador trazendo uma cadeira que é colocada junto à mesa de audiências.

GENTIL HOMEM — (*aproximando-se do trono para examiná-lo*) Até que enfim! pensei que não vinha nunca mais!

Os três Carregadores resmungam do trabalho entredentes

BUROCRATA — (*tira uns trocados do bolso e distribui entre os Carregadores*) Parem com isso. Olha aqui o da cerveja!

Os três Carregadores voltam a se encostar na mesa assoviando a Marselhesa, mais conformados.

GENTIL HOMEM — (*ainda examinando o trono*) Lembre-se que temos uma longa temporada pela frente. Não me faça exageros. O tesouro real não dispõe de um cruzado pra essas ninharias...

MULHER MODERNA — Posso sentar um pouquinho? (*falando com o Gentil Homem, sobre o trono*) Estou tão cansada! (*o Gentil Homem faz uma mesura como se permitisse*)

BUROCRATA — (*impedindo que a Mulher Moderna se sente no trono, e se exibindo para as Damas da Corte que o admiram*) Desculpe, mas infelizmente não pode! Só nádegas reais sentaram sobre esse trono até hoje (*tira um livro do bolso e começa a folheá-lo enquanto fala*) D. Manuel, O Venturoso...

GENTIL HOMEM — (*com desprezo*) Um estróina...

BUROCRATA — (*prossequindo*) D. João III, O Colonizador...

GENTIL HOMEM — (*cínico*) Um pateta...

BUROCRATA — D. João V, o Rei Sol Português...

GENTIL HOMEM — (*mais cínico*) Um devasso...

BUROCRATA — (*irritado*) E agora D. Maria I

GENTIL HOMEM — a louca!

Mulher de feições severas, gestos secos, beirando os 53 anos de idade, caracterizada como Rainha (Séc. XVIII. 1977. Portugal)

Mulher de feições nobres, torturada por uma angústia interminável. Fanática religiosa. Gestos secos, porém doces. Beirando os 43 anos de idade. Vestida com um mijolão de pano grosseiro como costumam os penitentes.

Um homem do povo do século XVIII em pensamentos, palavras e obras.

Idem o Primeiro Carregador.

Um homem do povo do século XX, um estivador de um País do 3º mundo.

Um nobre do século XVIII, cínico e entediado.

Um burocrata do século XX de um País do 3º mundo, subserviente e entediado, com algumas características de um burguês bonachão do século XVIII.

Uma dama da corte do século XVIII.

Uma dama da corte do século XVIII.

Uma mulher do século XX de um País do 3º mundo, que tem uma profissão extra-lar e usa uma pasta para desempenhá-la.

Os três Carregadores que acompanham a cena morrem de rir com o Gentil Homem, enquanto as Damas da Corte reprovam sem ruídos o diálogo e a Mulher Moderna se prepara para discursar alguma coisa, quando se ouve três pancadas fortes e entram a Rainha e Maria arrastando uma imagem de Jesus, enorme, cantando o Magnificat (em latim). Todos os personagens, inclusive os Carregadores, festejam a entrada gritando o REI MORREU, VIVA A RAINHA, O REI MORREU, VIVA A RAINHA. As duas colocam a imagem junto ao trono, e fazem gestos com as mãos para que os personagens parem de gritar.

MARIA — Estamos de luto! (junto da imagem)

BUROCRATA — (adiantando-se, inconveniente, com alguns papéis que pega sobre a mesa, diante dos olhos de desprezo dos Carregadores que voltam a assoviar a Marselhesa) Sim Majestade, nós sabemos disso e estamos de luto com V. Realeza, mas existem algumas coisas inadiáveis para serem tratadas, como a vossa imagem política que já foi traçada por uma agência de publicidade, e alguns projetos econômicos que devem ser discutidos imediatamente!

GENTIL HOMEM — (puxando o Burocrata pelo braço para longe da Rainha, que parece nem tê-lo ouvido e se acomoda à cadeira da mesa de audiências, passando a examinar papéis) Não seja precipitado homem! Há sempre tempo para os projetos!

Os três Carregadores começam a assoviar a Marselhesa um pouco mais alto do que o normal, e a Rainha e Maria tampam os ouvidos como se sentissem dores muito fortes. As Damas da Corte se aproximam delas para ajudá-las, uma na mesa de audiências e outra perto da imagem, enquanto o Gentil Homem, o Burocrata e a Mulher Moderna numa roda discutem assuntos políticos sem dar muita importância às dores de Maria e da Rainha.

MARIA — (para a imagem) “Ai a filha de Marianinha, ai, a neta do Rei D. João, que há de subir a um trono amargo como todos os tronos são”

GENTIL HOMEM — (abandonando a roda, tomando uma repentina consciência da situação) Mas que diabo esses homens estão assoviano perto da Rainha?

BUROCRATA — (abandonando a Mulher Moderna, aproxima-se do Gentil Homem e diz alguma coisa imperceptível)

GENTIL HOMEM — Pois então faça-os parar através de seus métodos!

BUROCRATA — (tira algum dinheiro do bolso e distribui com os Carregadores que diminuem o som do assovio, fazendo a Rainha e Maria tirarem as mãos dos ouvidos) Sejam mais educados perto da Rainha, ou terão de permanecer fora de cena!

GENTIL HOMEM — O trabalho deles já acabou! Mande-os embora!

1: CARREGADOR — Nosso trabalho não acaba nunca!

Todos os personagens, inclusive as Damas da Corte, repetem um a um — O TRABALHO DELES NÃO ACABA NUNCA — As frases das Damas da Corte não devem ser ouvidas. Enquanto as frases estão sendo ditas, os Carregadores mudam o lampião, a mesa de audiências e a cadeira de lugar. A Rainha que se levantou para a mudança, começa a andar em volta do trono, seguida pelo Burocrata e Gentil Homem.

RAINHA — O reino está em ruínas. As prisões repletas de presos políticos.

MARIA — (em delírio diante da imagem) Quando o Ministro conspirou contra nós porque éramos contrárias à sua política, devíamos ter compactuado com a conspiração e abdicado ao trono.

RAINHA — (consolando Maria) *Todo aquele que renuncia ao poder se torna impotente por maior que seja a sua força e por mais forte que sejam as suas razões* (Todos, inclusive os Carregadores que continuam assoviano a Marselhesa, batem palmas. Maria se ajoelha diante da imagem e a Rainha volta a arrodar o trono) Aqui estão as disposições de D. José I, nosso real e digníssimo pai!

Os Carregadores voltam a suspender o som dos assovios.

GENTIL HOMEM — (enquanto a Rainha roda o trono falando imperceptível) Assim é impossível continuar com esses homens em cena! (com os Carregadores) Parem de assoviar essa maldita cantilena!

MULHER MODERNA — Eles não podem, faz parte da história!

GENTIL HOMEM — Então vão assoviar na rua! A história é feita na rua. Eu preciso ouvir o testamento do Rei.

Os Carregadores diminuem o som dos assovios e o público volta a ouvir a Rainha falar.

RAINHA — ... pagar todas as dívidas do Rei, perdoar os criminosos políticos abrindo as prisões e fazendo os barcos trazerem de volta os degredados...

MARIA — (grita como se estivesse tendo visões)

BUROCRATA — (para o Gentil Homem) Para remediar uma crise, provocar outra... pagar as dívidas... pagar as dívidas... só os funcionários do Palácio não recebem salários há quatorze anos.

MULHER MODERNA — (também para o Gentil Homem) Em cinco anos a Rainha resolverá todos os problemas do estado...

BUROCRATA — A Dra. é muito otimista se acha que um problema que carregamos desde o século XIV quando a monarquia se consolidou será resolvido por uma mulher no espaço de cinco anos!

MULHER MODERNA — Uma mulher nunca reinou em Portugal antes!

GENTIL HOMEM — (entrando na conversa, cínico) Aí está a explicação de todos os problemas portugueses...

MULHER MODERNA — O Sr. está insinuando o que?

BUROCRATA — Calma Senhores! D. Maria deve subir ao trono em poucos minutos e nós estamos aqui para ajudar e não tumultuar...

GENTIL HOMEM — (cínico ainda) Esses homens modernos são tão práticos!

MULHER MODERNA — Quero falar com o produtor desse espetáculo agora. Não continuo nem mais um minuto com esses homens em cena! (Abre a pasta e tira dela um telefone sem fio e se põe a fazer queixas para alguém)

GENTIL HOMEM — (para o Burocrata) Você tinha suas razões, são todas iguais, daqui a pouco vai estar pedindo os saís...

RAINHA — *(voltando a ser ouvida)* os cofres estão vazios, tudo que restou desses vinte anos de reinado foi corrupção, suborno, abuso de poder, venda de influência política, favoritismo, incapacidade administrativa e fome...

BUROCRATA — *(para o Gentil Homem)* Ela está falando da minha época ou da sua?

GENTIL HOMEM — Parece que é da minha, por que?

BUROCRATA — *(muito sério)* Porque a história não pode se repetir!

GENTIL HOMEM — *(às gargalhadas)* Pra quem? pra nós? ou pra ela?

RAINHA — *(voltando a ser escutada)* mas posso garantir que a tudo o Rei D. José I ignorava enganado pelo Ministro que o fazia assinar dezenas de documentos sem ler.

GENTIL HOMEM — *(baixinho para o Burocrata)* Mas que sabia ler, isso sabia!

MARIA — *(ajoelhada diante da imagem, em transe)* Ai, a filha de Marianinha, ai a neta do Rei D. João, a que soube de tanto sangue quando a nobreza sucumbia nos fidalgos esquartejados...

RAINHA — Um Rei não pode ignorar nada do que se pratica em seu nome por isso publicamente não podemos reconhecer nada do que ele ignorava.

MARIA — *(provocando a atenção de todos)* Ele ouviu de nossas bocas sempre as torturas e as prisões ilegais, sobre a corrupção do Ministro e de seus amigos!

RAINHA — *(quase sentando ao trono)* Mas entre o que nós sabemos e o que o povo deve saber correm os rios da política.

O Burocrata e o Gentil Homem respiram aliviados, os Carregadores aumentam o som da Marselhesa, a Mulher Moderna larga o telefone sem fio e se dirige às Damas da Corte.

MULHER MODERNA — Ela está falando da minha época ou da de vocês?

As Damas da Corte respondem alguma coisa sem som.

MULHER MODERNA — Ah! *(e com o Burocrata encara o Gentil Homem)*

GENTIL HOMEM — *(afastando-se dos dois)* Não olhem pra mim desse jeito eu não tenho nada a ver com isso.

MULHER MODERNA — *(acompanhando o Gentil Homem)* Você já ouviu falar em dialética?

GENTIL HOMEM — Nunca!

BUROCRATA — *(triste)* Mas vai ouvir falar. É inevitável!

RAINHA — *(voltando a ser ouvida)* Quero que sejam vendidos os dois mil cavalos das cavalaria reais e que com o dinheiro apurado sejam pagos os salários dos funcionários do Estado. Ficam proibidas a ópera e as touradas. Os touros do Rei D. José I devem ser alienados em benefício do tesouro real.

1º CARREGADOR — *(desencostando da mesa, andando pelo palco)* Além da fome que passamos, vamos ficar sem as touradas.

2º CARREGADOR — Essa mulher é maluca! Pra pagar a dívida deixada pelo folgado do pai era preciso vender cinquenta mil cavalos de raça e duzentos mil touros.

3º CARREGADOR — *(seguindo os outros dois)* Mas ela não é louca?

1º CARREGADOR — É, mas talvez ela esteja certa. Porque todos dizem o mesmo: de que adianta cortar os gastos com isso ou com aquilo, se é tão pouco diante do que precisamos, e aumentam os impostos. Talvez a mulher esteja certa!

3º CARREGADOR — Mas nós temos que continuar assoviando por via das dúvidas *(sendo interrompido pelo segundo)*

2º CARREGADOR — Eu estou tão fraquinho pra ficar assoviando o tempo todo...

3º CARREGADOR — Será que é isso mesmo, fraqueza física? ou não será outro tipo de fraqueza?

2º CARREGADOR — Você é um maluco se acha que alguma coisa pode ser modificada com um assovio...

3º CARREGADOR — *(puxando os outros dois Carregadores)* Seus idiotas! eu devia ter desconfiado... pois venham até aqui *(leva-os até o trono)*. Agora assoviem com toda a força que puderem *(os três assoviam e o trono começa a subir do chão, enquanto a Rainha, Maria, o Gentil Homem e as Damas de Honra tapam os ouvidos como se sentissem muitas dores)*

GENTIL HOMEM — *(espancando os Carregadores)* Parem com isso ou mando vocês carregarem penas no Limoeiro tão pesadas que nunca mais vocês levantam

BUROCRATA — *(ajudando o Gentil Homem no espancamento)* Chama a polícia! Chama a Polícia!

MULHER MODERNA — *(se aproximando dos Carregadores)* Nós estamos em suas épocas ou na minha?

1º CARREGADOR — As pancadas são das nossas dona, mas os espancadores são das duas.

MULHER MODERNA — *(afastando o Burocrata e o Gentil Homem)* E as mulheres de vocês, por que não estão aqui?

2º CARREGADOR — Elas não têm roupa pra entrar em cena, Dona, estão nas coxias...

BUROCRATA — Mentira! Estão onde devem estar: em casa tomando conta das crianças, fazendo comida para os maridos machistas! isso é que estão...

MULHER MODERNA — Porco reacionário!

BUROCRATA — Se não fosse uma mulher quem estivesse escrevendo esse texto você tomava um bofetão agora!

MULHER MODERNA — Tenta! tenta! que eu meto um caco na sua cara!

MARIA — *(dando gritos histéricos)* Mandai prender o Ministro e todos os seus auxiliares *(como se tivesse visões)* olhem os que saem das prisões, cegos, desmemoriados, loucos, velhos aos quarenta anos de idade... *(todos se aproximam para ampará-la)*

BUROCRATA — Por que é que eu não estou fazendo Hamlet? pelo menos só tinha a chata da Ofélia pra suportar... e não esse bando de mulheres histéricas... *(com as Damas da Corte que amparam Maria)* Oh que bonitinhas que vocês são, minhas gracinhas silenciosas...

MARIA — ... e há os que subiram ao cadafalso sem nunca terem passado por um interrogatório, sem contarem com um advogado... suas confissões eram entregues aos defensores sem assinaturas e os juízes não se davam ao trabalho de ler as defesas, só as acusações... os filhos das vítimas eram encerrados em conventos com meses de idade pelos supostos crimes dos pais, enquanto o Ministro partilhava os bens dos que eram presos com seus amigos, antes mesmo que as sentenças condenatórias fossem proferidas.

RAINHA — *(que não se mexeu na mesa de audiências)* O nosso poder não pode ressuscitar mortos nem apagar torturas... todos os atos depois de praticados são irreversíveis!

MARIA — *(ainda alucinada, e amparada pelo Gentil Homem e pelo Burocrata)* Se nós lhes pedíssemos perdão de joelhos e lhes entregássemos todos os nossos bens não estaríamos fazendo justiça, mas remediando um erro!

RAINHA — Um erro que o Estado praticou, mas quem é o Estado?

MARIA — O Estado não tem mãos que torturem, nem ira ou ambição que matem!

RAINHA — Nem boca que peça perdão!

MULHER MODERNA — *(enxugando o rosto com um lenço enorme tirado da pasta)* Céus! que cena forte... *(com o Gentil Homem)* Ela está falando de minha época ou da sua?

GENTIL HOMEM — *(irritado)* Eu não sei Madame, eu não sei de mais nada

BUROCRATA — *(abanando-se, nervoso)* Mas eu já disse aos senhores que a história...

OS TRÊS CARREGADORES — *(interrompendo o Burocrata)*... não se repete! *(E voltam a assoviar a Marselhesa)*

MARIA — *(mais calma)* Que Deus tenha piedade de nossa alma! Quando eu era pequena achava que nosso sangue era azul e que Deus nos havia escolhido pessoalmente para ocupar o trono e reinar sobre o seu povo... um dia nós cortamos o dedo e enquanto todos nos consolavam por causa do corte, eu chorava porque o nosso sangue era vermelho como o dos empregados, dos escravos, ou dos macacos que catavam piolhos em nossas cabeças, e porque Deus podia ter escolhido qualquer um de nós, inclusive um macaco, para defender e proteger o seu povo! Agora nós estamos diante do trono que Deus nos destinou, e não parece uma escolha, parece uma sentença!

RAINHA — Que nós haveremos de cumprir!

MARIA — *(afastando-se do grupo e se aproximando da Rainha)* Com que forças Maria? *(fala mais baixo para os outros não ouvirem)* Antes de subirmos ao trono já estamos cercadas de hienas que abandonaram o Ministro logo que D. José morreu e rondam o trono de Maria que ainda será a primeira, como bestas feras em busca de carne crua.

RAINHA — Terão os seus pedaços e não nos estraçalharão...

MARIA — *(voltando para perto da imagem, e sendo acudida pelos outros personagens)* “Ai, a filha de Marianinha, Ai a neta do rei D. João, a que conversa com os santos, a que detestara o pecado...”

RAINHA — *(levantando-se da mesa de audiências)* Ninguém que já teve o poder entre as mãos pode suportar perdê-lo. É como se estivessem arrancando um pedaço de seus corpos a quem as pessoas cumprimentavam, adulavam, pediam e faziam favores. Sem esses pedaços, restam os homens que podem ser respeitados por suas dignidades pessoais, mas isso é muito difícil. Quem, ao nosso redor pode ser respeitado pelo que é e não pelo que pode?

MARIA — *(olha pra todos)* Eu posso!

RAINHA — Podia! quem sabe... daqui a alguns minutos seremos Rainha e a nossa dignidade deixará de ser vista porque existe, para ser proclamada em função de nosso cargo. Não vê como nos adulam nossos inimigos de antes que se achavam seguros junto ao Ministro e hoje dependem de nossa Mercê? É por acaso por nossa piedade cristã ou por nosso senso de justiça que nos bajulam? É pelo nosso poder Maria! E assim é em escala decrescente com os nossos Ministros, com os nossos validos, nossos funcionários, até chegar ao mais miserável esbirro da Rainha, aquele que em nosso nome permite que se limpe o lixo das ruas. Ele também quer o seu pedaço de poder para com ele sentir-se importante e atormentar com carimbos, recusas inexplicáveis, multas, aqueles a quem o nosso poder não alcançou senão para reprimir e proteger.

MULHER MODERNA — *(pensativa)* Engraçado! eu tenho a sensação de que devia perguntar alguma coisa a alguém!

MARIA — *(alucinada)* Pois eu não aceito o poder que tanto fascina os homens, mesmo que Deus o tenha nos destinado!

Ouvem-se três pancadas fortes, a Rainha levanta da mesa de audiências e se dirige ao trono. Todos os personagens à exceção dos 3 Carregadores que continuam encostados à mesa, assoviando,

acompanham-na, deixando Maria sozinha, encostada à imagem. A Rainha, antes de chegar ao trono, passa por Maria, e faz um sinal de que está fechando a própria boca. Os personagens passam a entoar o Te Deum (em latim), enquanto o Gentil Homem traz a coroa e a Rainha se senta ao trono para recebê-la.

RAINHA — “Juro e prometo com a graça de Deus vos reger e governar bem e diretamente, e vos administrar justiça quanto a fraqueza humana permite, e nos guardar nossos bons costumes, privilégios, graças e mercês, liberdades e franquezas, que pelos meus reais predecessores nos foram dados, outorgados e confirmados...”

GENTIL HOMEM — *(muito compenetrado)* “Real, real, real, pela muito alta, muito poderosa, a fidelíssima senhora Rainha Dona Maria Primeira”

1º CARREGADOR — Correm boatos de que vão pôr pólvora sob as galerias... outros asseguram que vão pedir a cabeça do Ministro *(volta a assoviar)*

2º CARREGADOR — Histórias! vocês já viram o povo fazer nada? Vão é se atirar nos pés dela e beijar a borla de seu vestido... *(volta a assoviar)*

1º CARREGADOR — “Vence na vida quem diz sim!”

2º CARREGADOR — Mas a gente vem dizendo sim desde que nasceu! merda!

GENTIL HOMEM — *(aproximando-se dos três, ameaçador)* Eu vou botar a guarda real em cima de vocês!

Os três Carregadores param de associar a Marselhesa e começam a assoviar a Internacional.

GENTIL HOMEM — *(que já está voltando à cerimônia)* Erraram a música!

Os três Carregadores dão uma enorme gargalhada e voltam a assoviar a Marselhesa.

em

RAINHA — *(levantando o trono e andando entre os súditos que a reverenciam)... eles atravessaram o cordão de isolamento e quando a tropa quis repudiá-los eu não permiti, e muitos se abaixaram e beijaram a borla do meu vestido, enquanto outros em delírio gritavam meu nome (dirige-se à mesa de audiências e senta na cadeira enquanto os personagens expulsam os três Carregadores que estavam encostados nela, e rodeiam a mesa).*

GENTIL HOMEM — A situação econômica do reino é tão grave Majestade, que parece que um terremoto assolou Lisboa outra vez. Os cofres estão vazios e devemos aos países amigos e aos nobres, cumulando o povo de impostos para conseguirmos sobreviver.

BUROCRATA — A frota que chega do Brasil vem vazia. O ouro já acabou, e como o Ministro incentivou a criação de indústrias nas colônias, deixando que os seus produtos concorressem com os ingleses, e praticamente proibiu a agricultura, temos uma multidão de falidos e famintos nas vastas e férteis extensões de terras da Colônia.

1: DAMA DA CORTE. — *****

2: DAMA DA CORTE. — *****

Enquanto todos falam, os três Carregadores tentam se aproximar da mesa, o que nunca conseguem porque os outros personagens lhes empurram.

MARIA — Pensa no povo Maria. Os países amigos não precisam desse dinheiro pra comer, e os nobres sempre encontram uma solução para os seus problemas financeiros, mas o povo só conta conosco! Presta atenção quando atravessarmos as ruas. De dentro da carruagem nós podemos ouvir os gemidos, são gemidos de fome...

RAINHA — *(para os súditos)* Vamos tornar a colônia do Brasil agrária outra vez, plantando-se lá algodão em quantidade para alimentar os teares da Inglaterra. Destruam-se todas as fábricas, teares, casas de ourives, indústrias e gráficas que lá houverem, no prazo de dois meses, sob pena da prisão dos infratores.

MULHER MODERNA — *(indecisa)* Agora eu não sei se devo perguntar ou não alguma coisa!

BUROCRATA — Pergunta! Pergunta!

Agora está na hora de perguntar!

MULHER MODERNA — E por que você não pergunta?

BUROCRATA — Porque eu sou um homem bem informado *(tira o livro do bolso e começa a folheá-lo)* Eu sei que essa época não é a nossa época.

MULHER MODERNA — Bem informado coisa nenhuma! Joga esse almanaque fora e me diga em que ano nós estamos...

BUROCRATA — Eu não sou obrigado a responder nada do que não queira, principalmente para a senhora. Vai se instruir dona! Vai!

O bate-boca continua entre os dois, baixinho agora.

1: CARREGADOR — *(parando de assobiar, fala com o 3º Carregador, apontando para o Burocrata e a Mulher Moderna)* Vem cá, eles pertencem ao seu sindicato é?

3: CARREGADOR — *(parando de assobiar)* Não, por quê?

1: CARREGADOR — Não, por nada! *(os dois voltam a assobiar)*

RAINHA — Ficam extintas todas as companhias estatais do Reino e das Colônias, mesmo aquelas que detinham o monopólio de escravos, açúcar e vinho e outras especiarias, e que se encontram desacreditadas pela corrupção de seus administradores e pela incompetência de seus funcionários, cumulando o tesouro real de dívidas...

MULHER MODERNA — *(quase chorando)* Mas Megestade, meu carro é a álcool, e o Ministro garantiu que o álcool...

BUROCRATA — Deixe de fazer vergonha mulher, nós estamos em 1777!

MULHER MODERNA — Céus! nenhuma semelhança é mera coincidência!

RAINHA — Ficam extintos todos os subsídios concedidos pelo Rei D. José I às fábricas portuguesas, aqui ou nas colônias, concedendo-se apenas facilidades e incentivos àqueles da iniciativa privada que queiram desenvolver o progresso das indústrias na nossa terra. As empresas e as fábricas estatais que se encontram em lastimoso estado de decadência, devem ser reorganizadas, e se não ficar comprovado num curto espaço de tempo, que podem existir com recursos próprios, sem onerar o tesouro real, elas devem ser fechadas!

1: CARREGADOR — *(parando de assobiar)* Vão matar a mulher!

2: CARREGADOR — *(idem)* Nem precisa! ela grita muito! faz muita confusão! e o ar lá em cima é rarefeito, vocês sabem? qualquer descuido e é cara no chão! *(para o 3º Carregador)* E aí, o que é que o sindicato acha?

3: CARREGADOR — *(parando de assobiar)* Vamos ter que entrar em greve! As companhias estatais sendo fechadas, milhares de empregados vão ficar sem emprego.

1: CARREGADOR — Mas essas companhias estavam sendo sustentadas com a nossa fome!

3: CARREGADOR — A nossa fome subjetiva não pode ser considerada diante da fome objetiva de milhares de desempregados.

1: CARREGADOR — E como é que se faz a tal da greve?

3: CARREGADOR — Vamos embora! *(saem os três assobiando a Marselhesa)*

Os personagens que até o momento impediam os Carregadores de encostar a mesa, mal percebem que eles foram embora, começam a chamá-los de volta, enquanto a Rainha continua a despachar e Maria a orar defronte da imagem. O Burocrata acaba indo até as coxias buscar os três Carregadores, que voltam com algumas manchas roxas nos olhos, e as roupas desalinhasadas.

CRÍTICA

BUROCRATA — Vocês já estão passando dos limites até pra mim que sou um homem liberal! E parem de assoviar porque senão as coisas ficam piores

1º CARREGADOR — (para o 3º

Carregador) Foi isso que nós ganhamos!

3º CARREGADOR — Nós sempre ganhamos experiência!

2º CARREGADOR — (imitando a *Mulher Moderna*) Mas isso em sua época ou na minha?

RAINHA — (voltando a ser ouvida pelos personagens que ocupam os lados da mesa enxotando os Carregadores) Fica criada a Academia Real de Ciências de Lisboa e como os nossos decretos trouxeram de volta a estabilidade econômica do reino, as óperas podem voltar a ocupar os teatros, contando que as mulheres não subam aos palcos.

As Damas da Corte batem palmas e comentam muito a decisão, sem som, naturalmente.

MULHER MODERNA — Não se pode mesmo confiar em ninguém.

GENTIL HOMEM — Pois é, são as suas colegas de sexo que escrevem dezenas de cartas ao Conselho Real de Censura, pedindo austeridade, naturalmente através de um escriba, porque nenhuma delas sabe escrever.

BUROCRATA — Mas ainda assim um homem não tomaria tal atitude!

MULHER MODERNA — Não me obrigue a tirar o meu aparelho de televisão de dentro dessa pasta!

Burocrata foge da ameaça. A Rainha se levanta da mesa de audiências, dirige-se a Maria e a abraça, deixando todos os personagens mais relaxados, à exceção dos três Carregadores, que com a mesa desocupada pelos personagens que acompanha a Rainha, voltam aos seus lugares, assoviando como sempre a Marselhesa.

RAINHA — Maria, já podemos sentar ao piano e tocar sem nos sentirmos culpadas.

1º CARREGADOR — (assustado com o que houve, interrompendo o assovio) Piano?!

RAINHA — Em pouco tempo, como vês, e através de atos simples, tudo está voltando à normalidade. Não é o povo que paga com impostos escorchantes a ociosidade dos ricos e a arrogância dos poderosos...

Os personagens, à exceção do Gentil Homem, começam a se reunir com os Carregadores perto da mesa de audiências, e a falar em surdina...

MARIA — (calma) Tenho saudades de nossos filhos. Às vezes passamos semanas inteiras sem vê-los senão nas solenidades oficiais onde a ternura é inoportuna.

RAINHA — Mas nossa família está feliz! reabilitamos nosso marido a quem ninguém dava importância na Corte, apesar de 17 anos mais velho do que nós e os herdeiros do trono estão sendo educados como nós mesmas fomos.

MARIA — Não nos iludamos Maria. Tudo parece tranquilo, mas nada pode estar tranquilo onde se pratica o poder.

A agitação perto da mesa de audiência aumenta a cada momento, e já se ouve e se vê o Burocrata assoviando a Marselhesa.

Então, os três Carregadores começam lentamente, muito lentamente, a virar a mesa de audiências diante dos demais personagens, sem deixar de assoviar.

RAINHA — Que mal pode haver quando existe fartura entre o povo e satisfação entre os nobres? (O som dos assovios começa a crescer, e as duas começam a se sentir incomodadas) Ninguém tem queixas de nós. Abrimos as grades que separavam o povo da Rainha nas audiências, proibimos que um preso fique incomunicável por mais de cinco dias...

O Gentil Homem que permanecia distante dos outros personagens, se aproxima da Rainha para comunicar-lhe uma notícia.

MARIA — (em transe, amparada pela Rainha) “Ai a filha de Marianinha, ai, a neta do Rei D. João! A que de olhos tristes mirara paisagens, multidões, semblantes, sentindo a turba alucinada em vãos transportes delirantes, sabendo que reis e reinados são sempre penosos instantes...”

GENTIL HOMEM — Majestade, eu tenho o desprazer de informar que uma conjuração em Goa pretendeu subtrair a Índia ao domínio português e os rebeldes já se encontram presos...

MARIA — (delirando) Sangue... rios de sangue para alimentar esse animal enorme que você é (aponta para a Rainha). A cabeça de todos que queiram fugir ao seu domínio. (Se recolhe perto da imagem)

RAINHA — (voltando ao trono) Que quinze dos reus sejam condenados à morte, e os demais sejam degredados para a África, em territórios que não estejam sob o domínio da Coroa e...

MARIA — Para o inferno... eu não quero ir para o inferno prestar contas de coisas que não quero fazer...

A Marselhesa agora está sendo assoviada por todos os personagens, à exceção da Rainha, de Maria e do Gentil Homem, que saem da mesa de audiências e se refugiam junto ao trono.

GENTIL HOMEM — Um vendaval se aproxima da Europa Majestade. A Inglaterra já foi ferida de morte perdendo sua mais rica Colônia. Os americanos rebeldes estão em toda parte, estão aqui, fomentando a desordem entre os estudantes brasileiros de Coimbra. V. Alteza precisa ser enérgica!

MARIA — Matar! esse é o sinônimo de energia! Matar para alimentar o animal faminto de sangue dos que querem liberdade! (delirando)

Os personagens vão se aproximando do trono lentamente, assoviando e murmurando Pedro, Pedro, Pedro.

RAINHA — (sentada no trono) Você não vê nada, não compreende nada, deixa-se sentir apenas, mas quem muito sente pouco vê! o povo que nós livramos da fome, tem esperança em nosso filho, o infante Pedro, que alardeia onde vai que fará um reinado progressista depois de nós, incentivando as indústrias, reconstruindo as fábricas, e acabando com o Portugal sujo e inculto que ele odeia. E lê e admira os escritores franceses.



MARIA — Pedro, meu filho (*alucina outra vez*)

RAINHA — Enquanto nós cuidávamos do reino descuidamos dele que acabou educado pelos amigos do Ministro, aqueles mesmos que querem de volta o poder que lhes tiramos, e para obtê-lo não hesitarão em arruinar o trabalho que custou a nossa vida.

GENTIL HOMEM — E naturalmente V. Alteza está entre a ternura maternal e o dever político!

MARIA — Vamos abdicar em favor de Pedro!

RAINHA — Para que ele destrua a igreja e imponha a Portugal o terror, a corrupção, a miséria?

MARIA — (*delirando*) A revolução está instalada dentro do palácio “*como o ovo da serpente*” que tem na ave que o gerou sua maior inimiga...

GENTIL HOMEM — (*confiante*) Não podemos esquecer que muitos estão satisfeitos com a prosperidade e a fartura...

Os personagens começam a cercar os três e o trono, assoviando a Marselhesa sem parar e provocando dores nos ouvidos dos cercados.

RAINHA — Mas não podemos contar com eles que andam fartos, pesados, embrutecidos pela felicidade, enquanto os insatisfeitos não comem nem dormem, com todos os sentidos abertos pela nossa queda. Nós lhes tiramos o poder e eles o querem de volta, não nenhum bocadinho, querem todo porque sabe melhor.

GENTIL HOMEM — Não são tão numerosos que nos ameacem Majestade!

Os personagens cercam o trono, assoviam a Marselhesa e murmuram às vezes: liberdade, igualdade, fraternidade.

RAINHA — São os insatisfeitos e independem de número em suas crenças...

Os personagens começam a agir como se estivessem em plena revolução, saqueando, guilhotinando, julgando, e cercando o trono de Maria.

MARIA — (*delirando*) A miséria não pode suceder à miséria, nem a fartura à fartura...”

GENTIL HOMEM — Mas esse ciclo que Pedro quer estabelecer foge às leis de Deus e às leis dos homens. Como pode um filho da casa real voltar-se contra a nobreza e conspirar para tirar-vos o trono, pretendendo acabar com a viradeira e trazer de volta o horror que V. Alteza destruiu.

MARIA — Nunca se destrói o horror entre os homens. Ele tem mil cabeças, mil fôlegos, mil vidas, e mil outras dentro das mil destruídas (*rindo alucinada*)

RAINHA — Se Pedro não fizer a revolução, outro o fará, então ele a fará!

MARIA — (*em transe, diante da imagem*)

“*Ai a filha de Marianinha. Ai a neta do Rei D. João! a que se acreditava livre de qualquer decreto sangrento — quando os horizontes moviam grandes ondas de roxo vento — quando em cada livro se abriam outras leis e outro ensinamento — quando o tempo da realeza em súbito baque violento, desabava das guilhotinas, sobre um grosso mar de tormento.*”

Os personagens desviram a mesa de audiências, e o 1º Carregador senta-se à cadeira, mas é logo expulso pelo grupo, que expulsa o próximo a sentar e assim sucessivamente. O trono entretanto não deixa de ser vigiado.

GENTIL HOMEM — Majestade, é com imenso pesar que anuncio uma sedição em Vila Rica, na colônia do Brasil.

RAINHA — (*dando os primeiros sinais de loucura*) Por que eles? Por que eles que sempre guardaram fidelidade ao rei?

BUROCRATA — (*que pode estar ocupando a cadeira da mesa de audiências*) Foram fiéis enquanto não correu ouro entre suas mãos, enquanto a terra que a Coroa lhes dava e o preço do açúcar que o reino lhes pagava, satisfazia!

MULHER MODERNA — (*disputando a cadeira da mesa de audiências*) As terras foram distribuídas entre aqueles que El Rey escolheu, mas o ouro passou por todas as mãos e permaneceu em algumas indesejáveis!

RAINHA — Eles não querem distribuir conosco as migalhas que saem das minas, discutem o preço do algodão e acham que recebemos muito pelo pouco que fazemos, mas não haverá de ser em nosso reinado que Portugal perderá sua colônia mais rica!

GENTIL HOMEM — Mas para isso V. Majestade precisa ser enérgica com aqueles que ousam ameaçar o vosso poder!

MARIA — (*histérica*) Sangue! Sangue!

RAINHA — (*durante os gritos de Maria*)

“*portanto condenam o réu Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes, alferes que foi da tropa paga da capitania de Minas, e que com barão e pregão seja conduzido pelas ruas públicas ao lugar da força e nela morra de morte natural, para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada a Vila Rica, aonde em lugar mais público dela, seja pregada em poste alto, até que o tempo a consuma. O seu corpo será dividido em quatro quartos e pregado em postes pelos caminhos de Minas, no sítio de Varginha e de Sebolas, aonde o réu teve as suas infames práticas, e os mais nos sítios de maiores povoações, até que o tempo as consuma. Declaram ao reu infame e infames seus filhos e netos tendo-os, e seus bens aplicam ao fisco e câmara real, e a casa que vivia em Vila Rica seja arrasada e salgada, e que nunca mais se edifique, e não sendo própria, será avaliada e paga ao seu dono pelos bens confiscados, e no mesmo chão se levantará um padrão pelo qual se conserve em memória a infâmia desse abominável réu*”.

MARIA — (*alucinada*) Nossas entranhas estão penduradas nos postes de Goa e Vila Rica, nossos inimigos estão esperando nossa chegada no inferno para queimar as nossas carnes pecadoras. Eu não quero ir para o inferno!

E A V

RAINHA — *(dando sinais de loucura)* Através dos relatórios diários de nosso embaixador em França, temos sabido que Luis nada tem feito contra a sua vontade, e que pretende dar uma constituição à França semelhante à da Inglaterra.

Os personagens agarram o Gentil Homem e iniciam o seu julgamento e a sua execução por enforcamento, sem palavras.

MARIA — O século está repleto de revoluções, algumas feitas por estômagos cheios que se podem dar ao luxo de ter ideais de liberdade, e outras feitas por estômagos vazios, executadas pela fome, e quando a fome fala não há sensatez no discurso. Nós estamos caminhando para um outro mundo Maria, um mundo *sem virtudes aristocráticas, onde a vida será um atributo de pequenos burgueses arrivistas.*

RAINHA — *(A cada momento mais transtornada)* Então o Ministro estava apenas começando o trabalho com o seu ódio e a sua inveja aos nobres, matando-os, torturando-os, mas sempre dando um jeito de casar seus filhos com os filhos dos perseguidos, para que alguma nobreza, ainda que rala, ficasse no novo mundo de sangue vermelho. Mas que mundo é esse que está sendo gerado para nos destruir?

OS 3 CARREGADORES — *“Quem quer que seja que ponha as mãos sobre mim para me governar é um usurpador e um tirano e eu o declaro meu inimigo.”*

MARIA — Eu não quero viver nesse mundo!

RAINHA — Nele não há lugar para nós!

GENTIL HOMEM — *(em meio ao julgamento)* Então aqueles que ontem apedrejavam a estátua do Ministro, hoje a reverenciam?! O povo como os anjos, não tem memória e esquece com facilidade as afrontas que sofreu no passado, ainda que viva um presente de fartura.

MARIA — *“Vaidade, vaidade, tudo é vaidade, não há nada que seja novo debaixo do sol, não há memória do que já foi, nem há recordação das coisas que têm de suceder depois de nós”. Que importa a história? os cadáveres dos esquatejados? o castigo no atentado de Belém? Nem os parentes dos nobres que foram encerrados vivos nos esgotos para serem devorados pelos ratos, odeiam os ratos que ordenaram o encerramento (gargalha em delírio)*

RAINHA — Estamos cercados de inimigos, Maria. São nossos *“inimigos aqueles que se sentiram ofendidos pelo fato de ocuparmos o trono, assim como os amigos que nos ajudaram a ocupá-lo e que não puderam ser satisfeitos ilimitadamente”*. Precisamos fugir!

MARIA — *(em delírio)* Nunca em tempo algum Portugal pode desfrutar de tamanha prosperidade... Mas há sangue alimentando a calma e olhos nos telhados espreitando nossos passos. São olhos do demônio. Nós vamos para o inferno!

RAINHA — A prosperidade foi o nosso erro. As *“injúrias devem ser feitas todas de uma vez a fim de que ofendam menos, mas os benefícios devem ser feitos aos poucos, para que sejam longamente saboreados”*.

MARIA — Mas o que querem de nós?

RAINHA — Liberdade! estão todos tomados pelo frenesi da liberdade!

MARIA — Pobres tolos! pura insensatez! O homem terá sempre menos liberdade que um percevejo...

RAINHA — *(rindo, quase completamente louca)* Você já viu um leão atacado pelos percevejos? A revolução é como a peste epidêmica. Ela está assoviando sua música indefinida pelos lábios podres do povo que cerca o Palácio de Queluz. O seu hálito já matou nosso marido, nossa filha, nossos ministros, nosso confessor, nosso genro, nosso neto, e até nosso filho Pedro que a amava! Matou todos ao nosso redor. Está nos deixando sozinhas para o combate final, mas nós haveremos de fugir!

MARIA — *(subitamente lúcida)* A bexiga matou a todos!

RAINHA — *(cada momento mais alucinada)* Ela tem muitos nomes, e quem nos garante que Pedro não morreu com o veneno da contra-revolução?

MARIA — *(entre a loucura e a angústia)* Pobre de mim a quem nada foi poupado! Eu não quero ir para o inferno! Eu não quero ir para o inferno! Estamos mortas! Roubaram-nos as estranhas! Dêem-me de volta ao menos o coração para que eu possa chorar!

RAINHA — *(às gargalhadas)* As Rainhas não podem chorar Maria!

MARIA — As taças estão transbordando de sangue vermelho, todo esse sangue que eu achava que era azul... Todos os macacos catadores de piolhos serão sagrados Ministros da Rainha

RAINHA — Estamos mortas e o Ministro não sabe! Jamais saberá! Comerá as nossas entranhas num banquete no inferno, mas não saberá! Nem ele nem o demônio! *(As duas, Maria e a Rainha se abraçam diante da imagem)*

GENTIL HOMEM — *(ainda durante o julgamento)* *“As principais bases de um estado são boas leis e boas armas, e onde há boas armas convém que existam boas leis”*
2º CARREGADOR — Já não deve ser assim meu caro. A política deve ser *“uma técnica, uma arte, cujo produto, como o da dança ou do teatro, é idêntico ao cometimento do próprio ato...”*

BUROCRATA — *“e o poder só é respeitado enquanto a palavra e o ato não se divorciam, quando as palavras não são vazias e os atos não são brutais”*

3º CARREGADOR — *“quando as palavras não são empregadas para velar intenções, mas para revelar realidades e os atos não são criados para destruir e violar, mas para criar relações...”*

MARIA — Você jurou que os protegeria e os defenderia. Se falhou deve morrer e não matar! (*consolando a Rainha, junto à imagem*)

RAINHA — “*o futuro fala pelas vozes de cem signos, e todos os ouvidos estão atentos...*”

MULHER MODERNA — Céus, agora eu estou inteiramente perdida! Que época afinal de contas é essa?

O 1º Carregador está sentado à cadeira da mesa de audiências. Maria e a Rainha agridem a Rainha hipotética que elas acham que está sobre o trono.

MARIA — Você derramou esse sangue que não sai de minhas mãos por mais que eu as lave. Você matou meu marido, meu filho, minha filha, meu neto, você matou a todos com medo do futuro. Mas ele está nas janelas assoviando como há quinze anos atrás...

RAINHA — Eu olho para ele (*o trono*) e vejo as ruas de França. Luís preso e a cabeça de Maria Antonieta decepada com um grito de horror dado para dentro. O sangue que escorrer de seu tronco é vermelho, da mesma cor do sangue do carrasco. Eu não quero ir para o inferno, lá Satanás é rei, e nós somos sua miserável serva!

Os personagens disputam a mesa de audiência fazendo grande confusão.

RAINHA — Quando existem contradições entre o mundo que veneramos e o mundo que vivemos, ou devemos suprimir a nossa veneração ou a nós mesmas. Venha. Você não ouve o som que eu ouço? (*o assovio da Marselhesa agora ecoa por todo o teatro*) “*é um som que sai do final deste século e que busca esquecer a natureza do homem para adaptá-lo à sua utopia*”. Estão entrando no palácio! Vamos mandar a guarda dispersá-los...

MARIA — (*abraçada à imagem, sonhando*) Eles atravessaram o cordão de isolamento e quando a tropa quis repudiá-las eu não permiti, e muitos se abaixaram e beijaram, a borla do meu vestido, enquanto outros em delírio gritavam meu nome...

RAINHA — (*tentando arrastar Maria para perto do trono*) Venha... estão chegando tropas inteiras, esfarrapadas, toda a comida de Portugal não pode alimentá-las (*o assovio da Marselhesa forte, e os personagens param de disputar um pouco a cadeira da mesa de audiências e passam a impedi-las de chegar ao trono*).

MARIA — Se sempre haverá alguém no poder, por que essa luta eterna?

3º CARREGADOR — Porque o poder dona, longe de ser uma característica dos fortes, parece com a inveja e a cobiça, um vício dos fracos...

A Rainha e Maria começam a passar entre os personagens que tentam impedi-las, para alcançar o trono.

MULHER MODERNA — “*Ai a filha de Marianinha, ai a neta do Rei D. João, a que subiu a um trono amargo, como todos os tronos são*”.

BUROCRATA — “*a que se preservava isenta sobre os desencontros humanos, com os olhos além deste mundo, nesta evasão de meridianos, que não compreendem os Ministros, muito menos os tiranos...*”

1º CARREGADOR — “*Ei-la a sentir o inferno vivo, a família toda abrasada, e os demônios com rubros garfos, esperando a sua chegada, e a liberdade que procura é por flutuantes horizontes, no fusco império da loucura...*”

MULHER MODERNA — “*toda vestida de preto, solto o grisalho cabelo, escondida atrás do leque, velhinha a chorar de medo, Dona Maria Primeira passeia pela cidade...*”

As duas chegam ao trono, enquanto os demais personagens retornam para disputar a cadeira da mesa de audiências.

RAINHA — Você não ouve? eles chegaram! tropas de negros esfarrapados trazendo uma estaca com a cabeça de Maria Antonieta...

O Burocrata consegue finalmente ocupar a cadeira. Os demais personagens rodeiam a mesa de audiências. Rainha e Maria começam a derrubar o trono.

MARIA — Eu ouço, nossas entranhas enfeitam a bandeira, eu não quero ir para o inferno, eu não quero ir para o inferno (*as duas derrubam o trono*)

RAINHA — Desliga-te de mim! Não quero que me sujes! (*sai de cena, deixando Maria sozinha, que se abraça à imagem*)

MARIA — Inferno... inferno... o que pensais que seja isto?

Os personagens começam a abandonar o palco, à exceção do Burocrata que está grudado na cadeira da mesa de audiências, e o Gentil Homem que está enforcado em algum lugar. Antes de saírem todos de cena, ouve-se um assovio isolado da Marselhesa, e os personagens voltam para encontrar o cadáver do Gentil Homem assoviando-a. Todos, inclusive o Burocrata se aproximam dele.

GENTIL HOMEM — Vocês já ouviram falar em dialética?

O 1º Carregador sai do grupo acompanhado pelos demais, carrega o lampião e começa a levá-lo para outro lugar.

1º CARREGADOR — Como pesa essa merda!

2º CARREGADOR — (*caminhando para carregar o trono*) Pesa menos que a consciência do Presidente!

Ra.

Aninha Franco nasceu em Salvador, Bahia. Publicou, entre outros, 48 a 56 (*poesia*), Meres (*Observações de um Príncipe Lilás e "O"* (*Romances*), Rateu e Gatinha (*Infantil*), Feio não tem Caráter (*teatro*).

Casa do Benin

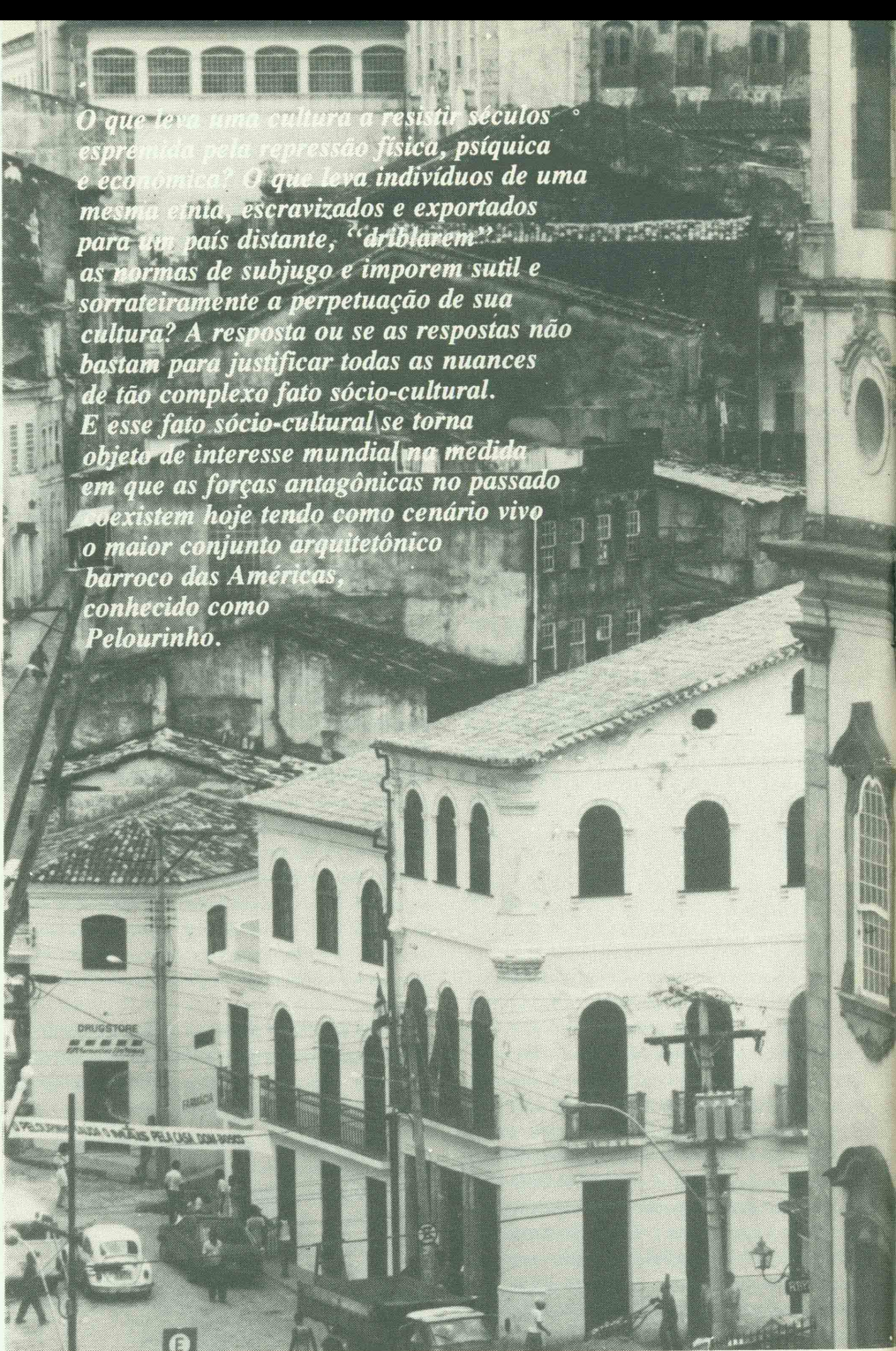
É nesse conjunto barroco, mais precisamente na Rua Padre Agostinho Gomes, nº 17, que uma boa fatia do esforço de revitalização do Centro Histórico foi canalizado. A Casa do Benin foi criada para servir de forte cultural avançado, um pedaço daquele país africano no território baiano. Mas, por que o Benin? Essa é uma resposta que só o movimento dos barcos que levavam fumo do Recôncavo Baiano e traziam negros africanos embarcados no Golfo de Benin, explica. Foi assim durante muito tempo.

Comércio ativo

A atividade dos barcos era intensa. Segundo o etnólogo francês Pierre Verger, mais de uma centena de barcos navegava regularmente entre a Baía de Todos os Santos e o Golfo de Benin no século XVIII. Nesse período, os países europeus aumentavam suas fronteiras econômicas através da escravização em massa da mão-de-obra africana. Tudo isso numa escala tão devastadora que 9,5 milhões de africanos entre 1502 e 1860 foram transportados para as Américas, segundo a historiadora Katia Mattoso, sendo que, desse total, 6,2 milhões, ou seja, mais de 65% desse comércio escravocrata aconteceram no século XVIII.

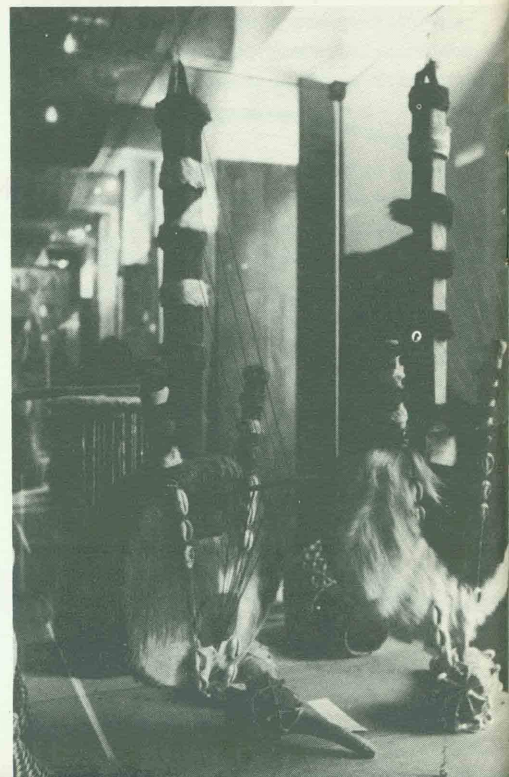
O porto principal de embarque dos negros africanos para a Bahia situava-se junto ao Forte de São João d'Ajuda onde hoje está a cidade beninense de Uidá. Segundo Kátia Mattoso, era muito boa a receptividade que o fumo de terceira qualidade produzido no Recôncavo encontrava nas costas africanas e sua troca como produto comercial com os negros aprisionados, era imediata. Os negros do antigo Daomé,

O que leva uma cultura a resistir séculos espremida pela repressão física, psíquica e econômica? O que leva indivíduos de uma mesma etnia, escravizados e exportados para um país distante, "driblarem" as normas de subjugação e imporem sutil e sorrateiramente a perpetuação de sua cultura? A resposta ou se as respostas não bastam para justificar todas as nuances de tão complexo fato sócio-cultural. E esse fato sócio-cultural se torna objeto de interesse mundial na medida em que as forças antagônicas no passado coexistem hoje tendo como cenário vivo o maior conjunto arquitetônico barroco das Américas, conhecido como Pelourinho.



guerreiros por excelência, foram assim vetores indispensáveis para o aprisionamento de outras nações e sua "exportação" para as Américas. Assim vieram gêges, nagôs, iorubás, fons. Hoje a República Popular do Benin tem quatro milhões de habitantes e 46 diferentes etnias aglutinadas antes do período colonial sob a batuta dos reis de Daomé.

Segundo nos conta Pierre Verger no seu livro *'Fluxo e Refluxo'*, a Bahia e o Benin são pontas culturais de uma mesma rota, daí o interesse da coordenação de revitalização do Centro Histórico de marcar a passagem desde importante laço cultural. Uma referência continental que serviria de referência à própria concepção do Centro Histórico como área de atuação cultural. "Não queremos que essas casas sejam simples fachadas, como um cenário morto", sentencia a arquiteta Lina Bo Bardi, responsável pela execução da Casa do Benin em Salvador.





A Casa

Presidida por Arlete Soares e inaugurada em maio deste ano, precisamente no dia 6, a Casa do Benin, segundo a mesma Lina, é a documentação realizada no *Fluxo e Refluxo*, no livro de Verger e levada a cabo de uma maneira simples, pobre, no sentido mais moderno da palavra, mais rico de fantasia, adequação e espontaneidade. O imóvel era ruínas até bem pouco tempo e sua última função tinha sido a de um armazém de secos e molhados antes de incendiar-se. Para torná-lo uma espécie de embaixada cultural beninense na Bahia o processo foi árduo. Algo que Lina Bardi definiu como "terapia intensiva".

A primeira inovação na casa de 12 portas e 28 janelas seria um "buraco" que reunisse verticalmente todos os andares do térreo, local de exposição permanente de coisas do Benin, até a cobertura do último andar, alojamento de quatro quartos para estudantes e pesquisadores africanos ou brasileiros em estudo na cidade. Entre aqueles, o primeiro andar, local de venda de livros africanos e palco de exposições e segundo andar combiblioteca, que precisa de doações de livros, local de cursos, palestras e projeção de vídeos.

Ao lado, formando o Conjunto do Benin, será inaugurada a Casa do Representante do Benin com restaurante com comidas típicas, aberto ao público, com cozinha industrial e uma única mesa comunitária como é tradição naquele país africano. A arquiteta Lina Bardi avisa que a Casa do Representante onde estará funcionando o restaurante e servirá de residência da autoridade beninense, não é um anexo mas um prédio próprio.

Arquitetura

As colunas de concreto "enxertadas" para sustentar toda a estrutura que um dia já esteve prestes a ruir eram volumosas demais para um espaço tão "pequeno" e Lina Bardi decidiu revesti-las com palmas de coqueiros trançadas à mão, seguindo a tradição dos trabalhos artesanais de folhas, ta-

quaras e fibras dos países africanos. Um muro-muralha corria paralelo à fileira de portas-janelas da grande fachada e o projeto resolveu conservá-la apenas lhe tirando o reboco e conservando a simplicidade das pedras e terra.

A maior consequência do projeto de Lina Bardi é a perfeita adequação do *modus-vivendi* africano com as características da casa e as condições estruturais de suas paredes. Com o grande "buraco" criado por Lina desenhou-se um canal de ventilação que torna o ambiente mais arejado. No prédio da Casa do Representante do Benin está sendo utilizado pela primeira vez a técnica de restauração de casarões arruinados criada por Lina Bardi e João Filgueiras Lima, "Lelé", empregando argamassa armada.



Manifestações culturais

A primeira atividade cultural da Casa foi o lançamento de um livro sobre a cultura africana. A segunda atividade é um curso-oficina sobre trançado de palha de coqueiros uma técnica secular passada de pai para filho na África e quase extinta no Brasil. Com o traçado de palhas de coqueiros se constrói chapéus, cestos, divisórias e até telhados, tudo o que a imaginação alcançar, avisa Augusto Cesar, responsável pelo curso. A técnica ele aprendeu em criança e hoje traz espanto e curiosidade com o efeito que o trançado produz nas pessoas.

No Benin, o artesanato é uma tradição viva. O mercado de Dantokpa, em Cotonou (capital do país, 350 mil habitantes), é o grande entreposto de vendas de artesanato e se parece muito com a Feira de São Joaquim. Cesteiros e suas produções em palha e junco, ceramistas, latoeiros (utilizam sucata como material) são expressões de uma arte utilitária ou de fins religiosos que marcam a cultura do Benin e que junto com filmes, vídeos e fotos serão visitados por todos aqueles que conhecerem a casa.

Enquanto isso o governo beninense está construindo a Maison du Brésil em Uidá para servir de posto avançado da cultura baiana naquele país.

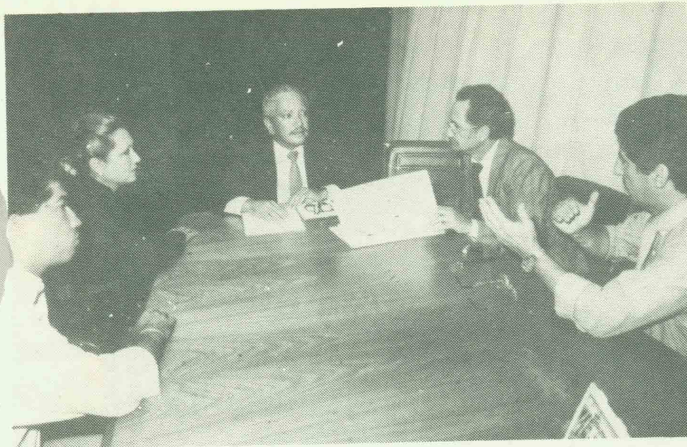
Todo esse intercâmbio hoje não seria realidade se um etnólogo francês não chamasse a atenção para os intensos reflexos que o comércio de escravos trouxe para Salvador e Uidá. Pierre Verger, seguindo a trilha de suas pesquisas, foi um dos primeiros a testemunhar para o grande público a importância de três séculos de relações estabelecidas entre o Benin e o Brasil. A Casa do Benin é a primeira realização concreta, um posto pioneiro.



Walber Carneiro é jornalista, trabalha na tevê Educativa, e tribuna da Bahia.

PESQUISAS

Em julho/agosto foram realizadas na Fundação Casa de Jorge Amado as seguintes pesquisas: Sonja Mara Mota Ferreira, Salvador, para reportagem em *Memória Viva*; Albenisio Fonseca, A Tarde, Rose Gonçalves, Tribuna da Bahia, Fernando Queiroz, Correio da Bahia, Maria José, O Globo, para reportagens sobre os "30 Anos de Gabriela"; Beto Guneli, Suíça, para reportagem e entrevista com Jorge Amado; Antonio Olliz Boyd, Professor da Temple University, Pensilvânia, Estados Unidos, sobre "Gabriela, sign and symbol", monografia; Thomas Colchie, para uma bibliografia de Jorge Amado para a Editora Viking Perquior, de Paris; Eduardo de Assis Duarte, para a tese "Jorge Amado: Romance e Política"; e dos alunos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, do 2º grau dos Colégios Paulo Américo de Oliveira, Maricá, Teixeira de Freitas, Presciliano Silva, e da Escola Auxiliar de Enfermagem.



A Fundação Banco do Brasil é a mais nova mantenedora da Fundação Casa de Jorge Amado. O convênio entre as duas instituições foi assinado no dia 29 de julho, na sede do banco, em Salvador, pela diretora executiva da Casa, Myriam Fraga, assistida pelo gerente administrativo José Raimundo Ribas, e o representante da Fundação Banco do Brasil, Dr. Hermes de Oliveira Queiróz, gerente geral do banco na Bahia, o Dr. José Pacheco de Oliveira, gerente adjunto de operações, e Dr. Renato Bastos Almeida, supervisor da área de operações.

REGISTRO SETEMBRO

Dia 1, a partir das 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, lançamento do livro de estreia de Luiza Vianna, "Amores de Quando Corpo", com apresentação cênica dos poemas pelas atrizes Meran Vargens e Selma Santos e do conjunto musical Olho D'Água.

Dia 1, às 16h30min, na Fundação Casa de Jorge Amado, palestra sobre Cecília Meireles, a mulher na literatura", por Darlene Sadlier, professora de literatura brasileira e portuguesa do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Indiana, Estados Unidos. Promoção conjunta com o Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro e apoio do Consulado Norte-americano.

De 5 a 14, na Fundação Casa de Jorge Amado, exposição de fotos de "Gabriela", da Rede Globo com exibição em vídeo compacto a partir das 14h30min.

Dia 8, às 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, o Prof. Vivaldo da Costa Lima ministra curso sobre "A Cozinha Baiana numa abordagem antropológica", desenvolvendo esta temática através dos seguintes itens: introdução ao tema e terminologia, estudo das fontes escritas, o dendê e a pimenta numa visão historiográfica e etnobotânica, a cozinha do candomblé, o simbolismo e o ritual, a dieta dos orixás, tradição, mudança e invenção, a economia da cozinha baiana.

Dia 9, das 15 às 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, até dia 30, às quartas e sextas, a Professora Ana Lia Obeid, formada em letras pela Universidade de La Plata, Argentina, e mestre em Teoria da Literatura pela PUC — Rio Grande do Sul, inicia Oficina Literária.

De 13 a 21, terças e quartas, às 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, o Professor Cid Oliveira realiza curso sobre Introdução a Mitologia", com o seguinte programa: o símbolo e o mito, seus conceitos; Cronos Saturno, no mito e na astrologia; Adonis; Deméter e perséfone, o mistério de Eleusis.

Dia 21, às 18h30min, no Teatro Santo Antonio, numa promoção da Fundação Casa de Jorge Amado, a atriz e escritora Lygia Bojunga Nunes apresenta o monólogo "Livro um encontro com Lygia Bojunga Nunes", onde numa representação teatral leva até o público a literatura, o livro, sua obra, num tratamento inteiramente inovador de comunicação para este tema.

De 26 a 29, no Palácio Rio Branco, às 17 horas, numa promoção conjunta da Fundação Casa de Jorge Amado, Museu Eugênio Teixeira Leal e Fundação Pedro Calmon, realiza-se o seminário "Ciclo do Cangaço, sua revisão histórica". Programação: dia 26, conferência de Frederico Pernambucano de Mello, "O Homem Pecuarista Nordestino e o Cangaço"; dia 27, Alvaro Rubim de Pinho, "Visão Criminológica do Cangaço"; dia 28, Walfrido Moraes, "Geografia do Sertão"; dia 29, depoimentos de Juarez Conrado, Oleano Coelho Fontes e José Umberto Dias.



Com o objetivo de promover cursos, conferências, simpósios, exposições, e outras manifestações, numa atividade técnico cultural conjunta, a Fundação Casa de Jorge Amado, Museu Eugênio Teixeira Leal e Fundação Pedro Calmon firmaram convênio dia 5 de setembro. Ao ato, no Palácio Rio Branco, presidido pelo Secretário de Cultura José Carlos Capinam, assinaram Dr. Afonso Maciel Neto, Dr. Germano Tabacof e Dr. Paulo Maciel, representando as referidas instituições.

Outubro

De 3 a 27, às 19h30min, no Teatro Vila Velha, ciclo de 18 palestras sobre "Os Sentidos da Paixão" e "O Olhar", curso livre do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Funarte, numa promoção conjunta da Fundação Casa de Jorge Amado, Secretaria de Cultura e Fundação Cultural do Estado da Bahia, Universidade Federal da Bahia e Bahiaturisa.

Dia 12, às 17 horas, na Academia de Letras da Bahia, palestra da escritora Maria Alice Barroso e lançamento do seu mais novo livro "A Saga do Cavalo Indomado". Promoção conjunta da Fundação Casa de Jorge Amado e Academia de Letras da Bahia.

Dia 20, às 17 horas, no Palácio Rio Branco, palestra do Professor Cid Teixeira sobre "Os Monumentos Históricos de Salvador". No mesmo horário, no Salão dos Espelhos, inauguração da exposição de postais raros e fotografias do Centro Histórico, mostra abrangendo das Portas do Carmo às Portas de São Bento, do acervo do Temporal. Promoção conjunta da Fundação Casa de Jorge Amado, Fundação Pedro Calmon e Museu Eugênio Teixeira Leal.

Dia 27, a partir das 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, lançamento do livro "O Canto do Pajé", de Herminio Bello de Carvalho, reunindo histórias de Villa-Lobos a partir de suas relações pessoais e profissionais com importantes músicos da sua época. Promoção conjunta com a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.



A Fundação Casa de Jorge Amado está aberta ao público, com exposição do acervo documental e artístico do escritor Jorge Amado, de segunda a sexta das 9 às 18 horas.

Caderneta da Caixa

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Esta é a maior, melhor e mais segura caderneta de poupança do País.

Bahia. Aqui o Brasil é mais dengoso.



A Bahia vive entre o mar e a poesia.

De um lado, mar e céu azul contrastam com areias brancas e refletem um sol quase sempre de 28 graus, que aquece e bronzeia a pele morena dos filhos da terra. Do outro, o dengo, a magia e os encantos, que nenhuma terra tem.

São mil quilômetros de praias maravilhosas, muitas delas desconhecidas e algumas completamente inexploradas. Um verdadeiro paraíso tropical, dono de uma infra-estrutura turística moderna e competente, que inclui confortável rede de hotéis de três, quatro e cinco estrelas. Como se não bastasse, um centro histórico declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, e nada menos que 365 igrejas.

Na Bahia, o sagrado e o profano convivem harmoniosamente. Na Lavagem do Bonfim ou no Carnaval, seu povo bom, bonito, hospitaleiro, que também

é mestre nos sabores exóticos da culinária afro-brasileira, esbanja graça, cultura e criatividade.

Sol, festa, música, sensualidade e uma religiosidade cheia de fé e tradições. Tudo isso faz parte da Bahia que lhe espera.

A terra mais dengosa do Brasil.

Bahiatursa
Órgão Oficial de Turismo

GOVERNO DEMOCRÁTICO

BAHIA

SECRETARIA DA INDÚSTRIA,
COMÉRCIO E TURISMO



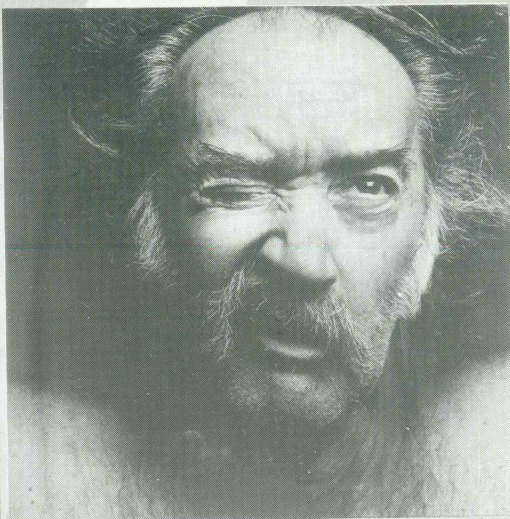
CRAVO

Considerado por todos os estudiosos e pelos colegas como um dos pioneiros da arte moderna na Bahia, Mario Cravo Júnior é há cerca de quarenta anos uma das pessoas de mais íntimo convívio com a cidade, sua gente e um dos artistas mais criativos, para alguns confundido até como rebeldia, da vida cultural baiana. Sua história confunde-se com nossa arte. Reproduzimos em forma de depoimento, uma conversa

que tivemos, assistido por um dos pintores da nova geração, Sergio Rabinovitz, que passou por seu atelier e teve sua orientação.

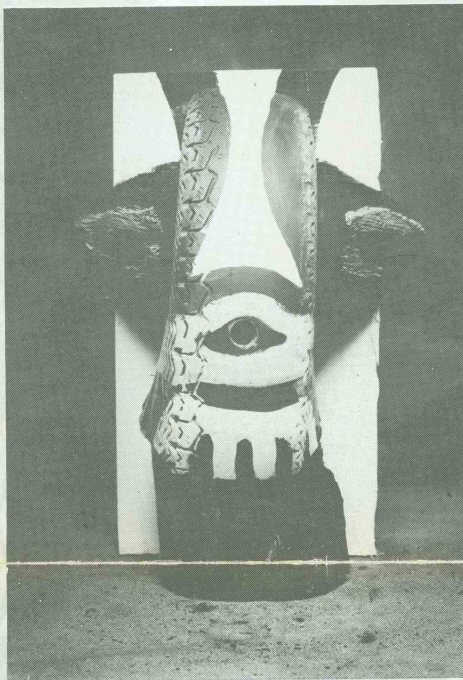
Ao iniciarmos dizendo que esta entrevista já deveria ter acontecido, ele afirmou: *As coisas só acontecem quando tem de acontecer. Não se pode botar pra frente nem deixar passar a hora. As coisas são assim.*

Assim, então, agora, Mario Cravo Júnior.



É muito difícil fazer uma entrevista assim. De afogadilho fazer um levantamento em termos de historicidade. É muito difícil as pessoas se situarem. Toda autocritica é parcialmente mentirosa. Ela é parte verdadeira. A outra é uma interpretação de cada um. Eu acho que a história é uma invenção. É uma invenção de quê? Talvez de querer ver quem sabe mais, quem deblatera mais. Nós temos a impressão. Eu estou dizendo isso porque eu vou dar uma opinião pessoal, sem poder assumir a responsabilidade pelo evento em termos de contexto. Isso, as pessoas que estiveram presentes é que deverão ter documentado as suas impressões. Falar de mim? Pra mim é difícil falar sobre mim mesmo, entende? Ainda mais como referência de liderança de grupo, não é? Porque na realidade, eu realmente não me sentia como líder nenhum! Esse é que é um problema curioso. Veja bem: no grupo de artistas no qual me enquadro, na chamada Arte Contemporânea, Arte Moderna pra ser mais explícito, não houve nenhum manifesto, não havia reunião de grupo para defender um slogan, um pensamento, uma proposta. Coisa que se tornou tão comum nos anos posteriores. Então eu não vejo, veja bem, isso sem problema de falsa modestia, este título, que eu considero isso um prêmio, ser considerado um dos cabeças que lideravam a primeira geração de artistas. Talvez este seja o grande prêmio da minha vida, e olhando sob um ponto de vista, ele é injusto, no meu modo de ver. Porque em realidade eu não fiz esforço para liderar grupo nem desejar este reconhecimento. O que aconteceu? Me parece é que os indivíduos, um grupo de jovens, o movimento é ativado através de uma série de acontecimentos coincidentes, ou pela presença de certos fatores, não só homens, como fatos. Por exemplo? Esse movimento começa quando a Bahia é redescoberta geograficamente. Era uma cidade que vivia dormitando há 200 anos, sem importância nenhuma. Eu me recordo muito bem que passavam aqui escritores e acidentalmente o navio parava no Porto de Salvador. Amantes da terra, saíamos a mostrar a cidade, e a grande surpresa era o espanto dessas pessoas em saber que a Bahia existia. Essa redescoberta, essa retomada da Bahia, é aí o início da primeira estrada Norte-Sul. Por isso quando fomos a São Paulo, e aí já vinham as Bienais, aí ficávamos. Como transporte era muito difícil, fíamos de carro, eu gostava muito de dirigir, e às vezes demorava cinco dias. Se chovia, parava-se na beira da estrada. Quer dizer, eu estou falando de um mundo físico que vocês jovens de hoje não podem ter a menor ideia. Como era a cidade do Salvador? Ninguém tem a menor ideia. Que tipo de exposição se fazia aqui? Aonde? Como? Eram aqueles panos com babados, seguidos de refletores, na antiga Biblioteca Pública. É onde começamos a expor. Mas começamos o quê? Começa Carlos Bastos a expor. Isto não tem nada que ver com movimento. Eu morava no Garcia, Carlos com a avó na Canela, e Genaro no Campo Grande. Nós fomos três artistas filhos de comerciantes de classe média. É preciso que essas coisas sejam comentadas e encaixadas para se compreender. Nós nos encontramos jovens que gostavam de pintar ou fazer esculturas, outros desenhar, e essas três pessoas que foram os três primeiros, começamos a nos identificar. Através do contato. Genaro pintava marinhas. Jovenzinho ainda. É uma coisa curiosa, expunha aqui na Bahia e vendia todos os trabalhos. Coisa que só os velhos professores acadêmicos faziam na época, e como os quais nos dávamos muito bem. Não havia esse negócio de grupinho. Veja bem: um grupo de escola tal é contra a escola tal. É muito difícil à distância se encantar os acontecimentos com as medidas e os padrões que nós temos hoje. Porque não se pode absolutamente ter uma ideia do que era essa coisa há quarenta anos atrás. Nada, no que concerne as atividades das chamadas Artes Plásticas. Mas, esse primeiro grupo inicial, nós encontramos porque desejávamos fazer nossa pintura, éramos jovens. Depois passamos a expor juntos. Mas começamos trabalhando cada um em seu atelier, à sua maneira, e nos víamos de vez em quando. Mais não havia. Esse grupo a que se referem é posterior. É outra coisa, entende?

O primeiro catálogo, o primeiro livro de escultura contemporânea que eu tive na minha mão, encontrei no atelier, na oficina de Pedro Ferreira, que é o último grande santeiro baiano, com quem eu trabalhava. Foi um santeiro, lá de Santo Amaro, a primeira pessoa que, curiosamente, me deu um catálogo chamado Art of today, uma publicação inglesa da segunda metade da década de trinta. Foi depois para a América e passei um ano e meio lá. Aluguei um espaçozinho no Village e fiz uma exposição. Essa foi pra mim uma experiência que me abriu a cabeça. Sair da Bahia para Nova Iorque. E após a Segunda Grande Guerra! Aqui estava cheio de arestas regionalistas, sensivelmente provincianas, uma natural tendência de uma certa xenofobia. Quer dizer, então nós vivemos um dilema, estou fazendo uns comentários paralelos, mas a informação de caráter internacional e a perda de certas raízes, ou a exacerbação dos valores regionais com total desconhecimento de padrões das linguagens mais atuais, em termos de técnica, de formas, então, essa dosagem, eu tenho a sensação de uma tentativa de equilíbrio, entre aspas, e eu digo entre aspas porque é de conotação variável, de encontrar uma identidade. Primeiro, nós tínhamos tido essa experiência no exterior — quando fui, Carlos foi também para a América e Genaro pra França. Então, nós tivemos uma chance, talvez, comum, de viver numa cidade até então isolada desse convívio com a problemática das artes plásticas internacionais e de sair daqui. Por causa, também, a termos familiares que possuíam a capacidade de nos manter, já que a ajuda oficial formal nunca existiu. Até hoje uma bolsa de estudos para um jovem fazer um estágio no Rio de Janeiro, pra não se falar em Europa, não existe! Quer



MÁSCARA

Madeira e Pneu Pintado/1988 0.70 x 0.48 x 0.37

dizer, as coisas mais importantes são vedadas e permanecem quarenta anos depois incompreendidas, como se ir para um centro maior e quebrar essa tendência de excesso de regionalismo, que é o normal. Bem, regressando da América, vim cheio de vida. A gente quer botar pra fora o que viu reaproximando também das raízes. Retomando. É quando chega Carybé. Então aí, veja bem, através de ligações de meu pai, consigo um local que tinha sido interditado e que seria um cassino, ali onde hoje é o Grande Hotel da Barra, e era um prédio inacabado, fechado com tapume, com um morador que era o vigia. Nós então ocupamos. Aí, então, esse é que é o problema, nesse espaço amplo, sem instalação, fizemos o atelier. Essa é uma coisa curiosa que a maioria dos jovens, quer dizer, dos grupos jovens que se sentem injustiçados, permanentemente injustiçados, não se apercebe de que o problema da atividade criadora prescinde de um apoio formal, especial, porque é uma questão de energia, de afinidades. Então, esse espaço de um prédio inacabado, que eu ocupei através de um relacionamento de meu pai com o proprietário, porque estava fechado, levando instrumentos de trabalho, porque havia minhas técnicas de trabalho — comecei a trabalhar em gesso, chumbo batido — e chegando pessoas, Rubem Valentim, seu irmão Jorge, Jair Gramacho, Wilson Rocha, aparece Lygia Sampaio, é a única mulher que trabalhou lá, enfim, Agnaldo, que não tinha onde ficar e passou a tomar conta, enfim abriu-se um espaço onde meia dúzia, oito ou dez jovens trabalharam intensamente lá durante um ano, um ano e meio. Com isso nos aproximamos da cidade. Fomos a uma puxada de xaréu, candomblé, e veio Verger para a Bahia... Então, veja bem, tudo isso é uma espécie de redescoberta, e tudo encontrou não só uma identidade, primeiros contatos com certos elementos de informações, uma aproximação de fontes até então inexploradas. Coisas que eram relegadas como a capoeira. Capoeira era negócio de moleque, de baderneiro. Essa era a imagem que a classe média fazia. Nós então nos aproximamos e houve uma espécie de euforia de descoberta da cidade e conhecimento com linguagem e com técnicas, já que não éramos neófitos nem regionalistas no sentido restrito da palavra.

Quer dizer, realmente, talvez a minha responsabilidade, a minha ação maior, tenha sido de agente deflagrador desse mundo, pelo simples fato de ter tomado a casa e dizer: é esse o espaço, é aqui que tá fundado o negócio, eu trabalho e cada um de vocês faça o que quiser. Então, brincávamos, discutíamos, farreávamos, e isso na época que o lado da Barra era um cemitério. Calmo, pacífico, passava um carrinho de táxi uma ou duas vezes pela manhã. Mas, veja bem, esse grupo trabalhava no atelier, paralelamente outros artistas da mesma geração trabalhava, sem frequentar. Isso é outro engano. Carlos Bastos não ia lá. Encontrava-se acidentalmente. Eu fiz isso com Carlos antes de irmos para a América. Genaro pouco aparecia. Quer dizer, não havia esse sentido que se dá

e que se imagina, pode-se imaginar hoje, de um conchavo, de um encontro marcado. Não, nada de coisa ortodoxas, oficiais, officinas, absolutamente nada. Eram jovens querendo trabalhar e satisfeitos por trabalharem de certa maneira próximos um do outro. Como aconteceu com toda geração. Não tem nada de excepcional entre o que aconteceu na década de quarenta com o que está acontecendo de lá para cá. E será assim. O que houve foi, me parece peculiar, uma coincidência desses jovens com dois fatores históricos: primeiro, a saída da Bahia, e segundo a descoberta da Bahia e a vinda para cá de artistas e intelectuais com uma visão nova para as coisas regionais.

A mim me interessava não só o desenho feito na presença da coisa, da forma ligada às raízes, mas nunca de uma forma documental. Eu sempre tive interesse, talvez devido ao meu temperamento rebelde, de reelaborar em cima. Eu queria interpretar o troço, entende? Eu não tinha capacidade e não tenho até hoje, a verdade seja dita, desse senso disciplinar, de uma dependência a uma temática, por exemplo, eleita. Isso foge. É possível que esta insegurança, veja bem que eu vou usar esta palavra, esta instabilidade, seja uma das chaves da minha relativa autonomia. Porque eu nunca pensei em estabelecer uma referência estilística. Veja bem: que sou um homem que faço esculturas, não por impulso lógico, eu faço isso porque tenho imenso prazer em fazer. Eu gosto de suar, criar um problema e me consumir nele. Foi essa opção que as artes plásticas trouxeram para mim. Foi de fazer algo que realizasse o meu relacionamento com o universo, em termos de comunicação. Quer dizer, as variáveis e as modificações, elas são muito mais aparentes que reais. Porque se um dia, outra pessoa se interessar em ver de perto o meu currículo em forma de objetos, vai ver que há uma linha, há uma estrutura dentro dela. Uma escultura de quarenta anos passados é como se tivesse feito agora. Como eu posso retornar também a abordar uma problemática aqui em poucos segundos. Eu não tenho uma justificativa intelectual para o retorno, como a soma de materiais, entendeu o que é? As vezes estou interessado num assunto. Agora eu estou fazendo uma série de objetos que me levam de volta ao convívio e emoções da minha primeiríssima infância. Esse negócio de quatro, cinco anos de idade. Os objetos móveis que estou fazendo e que me divertem profundamente. Por que razão? Mas não há razão para você se rever num processo de reelaboração e de recriação. Os homens estão sempre querendo explicações para um ato que não tem explicações. Não é necessário ao ato criador uma explicação a não ser ele próprio. As pessoas têm muita dificuldade em aprender o sentido da liberdade, liberdade entre aspas, da criatividade.

A minha luta toda, minhas exposições, eu fui um indivíduo que desde o começo, as coisas que eu fazia botava em praça pública. Eu sou, talvez, um dos poucos escultores do Brasil que tem uma experiência, um contato com o homem comum em cidades brasileiras. Em cinquenta, fiz exposições na Praça da Sé. O que é isto? É uma devolução, um retorno à minha cidade, a minha coletividade, dos elementos de inquietação, de ansiedade e de permuta. As pessoas sempre a perguntarem o que isso significa? E eu dizia: mas não significa, a coisa é. Gostem ou não gostem, seja simpático ou não. Tudo bem, mas a significação é o ser. Para mim, arte, é a resposta.

Não sou eu que faço a polêmica. Eu estimulo, eu libero as formas. Talvez o inconsciente da minha cidade. E as pessoas ficam apavoradas em identificá-los. O que eu faço simplesmente é tirar, sem vergonha, e pode tomar em todos os sentidos a palavra sem vergonha, e as pessoas da minha cidade ao receberem ela, enojarem, gritarem, debocharem e agredirem. A identidade é um recíproco. Não sou eu que sou escandaloso, é que a minha cidade também o é. Então, aí, nesse caso, somos de certa forma irmãos. Eu acho que a minha cidade me compreende, porque as minhas mensagens eu as coloco facilmente em contato de pele.



Texto: Claudius Portugal
Fotos: Mario Cravo Neto
EXI N.º 5, Fundação Casa de Jorge Amado
Salvador, Bahia 1988
Não pode ser vendido separadamente